

Natal sem Governo

NÃO termos Governo, em exercício pleno de funções, não será falta que se sinta à mesa do Natal. Outras serão as carências em muitas casas portuguesas, outras as amarguras e as perplexidades. Todavia, o facto de não termos Governo e de não se vislumbrar, na simples sequência da demissão do Primeiro-Ministro, e no quadro complexo das relações do PSD com o CDS, uma solução política que além de uma substituição de pessoas seja uma renovação da prática política, é de molde a colocar aos portugueses alguns problemas.

O observador imparcial e suficientemente distanciados da intriga política, não pode deixar de considerar que a demissão do Primeiro-Ministro veio mostrar que o PSD tinha grande dificuldade para indicar um candidato à chefia do Governo que o CDS aceitasse e que merecesse a confiança (política/institucional?) do Presidente da República. A «substituição» encaminha-se para uma «repetição» (sob pseudónimo). E teremos, com as segundas figuras do PSD, a mesma política, as mesmas hesitações, o mesmo complexo de inferioridade perante o CDS,

Continua na pág. 24

Morreu Aragon

Passavam cinco minutos da 1 hora de hoje quando se fecharam os olhos do poeta. O autor de «Les yeux d'Elsa», o combatente antifascista, o grande romancista e poeta extinguiu-se docemente a meio dos seus 85 anos. Louis Aragon morreu, e a literatura francesa e europeia perderam um dos seus maiores expoentes do século XX. A causa dos explorados e oprimidos também perdeu um militante empenhado

Pág. 24



Combustíveis e transportes aumentam em Janeiro

Várias vezes referidos nas últimas semanas pela Imprensa, os aumentos de preço dos combustíveis e dos transportes são uma inevitabilidade apenas dependendo o seu anúncio público do «timing» político favorável ao Governo e também, agora, da mais rápida ou demorada tomada de posse do novo Executivo.

O Orçamento Geral do Estado para 1983 cuja proposta se en-

contra já na Assembleia da República, mas que a demissão de Pinto Balsemão faz regressar ao ponto zero, já abria o caminho para estes aumentos com os cortes de subsídios às empresas públicas ou a redução do seu volume aos consignados no exercício passado, não tendo em conta o desgaste da inflação que deverá situar-se em 23 por cento no final deste ano.

Sem esses excedentes rece-

bidos do OGE, as empresas públicas, mormente as de transportes, são obrigadas a encarecer o preço dos serviços prestados para procurar equilibrar as suas contas. Os combustíveis aumentam também, como é hábito desde há anos, para tapar buracos do OGE, mormente a liquidez do Fundo de Abastecimento ou dos diversos Institutos que o substituem no financiamento de géneros de primeira necessi-

dade como é o caso de certos bens alimentares. Além disso pretende-se reduzir o défice das contas externas, pela esperada diminuição dos consumos de petróleo resultantes do aumento dos seus preços de venda ao público.

Segundo estudos preparados na Secretaria de Estado dos Transportes Interiores, os aumentos da área dos transportes

Continua na pág. 24

João Salgueiro é agora o mais provável

Depois de afastado Mota Pinto Eanes aceitará outro nome PSD

Pág. 5



Foto de José Tavares

Neve não faltou ao encontro na Estrela

São os portugueses os que mais procuram a neve da Estrela, deixando o seu lugar aos estrangeiros, quando o Verão se faz sentir. Mas o calor ainda está longe e, por agora, é aproveitar, pois a neve cobre já as terras que vão das Penhas da Saúde a Gouveia.

Pág. 6

Hoje no Sete Ponto Sete
O nosso amigo E.T.



“Diário de Lisboa”

Amanhã, dia de Natal é feriado nacional, não se publicando o «Diário de Lisboa».

Voltaremos ao contacto com os nossos leitores na próxima segunda-feira, dia 27 de Dezembro.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a todos os nossos leitores, amigos e anunciantes, os votos de um feliz Natal.

As Autárquicas e a Comunicação Social

António Abreu

Os antecedentes

O papel dos órgãos de Comunicação Social (OCS) da direita ou por ela controlados (estatizados) tiveram um papel importante no condicionamento do voto de uma parte do eleitorado.

Não vamos aqui dissertar sobre a «independência» de quem escreve, de quem dirige e chefia, determinando, de facto o produto final de cada OCS. Há OCS que se assumem claramente como empenhados com tal ou tal partido. Há outros cuja linha editorial é claramente identificada com a linha política deste partido ou daquele sector, mas que se reivindicam de independentes. Há outros, finalmente, estatizados, que rompem abertamente com as disposições constitucionais referentes ao pluralismo, objectividade e independência em relação ao Governo, transformando-se em verdadeiras «quintas» dos seus directores, que fazem dos seus editoriais uma tribuna ilegítima que, somada às primeiras páginas, manchetes, importância relativa dos temas e à agenda, conferem a esses órgãos uma linha editorial efectivamente favorável à propaganda de certas forças políticas e dos interesses de classe correspondentes, em prejuízo de outras.

A maioria dos órgãos é hoje claramente alinhada com a direita e concede ao PS um estatuto de «parceiro» que tende a criar em faixas importantes da opinião pública a ideia de que só o PS e a direita são aliados de poder em Portugal.

Exemplo típico desta afirmação foi o «entendimento» que Proença de Carvalho se arrogou o direito de fazer sobre o pluralismo na política informativa da RTP. Para ele, só o PS e a direita são «democráticos» e isso determina a zona de possíveis participantes em debates na RTP sobre questões de interesse nacional. Lembramos aqui a célebre questão dos debates sobre as autárquicas, que secundarizavam a APU, e a que a Comissão Nacional de Eleições decidiu pôr ponto final.

E aí está a reincidência com o «lado a lado» entre Jaime Gama e Capucho, agora com o condicionamento de um outro tipo de opiniões mas com igual gravidade por ter a ver com questões fundamentais da vida do país.

Durante os últimos meses, refinando uma prática corrente, a maior parte dos OCS estatizados e privados, deu cobertura a uma série de actos pré-eleitorais do Governo (planos para o futuro, mesmo requerimentos como a navegação do Douro e outros, inaugurações de coisas já inauguradas ou já há muito terminadas mas com inauguração marcada para o período eleitoral, como aconteceu no Metro, declarações de membros do Governo despropositadas e falhas de qualquer interesse jornalístico).

Quem se esquece da facilidade com que Abecasis salta para a primeira página de um vespertino na véspera da campanha, com direito a grandes fotos de meia página a propósito de um pulinho por cima de uma fita de inauguração ou porque foi manducar uns joiaquinhos em ambiente «popular»?

E a propaganda da câmara de Abecasis na RTP em período eleitoral?

E a situação na Polónia, no Afeganistão, e a provocação montada contra os países socialistas a propósito do atentado de Roma ao Papa? A todo o dia, a toda a hora, no próprio dia das eleições durante a votação (!), a RTP destilou anticomunismo baseado nas mais suspeitas de incriveis «fontes informativas», cozinhadas nas centrais da contra-informação imperialista... E

que dizer daquele atentado ao administrador da Fábrica da Loicha de Sacavém, reivindicado pelas «FP-25» em que a reportagem da RTP dava direito a serem vistos no local um pano «A APU cumpriu, deve continuar» e uma inscrição «PCP»?...

E que dizer da combinação disto com afirmações desse fabricante de notícias falsas, de nome Nuno Rocha, que em editorial do seu jornal associava esse atentado às greves e à implantação do PCP entre os trabalhadores?

E que dizer de Artur Agostinho (que ainda temos!) a meter a Polónia naqueles concursos?

Por outro lado, a abertura à oposição de convidados e colaboradores limitou-se ao PS ou áreas próximas.

Para além do que cada um de nós se apercebe, vendo televisão, ouvindo rádio ou lendo jornais, é evidente para os que trabalham nesses OCS, que há acordos mais ou menos formalizados naquele sentido. E que tendem a transformar-se em rotina de agenda, de política de primeiras páginas, de manchetes, etc. Com o objectivo de fabricar uma situação falsa: a de que as influências fundamentais no decurso do nosso processo político e económico se esgotam em termos partidários na AD e PS.

Dos poetas socialistas, às esposas amantes da cultura, passando pela assiduidade das equipas de reportagem na sala dos VIPs do aeroporto quando das saídas ou chegadas do secretário-geral do PS, tudo vale para que os portugueses, que o não sabem, fiquem a saber: o PS é a única alternativa, a expressão civilizada da oposição, a credibilidade, etc., etc., etc.

Dos poetas que continuam, das mulheres que prosseguem a luta, das muitas vozes que em todo o país se ergueram reclamando o afastamento da AD do poder, nada há: não existem.

Assim se condiciona a opinião pública e a disposição de voto.

O dia das eleições

O papel da RTP foi determinante na preparação do 1.º impacto na opinião pública dos resultados das eleições.

Ligada ao computador oficial que lhe foi fornecendo dados dispersos, a RTP deixou na ideia dos portugueses um resultado para a AD acima dos 43% enquanto Freitas do Amaral (também na RTP!) dava a entender que 43% era o limiar do «desaire» numa declaração encenada para ser de maior impacto no telespectador.

Este serviço combinado iria permitir que as manchetes dos jornais de dia 13 e a maior parte das primeiras análises ajudassem a consolidar a ideia de uma descida da AD mas não suficiente para dever abandonar o poder. A manipulação dos resultados parciais que iam sendo apresentados foi possível na medida em que o sistema de apuramento não permitia uma comparação simultânea com dados equivalentes de 79, o que teria sido fácil fazer. Como os primeiros resultados a entrarem no computador são os das secções mais pequenas, que encerram mais cedo, a APU — que regra geral tem grande implantação nas freguesias mais populosas e que mais tarde entram — foi sendo prejudicada. E se isso já por si não bastasse, o governador civil de Setúbal (maioria absoluta APU) reteve os resultados distritais durante horas, não permitindo a sua entrada mais cedo...

Um pivô de emissão, da confiança da AD, e um técnico socialista de sociologia eleitoral, foram-se alternando em despiques, ora na catadupa de dados ora no comentário às previsões de resultados. «A APU estabilizava...» era outro dos elementos que deveria fazer parte do 1.º impacto na opinião pública

dos resultados (e é este, que no essencial, depois permanece no conjunto dos telespectadores).

Assim, tal como a RTP já tinha criado esse resultado final, as manchetes dos jornais do dia seguinte davam AD-43,4%, PS-31,1%, APU-20,4%.

Quantas pessoas retiveram depois que os resultados finais foram efectivamente AD-42,0%, PS-31,8%, APU-21,0%, indicando claramente a descida da AD abaixo do «limiar» de F. Amaral e a subida da APU?

A RTP vai agora corrigir esse primeiro impacto que fundamentou já muitas análises posteriores a propósito da redução da descida da AD e da estabilização da APU? É evidente que não. Não é para se falar verdade na RTP que a AD lá tem Proença de Carvalho.

Uma análise aos analistas

COM base neste comportamento da primeira hora, alguns analistas deitaram-se aos resultados e fizeram teoria para os próximos tempos. Assim os socialistas e social-democratas:

1.º) No que respeita aos resultados do PS, valorizaram-nos como a transferência da «maioria» e como o primeiro indicio de uma tendência que poderia levar o PS à maioria absoluta (!) (J. Sampaio, in O Jornal), sem caracterizar o carácter contraditório da votação no PS;

2.º) Minimizaram a derrota da AD, chegando a dizer que os comunistas à custa de virem a «estrondosa derrota» da AD a estavam — eles sim! — a dominar. Facto que se enquadra dentro da perspectiva da direcção do PS de deixar continuar a governar a AD, a agravar a situação, para depois o PS tirar dela mais benefícios partidários e eleitorais. Facto que está de acordo com o carácter hesitante e contraditório da interpretação dos resultados pelos dirigentes do PS: facto que pode estar de acordo com a procura de entendimentos PS/PSD;

3.º) Sublinharam a «estabilização» da APU e usaram-na como base de defesa daquela «teoria» velhinha que vem de 75 de que o PCP não representa mais que tantos por cento (que aumentam de eleição para eleição...) na sociedade portuguesa, de que o PCP está num ghetto, tem um projecto não gredível para a sociedade portuguesa, é útil no combate à direita mas não é alternativa, etc., etc., etc.

Quanto aos analistas da direita, a sua análise tendo pontos comuns (são de direita e o 1.º impacto não lhes poderia tirar a «legitimidade» do poder...) dividem-se em várias questões.

1.º) No que respeita à derrota da AD é por uns caracterizada por ligeira descida não tão grande como seria de esperar dadas as dificuldades de conjuntura, da crise internacional, etc., etc., etc.

E para outros é tida como um sinal evidente de que o primeiro-ministro estava a dar o cabo da AD, que a AD ainda tem muito para dar, mas com alterações, precisando de líderes fortes, não hesitantes, etc., etc., etc.

2.º) No que respeita à responsabilidade da queda da AD, uns atiram-se em exclusivo a Balsemão, transformando-o no bombo da festa e exigem a sua cabeça; enquanto outros atacam os «divisionistas» da AD, reparando culpas, revelam o espectáculo da incompetência e incapacidade para resolver problemas, valorizando a «produção legislativa» do governo, nova designação encontrada para a destruição do regime que têm realizado com a colaboração do PS;

2.º) No que respeita aos resultados do PS dão-lhe, no máximo, o carácter de aviso à AD, de uma vitória pessoal de Mário Soares e da sua política que «devolveu a credibilidade ao PS», de que essa recuperação não agradará ao PR, e vão avisando o secretário-geral do PS para não se apressar em tomar o

poder porque isso pode afectar a sua imagem de candidato à Presidência da República (na sequência de outros recados que lhe têm enviado);

3.º) Alguns, não completamente embotados pela miopia de classe reconhecem a evidência de uma separação de mais de 600 mil votos entre a «esquerda» e a «direita» mas lá vão sossegando os receos porque o PS nunca se aliou ao PCP...

4.º) Quanto aos resultados da APU, há os que nos habituaram a uma análise que nos faz sorrir e que ainda hoje insistem na «derrota da APU» (P. Andrade, J. M. Júbice, S. Tavares, etc.). Mas também há os que, como N. Rocha, mesmo no meio da grande provocação anticomunista, lá vão recordando, em jeito de aviso para a navegação da direita «vejam lá que a APU afinal não estabilizou como alguns dizem, até subiu e ganhou mais cinco câmaras, contrariando as tendências dos pécés europeus, e beneficiando da miséria, bla, bla, bla...»

A independência da análise e o aparato «científico»

SER independente na análise. Al está outra ideia que alguns cultuam. Vender gato por lebre, transmitir ideias que têm as sociedades, sempre, uma opção de classe, um projecto político.

E se a prosa não basta, escolhem-se uns quadros com muitos números e tiram-se inocentes conclusões. Por exemplo escolhe-se um quadro com 20 distritos e conclui-se que o PS sobe em 90% deles e a APU em 30%. Mas não se escolhe, como seria mais natural um quadro de conselhos onde se poderia concluir que o PS subiu... em 70% dos conselhos e a APU... em 43%. Assim como se não escolhe um quadro que clarifique com números a variação do apoio do eleitorado desde 76 em relação à gestão em que inicialmente votou.

Todos os partidos concorrentes às eleições fizeram o cálculo do que destes resultados se poderia inferir se as eleições fossem legislativas (era uma das conclusões com mais significado que se poderiam retirar desses resultados).

Ninguém o divulgou, excepto o PCP, dois dias depois, quando se apuraram os resultados finais: a APU teria mais 10 deputados, PS mais 8, a AD menos 17 e a UDP perderia o seu único deputado.

Logo (2 dias depois) veio um analista pegar nas variações de percentagens entre as autárquicas de 79 e de 82 e aplicar variações homólogas para as intercalares de 80 e as hipotéticas legislativas neste dia 12, etc., etc., etc., mas porquê? Para quê? Para concluir que afinal a APU teria mais 8 e o PS teria mais 10...

Pois claro. Assim é que está certo. E se algum jornal touxer a outra versão, não é independente.

E se a água, mesmo assim, não corre para o moinho através das cataratas dos números, de quadros e demais aparato «científico», é sempre possível ao jornal independente recorrer às inverdades mais flagrantes como «em Loures só o PS subiu», «os jovens votaram PS», no distrito de Lisboa a APU desceu em 4 concelhos mas subiu em todos aqueles onde já tinha presidências etc., etc., etc.

Um resultado que aponta para a viragem democrática

Pela minha parte não sou independente. Concluo que a AD teve uma grande derrota, na sequência da derrota das presidências e da sua política, o que



BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA AMADORA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 23.º dos Estatutos, e a pedido da Direcção dos B. V. A., CONVOCO uma Assembleia Geral Extraordinária, para o próximo dia 29 de Dezembro de 1982, pelas 21 horas, a reunir na sede da Associação, Rua Elias Garcia, 121, Amadora, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

PEDIDO DE EXPLICAÇÕES PELA DIRECÇÃO RELATIVAMENTE A DIVERSAS DECISÕES E TOMADAS DE POSIÇÃO, LEVADAS A EFEITO PELO SEU PRESIDENTE SEM O CONHECIMENTO DOS RESTANTES MEMBROS DA MESMA DIRECÇÃO.

Não havendo o número legal de sócios, fica desde já convocada segunda reunião para o mesmo dia, pelas 22 horas, nos termos do § único do Art.º 24.º, sendo então válidas as resoluções que vierem a ser tomadas, seja qual for o número de sócios presentes.

Amadora, 20 de Dezembro de 1982

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Carlos Alberto Andrade Neves



Editais

HÉLDER DA SILVA NOBRE MADEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO BARREIRO.

FAZ PÚBLICO que esta Câmara Municipal deliberou, em sua reunião ordinária de 10 de Novembro de 1982, desafectar do domínio público municipal, para efeitos de constituição do lote n.º 25 do novo plano, a área abandonada para espaço público, constante da planta anexa a fim de se dar prosseguimento ao processo de reestruturação urbanística da Quinta do Nicola, no lugar da Quinta da Lomba, freguesia de St.º André deste Concelho.

ÁREA A DESAFECTAR DO DOMÍNIO PÚBLICO E DESTINADA À CONSTITUIÇÃO DO LOTE

N.º 25 74,25 m2.

Por este motivo se convidam os eventuais interessados a apresentarem o que tiverem por conveniente sobre a deliberação em referência, no prazo de 20 dias a contar da data da afixação deste edital, a fim de ser tomada deliberação definitiva sobre o assunto.

Para conhecimento geral se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

E eu, José da Graça Bizarro, 1.º Oficial servindo de Chefe da Secretaria o subscrevi.

O CHEFE DA SECRETARIA
José da Graça Bizarro

Barreiro e Câmara Municipal, 3 de Dezembro de 1982

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Hélder da Silva Nobre Madeira

FOLHETIM ARTÍSTICO

As artes do marquês — 1

José-Augusto França

A Fundação Antero de Quental tomou a seu cargo, nas comemorações do segundo centenário da morte do marquês de Pombal, a realização (na Fundação Gulbenkian) dum colóquio necessariamente internacional sobre o homem e a sua obra — «Pombal revisitado» nos seus problemas e na sua actualidade. Política, economia e cultura couberam no programa estudado, com parte de quarenta comunicações de especialistas de vários sectores. As artes (e só delas aqui se deve tratar) coube uma secção que teve seis comunicantes, entre os quais o professor Cesare de Seta, da Universidade de Nápoles, e Flávio Gonçalves, da Faculdade de Letras do Porto, mais quatro docentes da Universidade Nova de Lisboa e um da ESBAL, que com um destes colaborou.

O urbanismo, evidentemente, que pombalina é Lisboa, no seu sentido maior — sentido maior também, no urbanismo ocidental da segunda metade de Setecentos.

J.J. Oliveira Braizinha, arquitecto e professor da ESBAL e M.J. Gandra, assistente da UNL, ocuparam-se da sua problemática de forma especialmente original, com uma leitura isotérica do traçado, tratando o segundo dos princípios genéricos da leitura feita e o primeiro da sua aplicação concreta. Cidade imagem do mundo ou do cosmos, na sua cruz primordial lançada simbolicamente aos quatro pontos cardiais, a interpretação das relações das partes, em termos numéricos e referências

secretas, impõe-se, numa lógica perfeita no seu circuito fechado.

Leitura absoluta, fora da relatividade da história contingente, o seu código de combinações fascinantes, em que tudo acerta com tudo, ao mesmo tempo se perde e ganha numa logomaquia cujo valor poético depende apenas da qualidade de imaginação e de expressão criativa dos autores. No caso, excelente. Sem, porém, poderem eles demonstrar que a planta da Baixa, na realidade física das coisas dependente da situação prévia e tradicionalmente dimensionada das suas duas praças, e do vale em que se traçou, tenha propostada obediência numérica de quadrados e rectângulos que o maçon Carlos Mardel teria imposto ou criado — sabendo-se documentalmente, que foi Eugénio dos Santos quem o fez, com intervenção só posterior do colega...

Outro urbanismo foi mais pacatamente tratado por J.E. Horta Correia falando da sua Vila Real de Santo António, com as razões históricas da sua fundação desenhadas em boa investigação documental, e com a sua morfologia lida em função de princípios urbanísticos adaptados às circunstâncias de ali e então Pequena Lisboa fronteiriça, nascida do nada para resolver problemas económicos dum Algarve a reconquistar, Vila Real foi um fenómeno pombalino de grande importância testemunhal, que bem merece minucioso estudo como o que o autor empreendeu, numa monografia ao mesmo tempo fácil, porque tudo se passou em cinco meses de obras, sem passado histórico, e difícil, pelo jogo de dados que é preciso interpretar coerentemente, quando estrutura e con-

juntura se sobrepõem — tanto quanto simbologia e prática do Poder.

Outro urbanismo ainda foi abordado por Rafael Moreira, lendo um desconhecido manuscrito de Figueiredo Seixas, arquitecto tardo-barroco do Porto, metido a urbanista hiper-racional, até à utopia impossível de fazer de todo o reino, devidamente quadriculado em cidades geométricas ligadas por estradas rectilíneas, num imenso jardim. É um curiosíssimo documento este «Tratado de Ruação», ou seja da maneira de arruinar, traçar ruas escrito nos anos 60 de século XVIII, como prova de capacidades do outro para ter encargo da urbanização do Porto, em tempo de Almadás. O modelo teórico de Figueiredo Seixas, embora irrealista no seu «continuum», não deixa, porém, de propor um preconceito de regionalização, ao entender que não basta fazer a cidade mas é preciso também cuidar do território vizinho, e por aí fora.

Aliás, a cidade imaginária de Seixas teria mais de 225 mil fogos, ou seja perto de um milhão de habitantes, quando Lisboa tinha então a quarta parte desse número que nem Londres nem Paris atingiam. A relação com os programas lisboenses de Manuel da Maia e portuense de Almadá, o primeiro anterior, o segundo posterior e que não deixa de se lhe assemelhar, torna ainda mais interessante a proposta no seu utopismo sem emprego. Porque Pombal, na realidade da sua pragmática, utópica nunca foi, nem podia ser...

Flávio Gonçalves, mais do que uma comunicação, fez uma breve lição panorâmica sobre a arte no Porto no tempo de Pombal (e dos seus primos Almadás),

sublinhando a mudança radicalmente proposta com os planos ingleses do hospital de Santo António em 1769, obra neoclássica anglopalladiana, num Porto ainda nasonianamente barroco — e que continua a dourar animados e tímidos altares de igrejas.

Cesare de Seta ocupou-se de Nápoles no Iluminismo, através de considerações e programas de Giovanni Carafa, duque ilustrado de Noja, num texto teórico e prático de meados do século e na primeira planta cientificamente levantada para uma cidade, enorme documento gráfico de 3 por 4 metros. Fascinado por S. Petersburgo, tanto quanto pela natureza napolitana que pretendia defender valorizando-lhe a beleza sem esquecer regras práticas de higiene, Carafa foi um precursor do urbanismo moderno, que o empirismo pombalino não conheceu. Mas nada ele pôde fazer de concreto, numa cidade (nessa altura a terceira ou quarta da Europa, em população) tornada já incontrável.

Como hoje — e um marquês de Pombal actual foi desejado pelo autor da comunicação. Por nós todos também, certamente, e por várias e complexas razões...

O colóquio limitou-se, porém, a tê-lo em iconografias várias de que me coube tratar, desde o excelente van Loo que está na Câmara de Oeiras, retrato de aparato muito da época e que merecia ser conhecido internacionalmente, até à mediocridade dos ícones nacionais. Senão até ao Zé Povinho posto, de peruca, no lugar do marquês no dito e célebre retrato a mandar também pela barra fora inimigos sempre renovados...

ponto a ponto



O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egidio, bem como os chefes dos Estados-Maiores do Exército, Marinha e Força Aérea, Garcia dos Santos, Sousa Leitão e Lemos Ferreira, estiveram em Belém a apresentar cumprimentos de Natal e Ano Novo ao Presidente da República. Garcia dos Santos, Sousa Leitão e Lemos Ferreira mantêm-se naquelas funções uma vez que o Governo, considerando-se demissionário, não decidiu sobre a sua recondução ou exoneração, como determina a Lei da Defesa Nacional. Segundo o jornal «Expresso», esta atitude do Governo teria sido tomada à revelia de Freitas do Amaral, que a ela se opôs. O mesmo semanário confirma rumores que circularam insistentemente nas últimas duas semanas e segundo os quais Garcia dos Santos não seria reconduzido. Este assunto, segundo o «Expresso», teria chegado a ser ventilado num dos habituais encontros semanais entre Eanes e Balsemão.

As indicações surgidas nos últimos dias de que Eanes estaria fortemente inclinado a recorrer a eleições gerais antecipadas — informações de que o «DL» dava ontem conta em primeira «mão» —, poderão levar a que o Partido Socialista antecipe a data do seu próximo Congresso. Em princípio, Mário Soares, preparar-se-ia para propor Outubro de 83 como data mais provável, a qual poderia ficar definitivamente assente na reunião da Comissão Nacional socialista, marcada para 8 de Janeiro. Depois desta reunião, Mário Soares estará ausente durante algum tempo de Lisboa em missão da Internacional Socialista que o levará ao Líbano, aos Estados Unidos, e à África Austral, nomeadamente Moçambique, Angola e Zimbábue.



A reeleição de Ramalho Eanes como Presidente da República será comemorada no dia 16 de Janeiro, no Porto, com um almoço organizado por membros da ex-CNARPE. O acto pretende ter âmbito nacional, decorrendo o almoço no Pavilhão do Académico às 12.30 horas. A comissão Executiva é constituída por Fernando Almeida, Alfredo Mourão, Dias de Carvalho, Aníbal Campos, Hermínio Martinho, José da Costa Carvalho, José Neto, Bandeira Bento e João Soares Louro.

Pranto por um americano assassinado

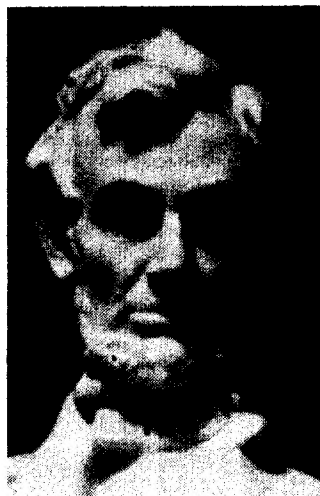
João Medina

«Do not believe
Because the blood has not been answered
The lie will not be answered
Do not believe
Because the tears have not been answered
The lie will not be answered
Do not believe it.» Archibald Mac Leish.
«Quantus tremor est futurus,
Quando iudeux est venturus,
Cuncta stricte discussurus!» (...)
Judex ergo cum sedebit,
Quidquid latet apparebit
Nihil inultum remanebit.» DIES IRAE.

ERA um sonhador que acreditava no homem e por isso odiava as armas nucleares. Queria salvar os homens, dizia que o perigo principal estava numa futura, iminente guerra nuclear. Queria que o ouvissem, percorreu a América a pregar a sua mensagem de indignação e esperança, encontrou ceticismo e gente surda aos seus apelos de vida contra a morte, de esperança contra a miséria resignação, de vigilância contra o torpor da demissão das consciências. E morreu porque quis chamar a atenção de toda a América, parar a América, interromper, como Fausto, o curso alucinado e imparável do tempo, gritar a todos «Basta! ouçam! atenção!» E morreu por tê-lo conseguido. Morreu na América do Norte, grande país, grande nação, terra imensa e contraditória onde tudo é grande, o crime e o protesto, a razão e a desgraça, o delírio e a reflexão, o pecado e a inocência. Morreu perto deste Natal afogado em estridência mercantil, nesta nave de loucos que nos leva, espaço fora, em direcção ao Nada. Morreu por ter acreditado demasiado na vida e nos seus imperativos. E por isso o quero chorar. Não é a América que eu choro, é a loucura de todos nós que eu choro,

é o crime que se fez contra um homem que quis gritar mais alto do que o ulular das falsas sereias que nos arrastam para o abismo. Não é a América que eu choro, é a morte dele, o gesto dele, a loucura dele, a sua sabedoria tão exigente que só o sangue a pôde resgatar, honrar, assinalar.

Chamava-se Norman Mayer e era alcunhado de «Pops». Tinha 66 anos, combatia há muito o armamento nuclear. Acreditava que o seu país, e com ele a Humanidade inteira, corria para o desastre, acusava os tão constelados, sorridentes, tranquilos e higiénicos generais do Pentágono de prepararem, verdadeiros condutores cegos de outros cegos, uma depravação maior que aquela que Hitler desencadeou. Acusava-os de fabricarem, com a corrida aos armamentos nucleares, não um pequeno holocausto semi-artesanal como aquele que o neurótico da melena espalhara à pressa sobre o velho continente europeu, mas um genocídio metódico, em todos os azimutes, planetário, total, absoluto, um holocausto que deixaria na História os seis milhões de mortos incinerados pela nazismo como uma simples brincadeira dos tempos paleolíticos, anteriores à



cibernetização industrial da morte.

E agora está morto, aquele que assim queria acordar a entorpecida consciência do povo mais rico da terra. Aquele que garantia que os seis milhões de corpos triturados e incinerados por Hitler nas mandíbulas de fogo dos seus fornos não seriam nada ao lado do genocídio total que se paroxisma, escondido, sorridente, infalível, empilhado nos seus silos de mísseis de pavor destrutivo. Está morto o Quixote que queria combater os moinhos de aço, chumbo, antracite e platina do poderio militar e financeiro norte-americano, o Quixote que sabia que qualquer Dulcinea, mesmo da mais íntima e miserável e obscura das Tobosos do planeta, na Colômbia ou na Austrália, vale mais, mesmo desgraciada e maneta, do que toda a humanidade calcinada na protécnica nuclear futura. Está morto aquele que, como o doido de Raul Brandão, fingiu poder fazer ir pelos ares o Monumento a Lincoln, a cidade de Washington, a capital do país. Enrriquecido atrás do pensativo e nobre

presidente abolicionista, «Pops» Mayer brandia a ameaça de fazer deflagrar a sua meia tonelada de dinamite que dizia escondida numa camioneta Ford arrumada ali. Com o seu capacete de motociclista e uma camioneta de inexistente dinamite, este marciano vinha de Sirius falar-nos dum perigo absoluto e ameaçar-nos com o «bluff» dum perigozinho afinal fictício, o que não impediu a esforçada polícia de Washington D.C. de evacuar todo o sector e de pedir mesmo a Nancy Reagan que se afastasse da Casa Branca, não muito distante da cena do drama.

E ali está, junto a uma camioneta carregada de nada, um marciano vindo do planeta do pacifismo antinuclear, a pedir que a América inteira o oiça, pondere o perigo que sobre a Humanidade paira, que toda a gente reflita, que desista das bombas termonucleares, que suspenda duma vez por todas a desatinada corrida aos armamentos atómicos. E Quixote ameaça fazer explodir o tal dinamite que não tem, enquanto as horas passam e no Brasil, o ex-actor, que agora assume a presidência da América do Norte, levanta a sua taça e brinda «ao povo da Bolívia», uma «gaffe» que deixa os convivas estupefactos, deslize que o péssimo vaqueiro da pantalha logo corrige dizendo que estava a pensar na Bolívia, sua próxima escala, o que suscita em todos ainda mais preocupação, já que é para a Colômbia que Reagan depois seguirá...

São sete horas da manhã e «Pops» decide abandonar o seu reduto junto do austero e grande ianque que uma vez disse que é possível enganar algumas pessoas durante algum tempo, mas já não é possível enganar toda a gente durante todo o tempo. E Mayer, que enganou alguns po-



O Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, preside esta noite, na Sé, a uma celebração eucarística comemorativa do nascimento de Cristo. Amanhã, igualmente na Sé, D. António concelebra de novo, ao fim da manhã. Esta noite, entretanto, através da Rádio e da TV, dirigirá uma mensagem de Natal aos católicos portugueses.

A Causa Monárquica, em comunicado agora divulgado, anuncia para o primeiro semestre do próximo ano, em data ainda não assente, a realização do I Congresso Nacional Monárquico.



O governo francês decidiu condecorar Corsino Fortes, antigo embaixador de Cabo Verde em Lisboa e em Paris, soube-se de fontes diplomáticas. Corsino Fortes, actual secretário de Estado adjunto do primeiro-ministro cabo-verdiano, foi agraciado pelo governo francês com as insígnias de Grande Oficial da Ordem Nacional de Mérito, — acrescentaram as mesmas fontes. A distinção concedida àquele político e poeta refere o modo como desempenhou as suas funções de embaixador em Paris.

Pranto por um americano assassinado

Continuação da pág. 3

lícias para poder desenganar a nação inteira, arranca, ao volante da sua camioneta Ford carregada de uma ficção, agora que já conseguiu aquilo que durante anos nunca lograra, ou seja, falar a todos, explicar a todos que o holocausto futuro será absoluto e final. Mas eis que um tiro o prostra para sempre. Tinha sessenta e seis anos, chamava-se Norman Mayer, alcinchado de «Pops» e militou em diversos movimentos ecologistas e anti-nucleares, repetindo «urbi et orbi», que o genocídio de Hitler era uma brincadeira artesanal comparado com o próximo genocídio dos mísseis das grandes potências, a começar com os do seu país, a grande, a excessiva América do Norte, pátria da liberdade e pátria da opressão, o país que fez a guerra do Viet-Não, que perdeu essa guerra, apesar de ultra-sofisticada e superarmada, contra um povo humilde e orgulhoso que só se dobrava sobre as suas culturas de arroz, povo que teve de vencer a inexpugnável nação ianque porque esta não era apenas cega, era surda, tinha a alma surda.

O holocausto talvez venha um dia, mas já Norman Mayer não poderá ter a amarga consolação de nos dizer que, como previa, sempre tinha razão... Fica-nos, a nós outros, os que vemos televisão como quem assiste a um interminável espectáculo em folhetins (hoje este morto, este louco, amanhã outro, outras

guerras noutros Viet-Nãos, outros massacres, outros «vietcongos» abatidos por outros criminosos, sob os nossos olhos equânimes), fica-nos a nós todos, os sobreviventes provisórios, a honra de presenciarmos esse genocídio total, de sermos, nós também, testemunhas, talvez, participantes, nesse holocausto absoluto. Um antigo patrão de Mayer, que foi a correr a Washington, na esperança balada de convencê-lo a entregar-se à polícia e a não fazer explodir a dinamite, comentaria depois, ao ver o cadáver do homem de capacete de motociclista no chão, o seu sangue já coalhado no asfalto matinal:

«Há tanta gente louca que mata outras pessoas e continua em liberdade, viva. E este, que só queria salvar as pessoas, este foi morto». Ao fundo da cena, como na tragédia antiga, um coro imóvel, com palavras de granito, duma gravidade insuperável, tira a lição deste horrível paradoxo: um homem abatido como uma fera porque nos quis salvar das feras que mandam fabricar armas que amanhã nos irão calcinar os corpos. E não será ainda outro paradoxo, aliás, muito natural, que tudo isto se tenha dado ao lado da estátua que comemora, no meio da indiferença e da loucura duma nação, o presidente recto e justo e bom que alguém assassinou um dia, no teatro? **Natal de 1982.**

J.M.

Estatuto de Macau pode ser alterado

— admite Almeida e Costa

«Soluções diferentes das actuais» poderão vir a ser estabelecidas pelos governos português e chinês para o território de Macau — considerou o governador do território, Almeida e Costa, em entrevista concedida a um vespertino lisboeta.

Todavia, o antigo membro do CR frisou «não se verem, no momento presente, nem indícios, nem razões, relativamente a Macau para que a República Popular da China pretenda uma solução diferente daquela que está em vigor».

Expectativas exageradas

O governador de Macau, que falava a propósito das recentes posições manifestadas por dirigentes chineses no sentido de aumentar os poderes sobre Macau, Taiwan e Hong-Kong, adiantou que «num plano técnico, não se pode deixar de admitir que a evolução neste território sob administração britânica possa levar a modificações qualitativas na situação de Macau».

«Quanto à viabilidade econó-

mica de investimentos neste território por parte dos portugueses salientou que «a distância, as dificuldades financeiras e cambiais de muitas empresas portuguesas e a sofisticação dos mercados do Extremo Oriente não facilitam a competitividade dos produtos nacionais».

Frisou que «se geraram nos últimos anos expectativas exageradas» adiantando que «Macau não tem dimensão para corresponder a esse acumular de esperanças».

Almeida e Costa disse que, apesar de «um dos objectivos prosseguidos pelo governo de Macau ser o de revigorar a cultura portuguesa «as condições não são favoráveis».

«A influência da cultura chinesa é muito grande» — disse.

A propósito da situação demográfica frisou que «a comunidade portuguesa se vai retraindo em relação à comunidade chinesa».

«A população chinesa aumentou de forma explosiva nos últimos anos o que representa uma redução demográfica relativa da

comunidade portuguesa», disse salientando que, paralelamente, «os estabelecimentos de ensino chineses estão cada vez mais a introduzir o ensino do português, primeiro a título facultativo, mais tarde para inclusão nos currículos».

A propósito da contribuição das receitas de jogo para o orçamento ordinário acentuou que «têm vindo a decrescer nos últimos anos, embora em valores absolutos tenham aumentado bastante».

«O emprego que proporciona é o factor directo mais relevante no plano social e, do ponto de vista indirecto, além das receitas para os cofres do Estado, tem também relevo pelo número de visitantes que atrai».

Almeida e Costa adiantou que o governo de Macau continua a «procurar atenuar alguns aspectos em que as condições de trabalho carecem de correcção e melhoria». Neste ponto salientou que «as condições de trabalho em Macau não podem ser aferidas pelas que se verificam num país ocidental».

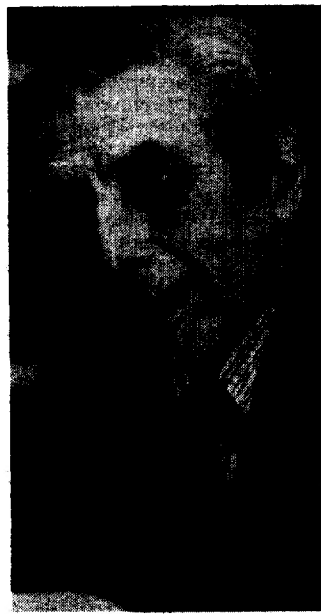
A demissão do Governo Partidos em Belém a partir de segunda-feira

O Presidente da República dá início segunda-feira às diligências constitucionais para a resolução da crise política, recebendo sucessivamente, durante a tarde, delegações do PPM, CDS e PSD.

Eanes, que ontem ao fim da tarde assinou o decreto que formaliza a demissão de Pinto Balsemão como Primeiro-Ministro, receberá nos dias seguintes — terça e quarta — os restantes partidos com assento parlamentar.

Os monárquicos e a cimeira AD

PPM quer discutir programas e não pessoas



Ribeiro Teles interveio ontem no Tempo de Antena do PPM

O Partido Popular Monárquico (PPM) pretende que a solução a encontrar na próxima cimeira da Aliança Democrática se centre mais na discussão dos programas concretos do que em pessoas.

Ao intervir no tempo de antena do PPM, na televisão, o líder monárquico, Gonçalo Ribeiro Teles, disse que «não há futuro possível» para Portugal que não assente no desenvolvimento da agricultura e na dignificação do

mundo rural.

Ribeiro Teles afirmou também que «não há futuro possível» que não contemple as expectativas da juventude ou que não tenha em conta «a nossa cultura, a nossa escala e a criatividade dos portugueses».

Disse que é necessário levar à prática uma política de desenvolvimento verdadeiramente adaptada à realidade portuguesa e o futuro de Portugal só será viável se for defendida a

«identidade nacional».

«É neste sentido que se deve orientar a reflexão da Aliança Democrática» — considerou Ribeiro Teles — no entender do qual não é fácil concretizar a mudança anunciada pela AD sem a reformulação das mentalidades.

«Impõe-se uma política agrícola que inclua o aumento do regadio em pelo menos 200 mil hectares, a partir de médias e pequenas barragens» — concretizou.

As autárquicas e a Comunicação Social

Continuação da pág. 2

coloca na ordem do dia a questão do seu afastamento da área do poder através das soluções constitucionalmente previstas: dissolução da AR, formação de um governo de gestão, eleições antecipadas. O que a AD fez e não fez não resulta da responsabilidade individual de um homem. É responsabilidade colectiva da direita coligada. Não há camarates, crises de liderança, posições subalternas na coligação, prioridade à «produção legislativa» sobre a resolução dos problemas, deslocamentos eleitorais em favor do CDS ou cenários televisivos mais favoráveis ao seu chefe, que iludam a questão: o povo votou contra a AD já por duas vezes consecutivas e a AD não quer sair.

Quanto à recuperação parcial dos votos de 79 pelo PS, ela é, globalmente um sintoma de reacção democrática à política da AD mas com contributos muito contraditórios. Nada pode justificar nestes resultados (só a estreiteza partidária a justifica) que o PS esteja no caminho de uma maioria absoluta(!), para

começar a abrir caminho, uma vez mais, à formula «PS sozinho» (e que a experiência mostrou ser de facto o PS com a direita) e, para já, fazer. Não estamos na Grécia. O PS português definiu-se contra a esquerda e com a direita, em ofensivas de Outono só realizadas contra o PR e a Constituição. Quem fez cair a AD foi a esquerda consequente. O PS limitou-se, sem trabalho a capitalizar os resultados de uma luta alheia. Não basta ao secretário-geral do PS afirmar dramaticamente «o primeiro-ministro demitiu-se respondendo ao meu apelo» (!!!) para inverter os dados do problema.

Quanto à votação da APU (consolidação e alargamento de posições, aumento de votos e percentagem, única força que sobe desde as últimas eleições), ela confirma-a como o mais sólido e consequente baluarte da democracia, fundamental para a cooperação e unidade no campo democrático no sentido de vencer a crise e gerar uma mudança democrática na sociedade portuguesa

RÉVEILLON — SETÚBAL 82/83

Passe o fim do ano no PARQUE DO BONFIM
Conjunto: «OS GALÉS»

CEIA: ARROZ DE MARISCO SADINO
PERU RECHEADO À BONFIM
VINHO DO EGAS
LEITE-CREME
DOCES VARIADOS
SALADA DE FRUTAS
CAFÉ
AGUARDENTE
PASSAS DA MEIA-NOITE
E
ESPUMANTE NATURAL
DEPOIS DA MEIA-NOITE:
RISSÓIS DE CAMARÃO
CROQUETES DE VITELA
PASTÉIS DE BACALAHU
CALDO VERDE E CHOURIÇO ASSADO

Preço por pessoa Esc.: 2500\$00
Reservas pelo telefone: 23926 entre as 19 e as 21 h
LOTAÇÃO LIMITADA

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da «CRUZ DE MALTA»

FESTA DO NATAL 1982

A Comissão de Festas de Natal dos filhos dos Bombeiros desta Associação comunica que esta se realizará no dia de Natal pelas 17 horas, no Quartel, Largo do Leão n.º 11 — Lisboa, com a entrega de brinquedos e passagem de filmes. No final será oferecido um lanche às crianças.

A COMISSÃO DE FESTAS
Maria Aldina P. Fontes

ENSINE O SEU FILHO

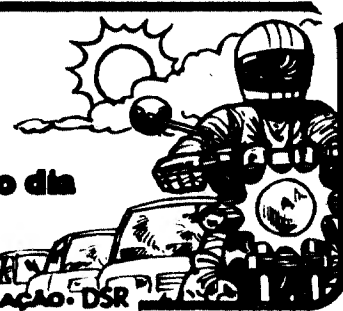
Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

motociclista

ACENDA OS MÉDIOS mesmo durante o dia



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO DSR

Mota Pinto regressa a Coimbra

Ninguém quer tomar a responsabilidade de aumentar ainda mais os preços

Apenas quatro dos sete membros da Comissão Permanente do PSD, estiveram ontem reunidos para análise da situação política: Pinto Balsemão, Ângelo Correia, Vítor Crespo e António Capucho. Estiveram ausentes, Nascimento Rodrigues (por doença), Fernando Amaral (está em Lamego) e Amândio de Azevedo (no Porto).

Além dos membros da Comissão Permanente, participaram ainda, nesta reunião, cinco membros da Comissão Política Nacional: Pedro Santana Lopes, Cardoso Ferreira, Almeida Mendes, Mariana Perdigão e Pedro Pinto.

Não se tratou de uma reunião conclusiva, mas apenas de expor as diferentes alternativas e ouvir as razões da «recusa» do nome de Mota Pinto para Primeiro-Ministro. Tal como o «DL» noticiou em primeira mão, as «condições exigidas» por Mota Pinto foram consideradas impossíveis de aceitar.

Mota Pinto pretendia — e a sua declaração na RTP foi elucidativa — que o Governo de gestão de Pinto Balsemão fizesse «sair cá para fora» as medidas impopulares que deverão ser tomadas logo no princípio do ano. Mota Pinto pretendia não acarretar o ónus da impopularidade logo nos primeiros dias do cargo. Em compensação, Pinto Balsemão entende que não pode (nem quer) ser o «mau da fita», isto é, Pinto Balsemão considera que um Governo de gestão não pode tomar medidas económicas de tamanha gravidade, mas também lhe convinha chegar ao congresso, com o «perdão» dos «portugueses e das portuguesas», preocupados e contestando o Governo então em funções — recordar «com saudade» o de Pinto Balsemão. Ninguém quer aumentar os preços: nem Balsemão, nem os sucessores.

Uma solução credível

Santana Lopes, porta-voz da Comissão Permanente, anunciou que a Comissão Política se reúne na próxima segunda-feira para continuar a analisar «todas as hipóteses ainda em aberto».

Para o PSD — disse Santana Lopes, o que está em causa não são pessoas, mas a estratégia e a opção política para o País, escolhidas pelo Conselho Nacional.

Realçou ainda a necessidade de encontrar «uma solução mais credível», pelo que também «mais ponderada e menos irreflectida».

De qualquer modo, Santana Lopes sublinhou que tanto os

sociais-democratas como a coligação a que pertencem «não deixarão as suas responsabilidades por mãos alheias».

Prosseguem os «convites»?

Pinto Balsemão prosseguiu em S. Bento as consultas para a indicação do nome a propor para primeiro-ministro, afirmaram à ANOP fontes do Gabinete do chefe do Executivo.

Depois da audiência com Mota Pinto, Balsemão encontrou-se já com Viana Baptista, Álvaro Barreto, Barbosa de Melo e Meneres Pimentel.

O gabinete do Primeiro-Ministro revelou que Pinto Balsemão continua a consultar personalidades políticas, com vista ao próximo executivo.

Fonte oficial assegurou à ANOP que quaisquer das consultas foram feitas «no mesmo pé de igualdade» que a Mota Pinto.

Mota Pinto — a recusa

Mota Pinto regressa, assim, a Coimbra, e ao Conselho de Estado depois de ter recusado ser novamente primeiro-ministro. Tal como já dissemos o professor de Coimbra considerou não ter «condições» para formar governo, enquanto os mais altos responsáveis do PSD não «cediam» às exigências do «mandatário nacional» de Soares Carneiro.

A Presidência da República fez constar que o general Ramalho Eanes recusaria a indicação de Mota Pinto para tal cargo.

Mota Pinto, em declaração à RTP, disse que recusava formar o nono Governo por falta de condições que permitissem uma estabilidade governamental duradoura.

Criticou o facto de o actual Executivo não ter ficado em funções plenas para tomar medidas indispensáveis a fim de que o



Meneres Pimentel, Álvaro Barreto e Viana Baptista estiveram ontem tarde reunidos, separadamente, com Pinto Balsemão o que os elevou à categoria de «primoministeráveis».

próximo gabinete pudesse funcionar sem grandes frustrações para o povo português.

Outro óbice apresentado por Mota Pinto consiste na circunstância de «o topo da AD» estar ausente do próximo Governo.

PSD do Porto quer Salgueiro

Entretanto, as distritais que tinham apoiado Mota Pinto irão desviar o seu apoio para a personalidade a indagar pela Comissão Permanente. Mudança entre «perfis» opostos, recebe idênticos apoios?

O presidente da Comissão Política Distrital do Porto do PSD, António Vilar, disse ao «DL» que uma vez gorada a hipótese de Mota Pinto ser primeiro-ministro, os responsáveis sociais-democratas portugueses apoiavam a indicação de João Salgueiro para aquele cargo.

António Vilar falava-nos, ontem à noite, no intervalo de uma reunião da Comissão Política Permanente do Porto, a qual serviu para analisar a situação política actual. Embora apostasse mais em Mota Pinto, António Vilar disse-nos que «João Salgueiro, com uma boa equipa,

é capaz de fazer um bom Governo». Quanto às hipóteses de Meneres Pimentel e Viana Baptista, o presidente do PSD do Porto foi peremptório: «recusa total dos dirigentes do Porto».

Relativamente à «presença» da Região Norte quer no Governo quer nos órgãos nacionais do PSD, António Vilar afirmou-nos que «a região deve estar mais representada no próximo Governo, mas terá que estar bem mais representada no partido após o Congresso».

António Vilar, preside a uma das poucas distritais que no último Conselho Nacional, manteve um «coerente» NÃO a Pinto Balsemão. Adiantou também o deputado António Vilar, que «Amândio de Azevedo e José Augusto Seabra integram o próximo Governo, o primeiro como ministro para os Assuntos Parlamentares e o segundo como secretário de Estado da Cultura. Com este à parte: «Nandins, Alfaias e Vitorinos não podem continuar».

As hipóteses

João Salgueiro é, neste momento, o político que reúne mais

apoios dentro do PSD. Ministro das Finanças, considerado um «técnico honesto e competente», é politicamente — conforme acentuava um dirigente social-democrata — um «hesitante».

Fez um discurso «de rigor», no Parlamento, quando da interpelação económica do PCP, o que lhe valeu fortes críticas por parte dos membros do Governo, pre-dispostos a uma campanha pré-eleitoral. Faz «análises», não dá «soluções».

Antes do início do Conselho Nacional tudo estava preparado para que João Salgueiro saísse dali como eventual Primeiro-Ministro indigitado. Isso não aconteceu e João Salgueiro anunciava que não estava disposto a integrar qualquer elenco governamental e, muito menos, ser primeiro-ministro. Tal como ontem dizíamos, João Salgueiro poderá responder positivamente a uma situação de «emergência partidária». Vítor Crespo, Viana Baptista, Álvaro Barreto ou Meneres Pimentel são nomes que se perfilam, agora, como hipóteses de candidatura. É perante estes nomes que o CDS terá de optar.



Livre de canto

A. Flores de Andrade

Aí está, Francisco Balsemão renuncia à chefia do governo. Como tudo o que é política em Portugal, ao facto começa já a dar-se foros de tragédia, dentro e fora da AD. E nisto que assenta o inêxito de Balsemão.

Jamais se criticou o Primeiro-Ministro demissionário nesta coluna. Não foi por acaso. Quando aqui se recomendou à Aliança Democrática — e agora mais do que nunca — que submetesse a sua desastrosa gestão ao veredicto popular, não se pretendia, obviamente, ilibar Francisco Balsemão: ele era o Primeiro-Ministro, o líder da coligação e o Presidente do seu principal partido. Mas quis-se, com a omissão do seu nome, poupar o democrata e o homem digno, para não falar do político incorrupto, dedicado e esforçado — já que isso era, digamos, a sua obrigação.

Falta — faltou, pois, a Balsemão — a pose emocional, o grão de tragédia que do fado passou à política. Respeitou parceiros e amigos que constantemente o traíram. Trouxe uma grande lisura de processos à política portuguesa, que alguns (quicá menos lisos) apodaram de ingenuidade e que, dado que é com factos e não com princípios que (infelizmente) se dirimem os jogos malabares do poder, talvez no fundo o tenha sido.

Deixe-se aqui bem claro que estas linhas não vão na esteira do portuguêsíssimo aceno de simpatia perante os que partem ou morrem: «o homem não era tão mau como isso». Isto porque Francisco Balsemão, efectivamente, deixa a chefia do poder pessoalmente prestigiado a vários níveis, como sucederá a seu tempo, estamos convictos, com o seu «adversário» Ramalho Eanes, tenha-se então gostado ou não do seu desempenho da chefia do Estado.

O que estas linhas reflectem é, antes, uma grande preocupação, se o Presidente da República entender, neste momento, manter o Executivo nas mãos da Aliança Democrática e desta sair, pois, um novo Primeiro-Ministro. É que, neste caso e em termos de democracia, temo ter de alinhar pelo portuguêsíssimo ditado que nos previne de que «nunca atrás vem o melhor»...

Ainda antes do fim do ano

Eanes vai convocar o Conselho do Estado

Eleições legislativas antecipadas são cada vez mais prováveis

O Presidente da República, que na próxima segunda-feira começará a ouvir os partidos com assento na Assembleia, vai convocar igualmente o Conselho de Estado, antes do fim do ano, para o ouvir sobre a actual situação política — soube o «DL» junto de fonte segura.

Esta reunião, que será a primeira do novo órgão de soberania, efectuar-se-á assim ainda com o Conselho de Estado incompleto, uma vez que é pouco provável que até lá tenha sido eleito o presidente do Tribunal Constitucional.

Tal reunião — disseram as mesmas fontes — «será inevitavelmente interessante», uma vez que lá se encontrarão, entre outros, os actuais primeiro e vice-primeiro-ministros demissionários, Mota Pinto, Mário Soares e Álvaro Cunhal.

Entretanto, e uma vez que a hipótese de a AD apresentar a Ramalho Eanes o nome de Mota Pinto para chefiar um próximo executivo foi afastada, Belém

aguarda agora com alguma curiosidade o «nome que se segue», como disseram ao «DL» círculos próximos do Presidente da República.

«Uma coisa é certa: Ramalho Eanes não vai ficar de braços cruzados esperando passivamente que Pinto Balsemão lhe vá dizer quem é que gostaria que fosse o próximo Primeiro-Ministro» — garantiram-nos.

Como é seu hábito o Presi-

dente da República está a estudar com toda a minúcia e cuidado a actual situação e os desenvolvimentos possíveis.

A hipótese de eleições legislativas antecipadas — como já referimos na nossa edição de ontem — é cada vez mais provável, uma vez que se instala o sentimento generalizado de que a AD, com as suas insanáveis contradições internas, não será sequer capaz de apresentar um nome minimamente credível para Primeiro-Ministro e muito menos um executivo que à partida dê garantias mínimas de poder alterar a situação extremamente grave em que o País se encontra.

«A decisão final de Eanes ninguém a sabe neste momento. Se calhar nem o próprio Presidente sabe ainda o caminho a seguir. O

que poderemos adiantar com grande margem de certeza é o espectáculo dado ao País pela AD é não só confrangedor como completamente inaceitável» — adiantaram as nossas fontes.

Contudo, se é verdade que as eleições legislativas antecipadas constituem o «cenário» mais provável, não é de afastar ainda a hipótese de Eanes poder vir a aceitar um ou outro nome indicado por Balsemão para chefiar um novo executivo AD.

«Mas nesse caso» — disseram-nos ainda — «há que esperar depois pelas personalidades que integrarão o Governo. E de qualquer modo tudo isso não passará de um mero adiamento de eleições antecipadas. A verdadeira questão que se coloca neste momento é a de saber se é

aceitável, ética e politicamente, «jogar» nesse adiamento».

Por fim apenas um pequeno pormenor: continuam grandes movimentações para a criação de um novo partido, presidencial ou não. Figuras da ex-CNARPE, independentes, autarcas com filiação partidária parecem estar de acordo quanto à necessidade, cada vez mais premente, de criar uma nova organização política que possa de algum modo contribuir de uma forma eficaz para alterar esta situação em que nos encontramos e tentar ultrapassar a crise. É com bastante curiosidade que se aguarda o almoço comemorativo de segundo aniversário da reeleição do Presidente Eanes, que se vai efectuar no Porto, no Pavilhão do Académico, no dia 16 de Janeiro.

Solução à vista para presidência do Tribunal Constitucional

O presidente do Tribunal Constitucional poderá surgir de um dos três juizes ainda a cooptar pelos restantes dez membros já eleitos, mas a hipótese Gonçalves Preto — adiantada hoje pelo semanário «Expresso» — não tem qualquer fundamento — soube o «DL» junto de fonte próxima daquele órgão de soberania.

Todavia, e segundo a mesma fonte, avizinha-se uma solução quer para os elementos a cooptar, quer para a presidência do TCE dos nomes até agora mais votados no processo de cooptação, designadamente os de Rui Pestana e Octávio Dias Garcia (propostos pela AD) deverá surgir o presidente do Tribunal.



Fotos de José Tavares



«Ski» só na serra

Serra da Estrela com neve desde segunda-feira

Turistas portugueses são a maioria no Inverno

O branco, o cinza e o verde misturavam-se ontem na serra da Estrela e sucediam-se, por vezes, ao virar de uma das muitas curvas das estradas da serra. A neve tinha começado a cair na passada segunda-feira, o branco dava já o aviso, ainda antes da Covilhã, a quem olhasse para o alto. Depois, na estrada que sobe daquela cidade em direcção às Penhas da Saúde, pequenos flocos indicavam a aproximação dos territórios onde a neve cobria todas as outras cores. Em baixo, nos vales, o verde continuava enquanto o cinza das formações rochosas era animado por pequenas cascatas de água, ornadas de pequenos estalactites de gelo.

A neve é dona da serra. Começa a imperar pouco antes das Penhas da Saúde, dá lugar ao verde perto de Manteigas e regressa antes das Penhas Douradas, para só se interromper, de novo, a poucos quilómetros de Gouveia. Sobem ainda antes para a

Torre, o planalto mais alto da serra (1991 metros), bloqueando a estrada que por lá passa e que liga o Sabugueiro à Nave de Santo António. No dia anterior, quarta-feira, a segunda estrada bloqueada pela neve tinha sido já aberta e o percurso de Gouveia a Manteigas encontrava-se de novo praticável.

Os visitantes da Torre tinham, no entanto, de esperar pois a abertura da primeira via só se encontrava marcada para a tarde de ontem.

Habitados a invernos de chuva, num país que dizem ter como «marca» o sol e o mar, a neve surge-nos como paisagem de outros países ou de outros tempos... um antigo sinal que toma forma na serra e que nos trás à memória pequenas passagens de velhos contos. Talvez por isso sejam os portugueses que, em maior número, ocupam, durante os meses de Inverno, a Pousada de São Lourenço, nas Penhas Douradas. Os turistas estran-

geiros preferem-na no Verão e os que a procuram antes são geralmente, conforme nos disseram, aqueles que vivem em Portugal ou que por cá passam metade do ano: será talvez, para eles a forma de matar saudades do que é, em alguns dos seus países, a sua companhia de Inverno...

Com quatro unidades hoteleiras — a Pousada, o Hotel de Manteigas e outros dois pertencentes à Torralta — a serra tem um conjunto de cerca de 139 quartos e 16 suites à disposição de quem por lá queira pernoitar ou passar uns dias de férias.

Este número é, no entanto, considerado insuficiente para corresponder à procura que já existe e, sobretudo, para fazer face a uma tentativa de descentralização do turismo, que continua a ter a sua praça-forte no Algarve.

Apesar da sua beleza natural, a serra não tem ainda, segundo nos disseram, condições para receber o número de forasteiros que por ela poderiam ser atraídos. Os locais de



A neve domina parte da serra da Estrela

«repasto» são um dos principais problemas neste campo. Poucos, muito distantes uns dos outros, e com horários rígidos, «condenam» muitos visitantes a ter na visão da serra o seu único alimento. Situação que, em conjunto com outros factores (o fraco aproveitamento dos desportos de Inverno, entre outros) que levaram a que, por exemplo, na Pousada de São Lourenço, se tenha assistido a uma quebra de 100 para 60 por cento de alojamentos de estrangeiros entre o Verão de 80 e o de 82.

Apenas com 12 quartos, a pousada estava ontem cheia, sendo todos os seus hóspedes portugueses. Aliás, Dezembro é tradicionalmente considerado um bom mês — se houver neve, claro — de turismo na serra. Emparelham com ele os meses de Janeiro e Fevereiro. No entanto, nos meses de Verão, são o ponto alto tendo aí os turistas europeus a predominância. E alguns são já tradicionais. Estão neste caso, um grupo de botânicos suecos que, em Junho, assentam arraiais na referida pousada.

No restante tempo as nacionalidades dos hóspedes são muito variadas. Os americanos e canadianos passeiam-se por todo o ano enquanto que, por exemplo, os brasileiros escolhem geralmente os meses de Outubro e Novembro. E, por vezes, a serra transforma-se em ponto de encontro de países tão distantes entre si como a Austrália e a Turquia, numa volta que passa ainda pela Tailândia e pela União Soviética.

O já habitual bloqueamento de vias da serra, devido à neve, não é actualmente considerado um grande entrave para o turismo. Segundo nos afirmaram é sempre possível encontrar caminhos alternativos. No entanto, foi-nos referido como negativa a morosidade do Centro de Limpeza de Neve em desbloquear as estradas. Antes, perto das Penhas da Saúde, tinhamos passado pelo Centro. Trabalharam nele cinco pessoas, estando incluídos, neste total, o guarda e a mulher de limpeza, que consideraram impraticável dar conta do trabalho com tão reduzido número.



Estalactites de gelo nas cascatas



Frio não conseguiu congelar os canais

A sagrada família (urbana) até mete dó

Moisés Espírito Santo

A cultura dos povos reflecte-se no modo como vivem as suas festas. O natal português não poderia passar despercebido ao sociólogo.

Há dois nats, o rural e o urbano. Orural é a festa da grande família aldeã, celebrado nas adegas, na rua, em volta da fogueira, na Missa do Galo. As filhas, as rabanadas, o pipó de vinho que se estreia, são a moeda que renova os laços de solidariedade, a tal fraternidade universal de que falam os livros santos. O Natal citadino é o da família nuclear, cada vez mais reduzida e compartimentada no quadrado urbano. Que os turistas de além-Pirenéus habituados a *revellonner* o Natal nos cafés, nos restaurantes e nas ruas da cidade, se abstenham de vir a este país onde se confrontaria com os semáforos inúteis, com os cemitérios que são estas cidades portuguesas a partir das vinte horas; nestes dias como sempre.

Jesus é um só mas...

Além-Pirenéus, o clero católico oferece durante estas noites as suas igrejas aos não praticantes, jovens, marginais (drogados ou não), prostitutas, «clochards», estrangeiros e todos os outros excluídos. Proporcionam-lhes não uma missa mas um convívio, música ao seu gosto. É o dia da fraternidade universal como se diz nos livros santos. O clero português fecha as igrejas. O Menino nascerá no outro dia, dentro do horário normal de serviço. E «ai dos que estão sós!» Como dirá aquele Menino quando tiver trinta anos, dos jovens rebeldes e fugitivos da sagrada família portuguesa, dos marginais e doutros cabo-ver-

dianos; para eles a «gehena» da solidão lisboeta, a caliza das ruas decrepitas e o negrume dos cais: **Vade retro**, excomungados da Santa Família portuguesa. — Haverá então vários Jesus? perguntará uma criança inocente. — Não, há apenas uma pessoa da Trindade com esse nome, mas cada sociedade cobre-o das roupagens que lhe convier, segundo os seus usos e costumes; é como se eu dissesse «cada povo tem o Messias que deseja».

Sociologia dos presépios

O presépio é uma tradição portuguesa; também há dois presépios, o rural e o urbano. O presépio rural é uma grande montanha de cortiça, de pedras e de musgo fresco, com o Menino ao centro e toda a aldeia à sua volta; com a sua paisagem, o seu rio, as suas casas, as suas gentes, os seus ofícios, os seus laços de solidariedade. O presépio rural é a teatralização da comunidade aldeã transbordando de alegria porque os sinos repicaram anunciando que nasceu um menino em casa da Maria e do José carpinteiro. O presépio que vemos por essas igrejas novas de Lisboa é uma pobre família isolada, desenraizada, deslocada, tímida, encerrada numa caixa como os animais numa jaula, salvo o devido respeito. A sagrada família que chegou a este lastimoso estado é a família portuguesa urbana que excluiu os vizinhos e que pôs os velhos no asilo, egoísta, compartimentada, esquartejada no quadrado da cidade, civilizada, modernizada.

É a família enjaulada. Pobre sagrada família que até mete dó.

Sociologia dos pinheirinhos

O Natal (urbano) português tem um pinheirinho; sem raízes,



apêndice do 13.º mês. E o fantasma verde-escuro que anuncia o esquartejamento social como o mocho anuncia a morte. O pinheirinho ocupou os espaços da solidariedade universal. Desceu das cidades e das vilas para as aldeias, trepou dos vales para as montanhas e vai-se introduzindo, passo a passo, em cada

lar rural à medida que o pai de família «sobe» da situação de camponês à de assalariado industrial.

Pisca-piscando, noites e dias a fio, por detrás de uma janela deserta, angustiante e solitário como os semáforos lisboetas às dez da noite.

O natal (urbano) português exprime bem o triunfo do grega-

rismo moderno, esta corrosão do espírito «elevado a factor de coesão social» (Marcuse).

Psicanálise da sagrada família

Da veneração dos presépios passou-se à edição de postais de boas festas; com a sagrada

família. Não é necessário ser-se muito versado em etnopsicanálise para deduzir que essas imagens, transpostas para o tema do sagrado, reflectem desejos inconscientes e tendências recalçadas. De quê? Dum desejo de se tornar bebé. Eu e mamã (a mamã é só para mim), eu-mamã-pai velho (impotente, fora de jogo) além de que o menino nu é um falus que se venera, ou autovenera.

Tais representações suscitam devaneios como os dos sonhos de natal: «Quem dera nunca ter saído desse ninho maternal, reocupar esse regaço generoso onde se pudesse espreitar sem cair na vida adulta, possuir a sós esse paraíso perdido e prometido donde emana leite e mel (e que no imaginário dos poetas se chama saudade), pejado de carinhos, beijinhos, bolinhos e maisinhos...». O diagnóstico da sagrada família que se deduz destas representações natalícias será difícil de aceitar porque toca o fundo de cada um, «o modo de ser português»: imaturidade psicológica, infantilismo, desejo de excluir o pai e de viver como parasita da mãe, recusa duma vivência autónoma, misticismo...

O Natal é a festa do eu-bebé (seja o eu filho, pai ou marido). A mãe figura nessas gravuras, mas em função do menino. Todos serão meninos; salvo a mãe que depois do trabalho tem de fazer o «cross» talho-padaria -mercearia-bugigangaria, e que tem de cozer o bacalhau e de fazer a «mousse» e o arroz-doce e de pôr a mesa e de servir os meninos e de repôr tudo no lugar. Enquanto o pai experimenta o carrinho a pilhas oferecido pelo pai... natal.

Temos muitas festas no nosso calendário, e há muitos tipos de natal, mas o nosso natal (urbano) é um caso à parte; como o é a nossa família.

THE BRITISH COUNCIL INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL

CURSOS DE LÍNGUA INGLESA

**Inscrições para as aulas a iniciar
a 4 de Janeiro de 1983**

Curso Geral de língua Inglesa
Níveis: Elementar, intermédio e Avançado

Testes de avaliação
para novos alunos
a partir de 27 de Dezembro

Horário das aulas:
das 8.30 às 22 horas,
sem interrupção

Cursos especializados de Inglês
para médicos, professores,
secretárias e executivos

Horário da secretaria: das 9.30 às 12.00 horas,
das 14.30 às 18.00 horas

As propinas deverão ser pagas somente por cheque
(conta própria ou adquiridos na C.G.D.)

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTE-NOS:
RUA LUÍS FERNANDES, 3 (esquina Rua de S. Marçal) 1294 Lisboa Codex
Telés: 36 92 08 - 36 92 09 - 32 01 73 - 32 87 50

Lotaria do FIM DE ANO

taluda 84 mil contos

(DIA 30 ANDA A RODA)

de ontem para hoje

Explosão numa oficina clandestina

A explosão de uma garrafa de gás numa oficina de polimento, a funcionar clandestinamente e com prejuízo para os outros inquilinos, destruiu o segundo andar de um prédio na Rua 14 de Outubro, em Vila Nova de Gaia, propriedade do Industrial Argel Marques Lobo. Não se registaram acidentes pessoais, tendo os bombeiros evitado que as chamas se propagassem aos andares e prédios vizinhos. Devido às queixas dos vizinhos a oficina fora mandada encerrar em Agosto de 1979 pela Inspeção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais, numa decisão nunca cumprida pelo Industrial Argel Lobo.

Congresso de Cantares Alentejanos

A Casa do Alentejo irá realizar, no próximo dia 15 de Janeiro, em princípio no Teatro Municipal de S. Luiz, o Primeiro Congresso de Cantares Alentejanos no qual irão participar os grupos corais alentejanos radicados na área da Grande Lisboa. Tendo como objectivo, segundo foi ontem afirmado, «manter viva a tradição, usos e costumes da terra transtagana», esta realização da Casa do Alentejo conta com a participação de dezoito grupos corais, bem como de personalidades ligadas ao folclore e à etnografia. Vitorino e Michel Giacometti, pelo que apurámos, contam-se entre as personalidades que já manifestaram o seu interesse em participar no congresso.



Pena maior para «Calça Branca»

No Tribunal da Comarca de Braga foram condenados três indivíduos acusados de terem roubado materiais de construção no valor de oitocentos contos. São eles Cândido Ribeiro, «O Calça Branca», doze anos de prisão maior, José Vieira, seis anos de prisão maior, e Francisco Mendes, vinte meses de prisão maior.

Contrabandistas de armas desavindos

O português António Vila, de 58 anos, e dois espanhóis, metidos em negócios de armas, zangaram-se e logo vieram à tona as «verdades» que os ligavam. Aconteceu em Montalegre quando um dos espanhóis procurou fugir, por razões ainda desconhecidas, com um embrulho contendo sete pistolas. António Vila perseguiu-o gritando que lhe

tinham roubado 200 mil pesetas o espanhol defendeu-se espantando-lhe uma navalha no peito. Intervenção da Guarda Fiscal, que acabou por deter os três contrabandistas desavindos, não sendo grave o estado de António Vila. Não conseguimos apurar a identidade dos dois espanhóis.

Um reformado sem amanhã

A solidão, a doença e as privações materiais, foram marcos que o reformado José Marcos de Sousa, de 75 anos, não conseguiu transpor acabando por suicidar-se por enforcamento na sua casa, na Rua dos Armazéns, no Porto. Cumpridas as formalidades legais, o corpo foi transferido para o Instituto de Medicina Legal.

Falsificou receita médica

Numa farmácia da Rua Cidade de Bolama, em Lisboa, o empregado de balcão José Santos, de 21 anos, foi detido ao procurar adquirir uma embalagem de «Rehypnal» com uma receita falsificada dos Serviços Médico Sociais. José

dos Santos afirmou que tinha encontrado a receita próximo do Café Central, na Praça das Casas Novas, ao Bairro da Encarnação, forjando depois a assinatura de um hipotético médico.

Assaltantes de ourivesaria

Gomes, Lopes, Patrício e Rodrigues, quatro jovens de idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, foram detidos pela Polícia Judiciária como presumíveis autores, em Junho de 1981, de um furto de 1600 contos, dos quais 1200 em jóias, numa ourivesaria da Estrela, em Lisboa. Os investigadores procuram ainda localizar mais dois suspeitos.

Fogão pago à pistola

Elementos da Secção de Justiça da PSP detiveram respectivamente na Cova da Piedade e em Chelas o comerciante Mário Ferreira, de 42 anos, e o técnico de máquinas José Fernandes, de 41, pelo facto do primeiro ter em seu poder uma pistola «Colts», de

calibre, 38, e 316 munições, que declarou ter adquirido ao segundo, retornado de Angola. José Fernandes disse que entregara a arma a Mário Ferreira há dois anos para amortizar o pagamento de um fogão que lhe havia comprado por onze contos.

Carlos Neto falhou o «salto»

Na fronteira de Caia foi detido pela Guarda Fiscal, quando procurava dar o «salto» para Espanha, o cadastrado Carlos Manuel Neto, de 34 anos, natural de Cantanhede. Carlos Neto, autor de vários furtos, receptor de e passador de cheques falsificados, tinha um mandado de captura passado pelo 7.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa, pelo que recolheu sob prisão à cadeia de Elvas.



A inflação galopa os salários: a vitória da pequena oferta

As roupas que Lisboa veste

O triunfo certo da pequena oferta

O vestuário que usamos é para ocultar a nudez, ou testemunhar um estilo de vida? Um casaco de peles talvez seja dispensável em Lisboa. Mas não há necessidade de sentir complexos, só porque é preciso fazer todas as manhãs o nó da gravata. O certo é que o dinheiro deste Natal se vai esgotando em pequenas ofertas.

É Umberto Eco quem o afirma: «O vestuário fala». A portuguesa, seríamos talvez menos subtile: diz-me como vestes, dir-te-ei quem és...

Uma incursão breve pela História dissipa dúvidas: a roupa serviu principalmente para nos cobrir. Para o homem primitivo, a pele dos animais era uma protecção contra o frio. Depois, tudo se complicou. Surgiu a diferença entre o bom e o mau caçador. E, com o tempo, as clivagens pelo vestuário.

Cores, padrões, tecidos e modelos entram em cena. Dão conteúdo à esfera da moda. Tornam pacífica a descoberta do superfluo: entre o colarinho e os sapatos, as bandas dos casacos, as bainhas nas calças, os cortes de blusas, os modelos de saias e vestidos.

Pela moda, concretiza-se um impulso essencial: a diferença e a individualidade. Mas como conciliar essa aspiração com a necessidade de respeitar as regras de um meio a que se pertence, ou aspira?

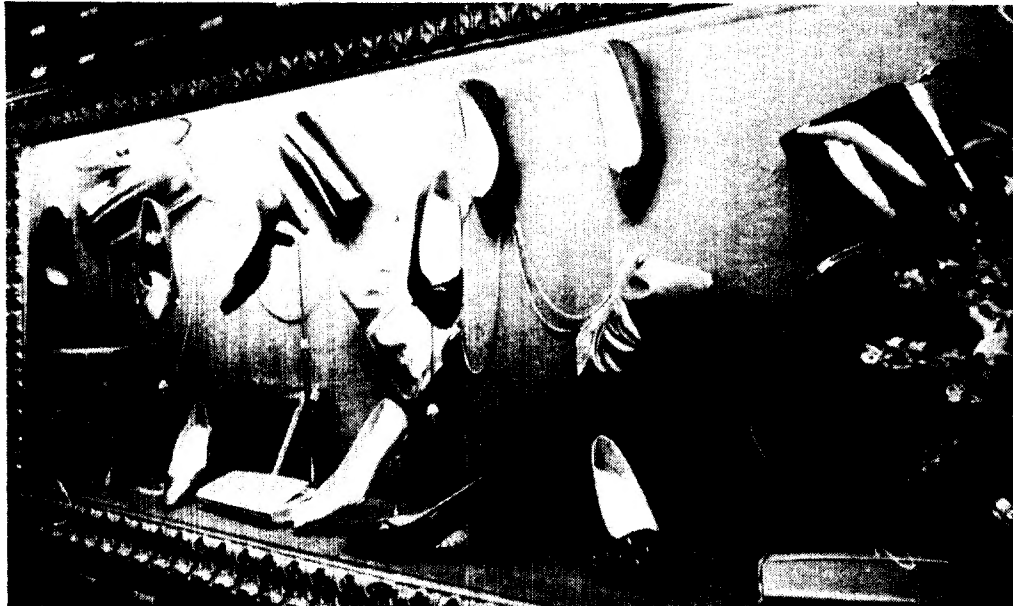
Outrora um agente de delimitação entre classes e grupos sociais, a moda podia levar ao escândalo e à «perdição». A rigidez destes códigos dissipou-se. Pelo menos, alguma coisa se alterou sobretudo nos meios urbanos. A moda unissex trouxe a aproximação exterior entre as pessoas. Pelos tipos de tecidos, pelas cores, pelo feitio dos trajes.

Unissex barato

A quem se dirigem as roupas que muitas lojas da capital exibem? A resposta é difícil.

Na «Mata Hari», por exemplo, oferecem-se-nos a preços acessíveis — menos de mil escudos — calças de bombazina em todas as cores. Para homem ou mulher? A mesma dúvida se instala quanto às camisas expostas, um pouco mais caras.

Descemos as ruas da Baixa. Vimos montras e comparámos preços. Interrogámos, ainda, vendedores e gerentes de estabelecimentos comerciais. Uma primeira conclusão surge, nítida:



Os sapatos a preços de ouro: sobre os pés se constrói o dia-a-dia

a venda não pára, só porque a inflação galopa os salários.

Pedro Costa, gerente da Loja das Meias:

«Não posso dizer que o movimento esteja pior este ano do que nos anteriores. Mas as pessoas começaram a fazer as suas compras mais tarde». Ao que nos disse, talvez se venda mais, mas o total não ultrapassará os valores do ano anterior.

Por falar em movimento tardio: «O tempo não esteve tão frio no começo de Dezembro. Quando arrefece, as roupas de Inverno começam logo a sair... E não foi o que se viu este ano».

Assentemos nisto: os lisboetas estão na rua e fazem compras de Natal. Sobretudo para oferecer, ao que nos disse Pedro Costa:

«A maioria dos produtos vendidos situa-se entre os quinhentos e os dois mil escudos. As ofertas para mulher privilegiam as luvas, camisolas, lenços ou porta-moedas. Quanto aos homens, o que mais sai são gravatas, cintos ou camisas».

Viver o dia-a-dia

Longe vão os tempos em que o sapateiro nos desenhava o formato do pé. Ou, mais recentemente, se compravam sapatos para oferecer a parentes ou amigos.

«Hoje compra-se sobretudo para uso próprio», afirma Ilídia Dinis, encarregada da sapataria Charles. O risco de não servir, ou as dificuldades com as trocas, quase acabaram com aquela

modalidade.

Ficamos assim a saber que a escolha pessoal afasta, desde logo, a conveniência alheia. Ou seja: se está frio ou chove, o que importa é adquirir o sapato de que se precisa. Em borracha, mas sobretudo em sola, atendendo à relativa benignidade do clima lisboeta.

«Não temos sentido grande quebra, o que terá muito a ver com os preços que nós praticamos», sublinha Ilídia Dinis. Mais são os clientes femininos do que masculinos, ao que apurámos. Mas porque se compra tanto nesta altura?

«É um hábito antigo que se cumpre mesmo quando parece não haver dinheiro. E as pessoas vivem mais o dia a dia».

Os comerciantes, antes de toda a gente, evidenciam um particular conhecimento dessa realidade. E os preços assim o confirmam: não vimos sapatos a preços inferiores a dois mil escudos. Daí para cima, sem limite.

Por tudo isto, se torna o sapato em objecto precioso, quase uma raridade. Que tem de ser poupada, já se vê. Ou não é sobre os pés que o dia a dia se constrói?

Consumidor conquistado

De permeio, em todo este cerado mecanismo das compras natalícias, a moda e a publicidade.

Não há moda sem publicidade. Os sociólogos, porém, não riem com a aparente frivolidade que

parece caracterizar o fenómeno. Sabemos porque assim acontece: as manifestações da moda constituem, em muitos momentos, preciosos indicadores de transformação. No termo das mudanças sociais, não raras vezes se descobre o «viver diferente».

Os ciclos da moda sucedem-se, necessariamente diferentes dos anteriores, e propondo novos produtos ao consumidor. Basta recordar a moda «beat», com adopção da mini-saia e a recusa do fato completo e da gravata: um êxito clamoroso.

Mas toda a realidade tem um reverso. O novo consumidor necessita de ser conquistado. É essa a tarefa dos publicitários.

Só que a publicidade transforma o homem contemporâneo em objecto, condição confirmada pela sua passividade perante a mensagem publicitária. O passo seguinte não tarda. Numa escalada de renúncia à sua própria dignidade, representar-se-á a si mesmo, para melhor se vender como trabalhador ou profissional. Veste-se.

Não o ignoramos: comprar roupa é uma necessidade. Um hábito, também. O que já não parece tão limpo, é a repetição em cada estação do ano, do cerimonial das passagens de modelos, arquetipos do que o sistema industrial ambiciona para toda a sociedade.

A estratégia publicitária consome-se na venda. Poucos poderão considerar-se imunizados.

Carlos Pessoa

comunicação social

Jorge Miranda sobre ANOP

Governo de gestão carece de autoridade para despedimentos

O constitucionalista Jorge Miranda entregou aos órgãos representativos dos trabalhadores da ANOP um parecer contrário à concretização do despedimento colectivo na Agência Noticiosa Portuguesa.

O parecer, elaborado por Jorge Miranda a pedido dos trabalhadores da ANOP, e por ele subscrito como professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, foi entregue levado ao conhecimento da Secretaria de Estado do Emprego e do Presidente da República.

Afirma o deputado e constitucionalista que «para além de quaisquer considerações sobre a gravidade de tal medida (do despedimento) no plano laboral, ela traduzir-se-á, a ser consumada, num gravíssimo efeito sobre as actividades específicas da empresa enquanto agência noticiosa».

«Pode supor-se — acrescenta o parecer de Jorge Miranda — que a ANOP ficará quase impossibilitada de exercer a sua função. Ora, não pode um Governo de gestão tomar directa ou indirectamente, explicita ou implicitamente, uma decisão com esse alcance».

Jorge Miranda, pronunciando-se sobre o despedimento colectivo desencadeado pelo Conselho de Gerência da ANOP, abrangendo cerca de dois terços dos trabalhadores, afirma que a Secretaria de Estado do Em-

prego, «na actual situação da ANOP e do próprio Governo, não deve sancionar, por acção ou por omissão» esses despedimentos.

Depois de frisar que o Presidente da República vetou o decreto-lei de extinção da ANOP, que na Assembleia da República não chegou a dar entrada a proposta de lei no mesmo sentido e que a proposta de orçamento caducou com a demissão do Governo, Jorge Miranda afirma:

«Em última análise, o que está aqui em causa é o respeito ou não do princípio elementar de confiança inerente a um verdadeiro e autêntico Estado democrático como Portugal pretende ser».

Assim, «por obediência a este princípio, nada pode ser feito, pelo menos, nas actuais circunstâncias, que conduza de qualquer forma à inutilização da agência» — conclui o parecer do professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Ferrer Correia

Também o professor catedrático e ex-reitor da Universidade de Coimbra, Ferrer Correia, afirmou que «não existem aparentemente razões substanciais para extinguir a ANOP».

Ferrer Correia, que durante cerca de seis anos foi reitor da Universidade de Coimbra, cargo que deixou em Agosto passado por ter atingido o limite de idade, salientou que durante todo o período em que conduziu a Univer-

sidade foi «testemunha da eficiência da agência» do que «teve ocasiões de se certificar».

Lembrou que se serviu da ANOP para «dar a conhecer ao País todas as questões da actividade da Universidade». Ferrer Correia fez notar particularmente o trabalho dos jornalistas da delegação de Coimbra que disse ter tido «sempre em muito bom conta» e de quem salientou um comportamento com «requisitos de gentileza».

Sindicato dos Jornalistas

Entretanto, o Sindicato dos Jornalistas enviou ao secretário de Estado do Emprego um telegrama a pedir-lhe que «recuse aceitar pessoalmente um papel activo na concretização do pouco transparente processo de tentativa de extinção da ANOP».

No telegrama, a Direcção do SJ pede concretamente a Artur Mota que dê parecer desfavorável ao processo de despedimento colectivo em curso na empresa e que poderá consumar-se já no início da próxima semana.

O Sindicato recorda que contra a extinção da ANOP se pronunciaram representantes dos jornalistas dos Estados Unidos, Brasil, França, Espanha, Itália, Israel, Suécia e Suíça, a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), a Organização Internacional de Jornalistas (OIJ) e a Federação dos Jornalistas Árabes.

Unanimidade no Conselho de Informação

Noutro plano, o Conselho de Informação para a ANOP reafirmou que a agência «deve continuar a ser dotada das verbas necessárias ao seu funcionamento normal».

Aquele CI decidiu por unanimidade «censurar a atitude do Conselho de Gerência da ANOP por não ter prestado, como a lei determina, as informações solicitadas pelo Conselho de Informação, nem apresentado qualquer justificação para a sua não presença na audiência» ontem efectuada.

Com 13 votos favoráveis do PS, PCP, UEDS, ASDI, MDP, PPM e UDP, quatro votos contra do CDS e duas abstenções do PSD, o Conselho reafirmou, «na sequência de anteriores deliberações, que a ANOP deve continuar a ser dotada das verbas necessárias ao seu funcionamento normal, conforme expressamente determina o estatuto da empresa».

O CI deliberou também, com 12 votos favoráveis de todos os partidos da Oposição, quatro votos contra do CDS e três abstenções do PSD e PPM, «manifestar de novo o seu apreço pelo brio profissional e pela dedicação de que sempre têm dado provas os trabalhadores da ANOP, especialmente aqueles que apesar de ameaças de despedimento colectivo continuam a desenvolver

ver a sua actividade em termos por todos reconhecidos como de inegável qualidade».

A proposta aprovada foi apresentada conjuntamente por conselheiros do PS, PCP, MDP e UEDS.

Apoio da UGT

Já depois da CGTP se ter manifestado contra a extinção da agência, foi agora a vez da União Geral dos Trabalhadores (UGT) repudiar vivamente «o facto de o Conselho de Gerência da ANOP estar a preparar o despedimento de metade dos trabalhadores da empresa».

A UGT considera que a queda do Governo de Pinto Balsemão «implica, inexoravelmente, a caducidade das deliberações pelo mesmo tomadas, sobretudo das que não foram consumadas, como é o caso da ANOP».

O que está em causa é a liberdade de informação e a manutenção da existência das empresas públicas, «princípios de cuja defesa a UGT jamais abdicará».

A UGT exige que o futuro Governo reveja a posição do Executivo cessante, viabilize a ANOP, respeite os postos de trabalho, garanta a liberdade de informação — e «não condene a uma morte injustificada uma empresa pública de inegável relevância no contexto da Comunicação Social portuguesa e de reconhecida imparcialidade de informação».

Escola de Cascais dá choque

A maioria dos 16 pavilhões da escola preparatória João Lúcio de Azevedo, em Cascais, tem a sua instalação eléctrica a dar choque, pondo em perigo os 700 alunos, afirmou ontem uma fonte da associação de pais.

Acrescentou à ANOP que a direcção da escola decidiu não reabrir os 12 pavilhões que não oferecem segurança, se até ao início das aulas a instalação eléctrica, que não tem ligação à terra, não for reparada.

Diversos e sucessivos ofícios enviados pelo conselho directivo, à Direcção-Geral do Equipamento Escolar, pedindo a comparência de um técnico para reparar a instalação, não mereceram resposta, obrigando à deslocação de elementos da direcção da escola ao Ministério da Educação.

Finalmente e em consequência dessa deslocação, um técnico electrotécnico foi enviado a Cascais, mas à escola Pereira Coutinho, onde constatou anormalidades da instalação eléctrica.

Novas insistências da escola João Lúcio de Azevedo, têm merecido do Ministério a resposta de que não há transporte para Cascais, pelo que 700 alunos estão em risco de não ter aulas em Janeiro, caso a instalação não seja reparada até lá.

«Isto é um drama a nível nacional. A escola não tem verbas para reparar a instalação eléctrica e os alunos não podem ser postos em perigo de ser electrocutados», comentou à ANOP a fonte escolar.

Despachos do ME põem contas em dia

O ministro da Educação emitiu um despacho que manda regularizar os pagamentos devidos ao pessoal investigador daquele Ministério, por força do Decreto-Lei 415/80 de 27 de Setembro.

Proveniente do mesmo departamento governamental foi enviado para o «Diário da República» um despacho que regula o pagamento de vencimentos ao pessoal docente do Conservatório do Porto.

Este despacho é assinado também pelo Ministério das Finanças e do Plano.

Outro despacho do ministro da Educação, agora tornado público, autoriza a concessão de fases aos docentes da educação pré-escolar, do ensino primário, das escolas normais de educadores de infância, nas escolas do Magistério Primário e da tele-escola.

Álvaro Mateus no simpósio sobre Amílcar Cabral

Álvaro Mateus será o representante do Partido Comunista Português no «Simpósio Amílcar Cabral», revelaram à ANOP fontes partidárias na Cidade da Praia.

Álvaro Mateus, colaborador do Comité Central do PCP, chega à capital cabo-verdiana no dia 17 de Janeiro, dia da abertura do simpósio que se prolonga até dia 20 data do décimo aniversário do assassinato do fundador do PAIGC.

Alerta do SPGL aos professores do ensino primário

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa alerta os professores do ensino primário para que se mantenham atentos à publicação, no «Diário da República», das listas relativas ao pagamento das fases.

Depois da publicação das listas, os professores dispõem de um prazo de 15 dias para reclamar de eventuais incorrecções, pelo que o SPGL chama a atenção para a necessidade de saberem quando começa exactamente o prazo.

O Sindicato exprime em comunicado a sua discordância pelo facto de, mais uma vez, «se

tratar de um problema de tão magna importância no decorrer de uma interrupção do ano lectivo — as férias do Natal — durante a qual os professores se encontram ausentes das escolas e, eventualmente, dos locais em que habitualmente residem».

O SPGL reafirma-se também na disposição de levar até ao fim o processo de luta já iniciado «o qual só se concluirá quando efectivamente forem abonadas a todos os professores as quantias respeitantes às fases por si vencidas».

Morreram 41 pessoas

Diplomatas africanos

repudiam ataque ao Lesotho

Os chefes das missões diplomáticas africanas acreditadas em Lisboa manifestaram ontem a sua repulsa e indignação pelo recente ataque sul-africano ao Lesotho.

Tais investidas contra «pacíficos refugiados» do ANC são o testemunho de como os acontecimentos na África do Sul sofreram uma viragem caracterizada por uma «combinação de brutais acções militares com esforços diplomáticos aparentemente conciliatórios» — diz um comunicado entregue à imprensa por aquelas representações diplomáticas.

Nenhuma forma de pressão poderá enfraquecer a decisão dos povos livres da África Austral de concederem o seu apoio moral e diplomático aos povos oprimidos da África do Sul e da Namíbia — acrescenta o comuni-

cado. No recente ataque da África do Sul contra o Lesotho morreram 41 pessoas.

O comunicado dos encarregados das missões diplomáticas africanas em Portugal refere ainda que esses ataques «sangrentos e friamente executados contra civis são em si susceptíveis de provocar a reacção violenta das massas oprimidas da África do Sul e da Namíbia e não constituem um bom presságio na busca de uma solução pacífica do problema do «apartheid» na África Austral, especialmente se se tiver em conta que os actos bárbaros em questão foram perpetrados pouco depois de haverem terminado as conversações realizadas em Cabo Verde entre o ministro do Interior angolano e o ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano».

Dedicação exclusiva

Os Sindicatos dos Professores da Grande Lisboa, Zona Sul e Região Centro, informaram o ministro da Educação que vão recorrer às instâncias judiciais por não ter sido contemplada a retroactividade no pagamento dos subsídios de dedicação exclusiva dos professores do ensino superior.

Na mesma reunião os sindicatos apresentaram ao ministro as reivindicações prioritárias do ensino superior, nomeadamente as respeitantes aos assistentes.

Viana do Castelo

Trabalhadores-estudantes lutam por transportes

VIANA DO CASTELO — A comissão de luta desta cidade dos trabalhadores-estudantes pela obtenção dos transportes anunciou que vai propor a convocação de uma greve parcial ou total em cada estabelecimento de ensino de Viana do Castelo.

Ao apresentar em conferência de imprensa um plano de luta a desenvolver «face à ineficácia e passividade dos órgãos autárquicos» de Viana do Castelo, a Comissão anunciou também a intenção de enviar uma delegação à Presidência da República, à Assembleia da República e ao ministério da Educação.

Do plano de acções a desenvolver a partir do começo do próximo período, constam também a intenção de convocar dois plenários de trabalhadores-estudantes em cada escola secundária da cidade e de obrigar os órgãos autárquicos de Viana do Castelo a resolver o problema.

LEIA E ASSINE REVISTAS SOVIÉTICAS EM PORTUGUÊS



TEMPOS NOVOS

Panorama da política mundial. Em cada semana saiba e entenda o que se passa no mundo.

UNIAO SOVIETICA

O grande quotidiano na pátria do socialismo.

MULHER SOVIETICA

Conquistas e tarefas numa sociedade libertada.

REVISTA MILITAR SOVIETICA

As forças armadas na batalha da paz.

SOCIALISMO

Princípios, Prática, Perspectivas.

AS ASSINATURAS PODEM SER FEITAS NA SECÇÃO DE ASSINATURAS DA C.D.L., AV. SANTOS DUMONT, 57-4º ANDAR DTº, TELEFONE 76 64 02, OU EM QUALQUER UMA DAS LIVRARIAS POPULARES C.D.L.

Nos mais diversos pontos do País Trabalhadores manifestam-se pelo afastamento da AD

Milhares de trabalhadores concentraram-se ao fim da tarde de ontem em várias localidades do País, a fim de exigirem a dissolução da Assembleia da República, a nomeação de um Governo de gestão e a convocação de eleições antecipadas.

As manifestações de ontem, que vêm na sequência das realizadas na quinta-feira em Lisboa, Porto, Braga e outras localidades, ocorreram em Évora, Montemor-o-Novo, Portel, Mora, Vendas Novas, Avis, Campo Maior, Ponte de Sor, Covilhã, Peniche e Tortosendo e Beja.

Em Évora, José Figueira, que falava em nome da comissão promotora da concentração (que englobava a União dos Sindicatos local, os diversos sindicatos e os Secretariados das UCP's e Cooperativas) sublinhou que «face aos resultados eleitorais e à consequente demissão do Governo, a AD perdeu toda a legitimidade para governar».

Os trabalhadores presentes aprovaram uma moção em que se apela para «as forças políticas de área democrática que assumam urgentemente uma posição firme e inequívoca face à actual política decorrente da queda do Governo» e exigiram que o PR de acordo com a vontade popular expressa, nomeie um Governo de gestão, dissolva a Assem-

bleia da República e convoque eleições legislativas antecipadas».

Na manifestação realizada em Peniche, foi aprovada por unanimidade uma moção que exige a formação de «um novo Governo e uma nova política».

Os trabalhadores desta vila frisaram que «não querem nem aceitar alguma vez uma simples remodelação governamental no seio da AD, como parecem pretender alguns sectores das forças derrotadas eleitoralmente».

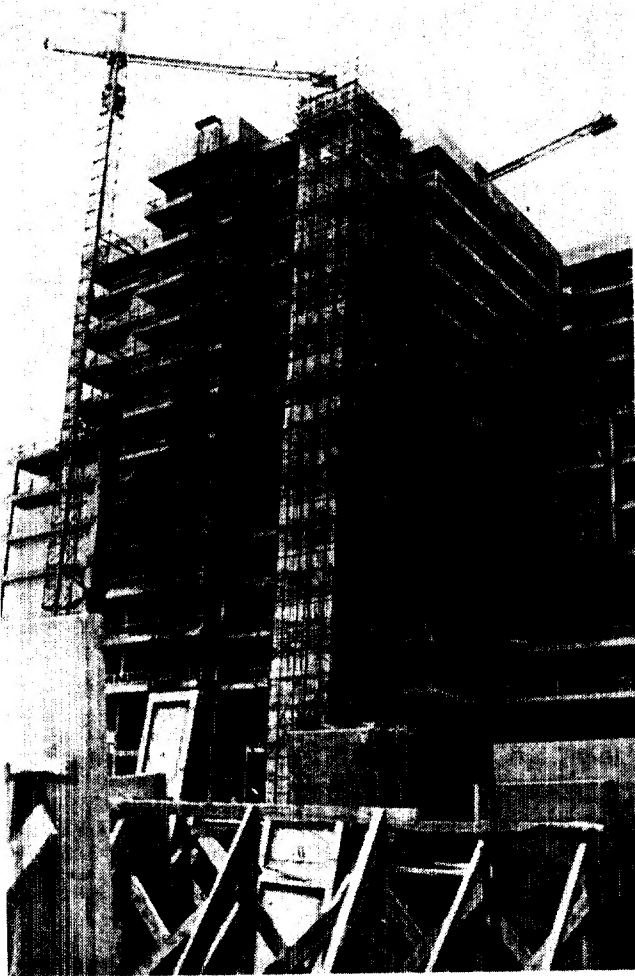
Reclamaram igualmente que o PR «afaste a AD da área do poder, dissolva a AR e marque novas eleições, a fim de ser respeitado o voto popular».

A mesma hora decorriam as restantes concentrações, onde foram feitas as mesmas exigências, tendo sido sublinhada a disposição de os trabalhadores «lutarem por estes objectivos».

Em Coimbra realizou-se um plenário de dirigentes e delegados sindicais e comissões de trabalhadores, tendo sido aprovada uma moção em que se exige «o absoluto respeito pelos resultados eleitorais de 12 de Dezembro, o que implica que o senhor Presidente da República e as forças democráticas ajam no sentido de afastar a AD da área do poder».

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

Trabalhadores da construção civil podem ir para a luta



Os sindicatos da construção civil e obras públicas decidiram desencadear «desde já» as acções necessárias para a luta que terão brevemente que travar, caso o patronato não altere a sua posição e se «aproxime das reivindicações dos trabalhadores».

Segundo um comunicado divulgado pela Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Madeiras e Mármore, a decisão, foi ontem tomada em reunião que teve a participação daquelas organizações sindicais.

As associações sindicais entregaram na devida altura a proposta de revisão do contrato colectivo de trabalho (CCT) para a construção civil e obras públicas, à qual o patronato respondeu na passada terça-feira, com uma proposta de aumentos salariais de 14 por cento.

Os dirigentes sindicais afirmam que o patronato da construção civil e obras públicas «completamente amarrado à política reaccionária do Governo AD» apresentou aos sindicatos uma proposta de aumentos salariais de 14 por cento, que é «uma verdadeira provocação aos trabalhadores que cada dia que passa vivem em piores condições e maiores dificuldades, em resultado do desastre nacional para onde a AD atirou o País».

Trabalhadores da Imprensa

Os representantes dos trabalhadores da imprensa e Agências Noticiosas rejeitaram a contraproposta de aumentos salariais de 16 por cento, que lhes foi apresentada pelo patronato.

A Federação dos Sindicatos das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa afirma em comunicado que os dirigentes sindicais consideram que «esta primeira contraproposta deve ser reformulada logo no início das negociações».

Segundo a federação, além da contraproposta de 16 por cento de aumentos, a Associação da Imprensa Diária pretende retirar direitos consagrados no contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV) da Imprensa e Agências Noticiosas. Pretende, nomeadamente, alterar a cláusula que determina o âmbito de aplicação das duas tabelas e recusa-se a negociar «a consagração do subsídio de alimentação, por considerar que o presente processo de revisão apenas abrange as tabelas salariais».

A federação propõe o «rápido início das negociações» e exorta «todos os trabalhadores abrangidos à participação activa em todo o processo de revisão» em defesa de uma revisão justa do CCTV.

Secretaria da Emigração acusada de arbitrariedade contra trabalhadores consulares

O Sindicato dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas emitiu um comunicado em que acusa a Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas de ter cometido uma arbitrariedade, com a cumplicidade do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE).

O documento afirma que os trabalhadores voltaram a sofrer as consequências da «falta de um diploma que regulamente as relações laborais» e que as arbitrariedades, despedimentos e decisões injustas têm sido uma constante da actuação do MNE. Os representantes sindicais —

diz o documento — foram desta vez surpreendidos por um despacho do secretário de Estado da Emigração, que nomeia diversos trabalhadores para postos em França, sem qualquer concurso. «Aparentemente este despacho deveria consignar os resultados do concurso aberto pelo aviso de 8 de Junho de 1982, que contemplava vários postos em França, à excepção do Consulado Geral de Portugal em Paris e dos Serviços de Programação e Apoio da Embaixada (ex-delegação da Secretaria de Estado da Emigração em Paris), afirma o sindicato. Acrescenta quando foi aberto qualquer con-

curso nem tido em conta os resultados do que fora aberto em Junho.

Denunciando mais uma vez o atraso do MNE na elaboração do estatuto profissional, a organização protesta contra a marginalização a que foram votados os trabalhadores no projecto de reestruturação dos Serviços de Programação e Apoio, «organizada em segredo».

O Sindicato dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas afirma que vai estudar a situação e «tomar as medidas sindicais apropriadas».

Em França

Incidente com operário português origina paralisação na Citroen

Um incidente entre dois operários, um português e outro marroquino, esteve na origem da paralisação de uma hora, ocorrida ontem na Fábrica Citroen, em Aulnay-Sous-Bois, Paris.

João Maria Rocheta teve uma discussão acalorada com o colega marroquino, na quinta-feira da semana passada, e os dois homens já se tinham reconciliado.

Apesar disso, na sexta-feira, o operário marroquino era mandado regressar a casa para repousar, enquanto o português era chamado à direcção da fábrica, onde lhe foi dito que ia ser despedido.

Na sexta-feira a carta de despedimento foi entregue ao operário português.

Apesar dos protestos da Confederação Geral do Trabalho (CGT), que considerou a punição como exagerada, a direcção da Citroen manteve a sua decisão de despedimento, pelo que a CGT resolveu declarar a greve.

Os 25 trabalhadores da secção do parque deixaram assim de trabalhar entre as 14 e as 15 horas, de segunda-feira, pelo que mais nenhum automóvel pôde sair da linha de montagem durante esse tempo.

Uma certa acalmia parecia ter voltado até que 3500 operários da fábrica, após uma reunião na terça-feira, decidiram por sua vez pedir à direcção para que reexaminasse o caso do operário português.

Perante nova recusa da direc-

ção da fábrica, a CGT deu nova indicação de greve, pelo que a fábrica de de Aulnay-Sous-Bois voltou ontem a paralisar.

A CGT é a central sindical maioritária na fábrica, do grupo Citroen, pois obteve cerca de 600 votos tanto nas eleições de Junho passado como ainda deste mês.

A segunda central é a Confederação dos Sindicatos Livres (CSL), que obteve cerca de 300 votos.

Segundo o secretário-geral da CSL a CGT estaria a fazer «reinar o terror» em Aulnay-Sous-Bois, utilizando em parte, para isso, a sua influência junto dos trabalhadores imigrantes.

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA A V I S O

Loteamentos clandestinos ESTUDOS DE RECONVERSÃO

Tendo esta Câmara em vistas vir a reconverter loteamentos clandestinos da área do nosso concelho, vem por este meio convidar os gabinetes de arquitectura e ou de engenharia com experiência deste tipo de trabalho, e que estejam interessados em elaborar estudos de reconversão e projectos de infra-estruturas a inscreverem-se nesta Câmara. A carta deverá ser dirigida ao Departamento de Fomento — Serviço de Obras Particulares — Gabinete Técnico, Rua Manuel Afonso Carvalho, n.º 27 - 1.º, até ao dia 20 de Janeiro de 1983, acompanhado do curriculum profissional.

Após a apresentação das candidaturas, será elaborada uma pré-selecção, para constituição de uma lista definitiva para consultas posteriores.

De todos estes tramitos será depois em tempo dado conhecimento a todos os inscritos.

Departamento de Fomento da Câmara Municipal de
V. F. X. 17/DEZ./82.

A CÂMARA

Gestores públicos já têm Estatuto

Os funcionários das empresas públicas podem ser nomeados gestores públicos em comissão de serviço pelo período previsto nos Estatutos ou por três anos, no caso destes serem omissos. Este é um dos pontos-chave do Estatuto do Gestor Público, já publicado no «Diário da República» e em vigor.

O Estatuto prevê que, para o exercício das funções de gestor público, podem ser requisitados agentes da Administração Pública e empregados das empresas públicas e privadas.

As entidades que nomeiam os gestores (despacho conjunto do Primeiro-Ministro, ministro das Finanças e ministro da tutela) «podem exonerá-los por simples conveniência de serviço».

A exoneração dará lugar a uma indemnização, de valor correspondente aos ordenados vincentos até ao termo do mandato, mas não superior ao vencimento anual do gestor.

O gestor público, para renunciar ao mandato antes do seu fim, terá de dar um pré-aviso de três meses e as empresas são responsáveis pelo pagamento das indemnizações em consequência das exonerações.

Antes de iniciarem funções os gestores públicos têm de comunicar, por escrito, ao Ministério das Finanças «todas as participações ou interesses patrimoniais que detenham directa ou indirectamente em outras empresas».

Os gestores públicos exercem a sua função em tempo inteiro, estando impedidos de representar interesses privados na administração de quaisquer empresas.

Garantiu Pisani em conferência de Imprensa

CEE aceita cooperação conjunta com Portugal para actuar em África

A cooperação entre Portugal e a Comunidade Económica Europeia na ajuda aos países africanos insere-se na perspectiva da futura adesão portuguesa ao Mercado Comum, disse ontem Edgar Pisani, comissário da CEE para a cooperação e o desenvolvimento.

«Aceitamos as propostas portuguesas de cooperação conjunta com países africanos porque sabemos que Portugal mais cedo ou mais tarde (e esperamos que mais cedo do que tarde) fará parte da Comunidade Económica Europeia», acrescentou Pisani numa conferência de imprensa realizada pouco antes do seu regresso a Bruxelas, no final da sua visita ao nosso país.

Pisani defendeu que as adesões de Portugal e da Espanha à Comunidade Económica Europeia deverão ocorrer simultaneamente, por razões práticas, mas admitiu a possibilidade de um adiantamento no caso de se verificarem grandes atrasos nas negociações sobre a integração espanhola.

«Todos os estados membros, sem excepção, desejam a adesão de Portugal e da Espanha, que só não se verificou quando da criação da Comunidade por ambos os países não terem regimes democráticos», sublinhou Pisani.

«Portugal, que teve o mundo por teatro da sua história» não se resigna a ser um

pequeno país europeu, foi a impressão que Pisani disse ter recolhido nos contactos que teve em Lisboa.

«Portugal não tem os meios correspondentes à sua história. A adesão à Comunidade Económica Europeia, a aventura da cooperação com os países em vias de desenvolvimento, restituirá a Portugal um destino digno do seu passado», afirmou.

Pisani recordou que três países africanos de língua oficial portuguesa, a Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, já estão associados à Comunidade e confirmou que estão em curso negociações para a adesão de Angola e Moçambique aos acordos de Lomé.

Acrescentou que Angola e Moçambique participarão, em Setembro de 1983, na negociação dos novos acordos de Lomé, que deverão entrar em vigor em Janeiro de 1985, data em que Portugal já deverá ter aderido à Comunidade Económica Europeia, o que permitirá que participe em projectos de desenvolvimento naqueles países.

Sublinhou que Angola e Moçambique têm um significado diferente para a CEE e para Portugal. «Para a Comunidade, são dois países vizinhos de países associados, a sua adesão aos acordos de Lomé reforçaria a cooperação na África Austral».

Entre as possibilidades de cooperação entre Portugal e a Comunidade Económica Eu-

ropeia, Pisani referiu nomeadamente a investigação no domínio da agronomia tropical, uma das grandes carências dos países africanos.

Depois de reconhecer que três dezenas de anos de cooperação entre a Europa e a África se traduziram em resultados decepcionantes Pisani defendeu uma nova orientação da cooperação em que vem insistindo desde que entrou para a Comissão da CEE cujos objectivos deveriam ser a auto-suficiência alimentar e um desenvolvimento auto-centrado dos países africanos.

Sublinhou que uma grande parte da ajuda concedida pela CEE aos países africanos foi desperdiçada em obras de fachada, não serão inteiramente úteis, e que agravaram a sua dependência externa, nomeadamente no domínio alimentar.

«Cerca de 80 por cento do auxílio concedido à África regressou à Europa através das compras de materiais, pagamento de salários e transferência de lucros», disse o comissário da CEE para a cooperação e desenvolvimento.

Para Pisani no futuro a ajuda deverá ser condicionada pela adopção de políticas que promovam o desenvolvimento agrícola, pela realização de trabalhos efectivamente úteis, e quase sempre pouco dispendiosos, e pelo aumento dos rendimentos dos agricultores, o que os incitará a aumentarem a produção.

em duas palavras

● **AS PERSPECTIVAS ANGOLANAS**, para o abastecimento nos primeiros meses do ano de 1983 na província de Luanda são preocupantes, anunciou ontem a agência noticiosa local.

Esta situação explica-se pela descida do nível dos «stocks» no final do mês de Dezembro, afirmou o director-geral da empresa dos supermercados, Pereira da Silva.

«A incapacidade de produção e a falta de respeito das orientações superiores fixadas estão na origem dos resultados negativos para os produtos de origem nacional, nomeadamente nos sectores da agricultura, indústria e pesca, salientou Pereira da Silva».

● **A ARÁBIA SAUDITA E A FRANÇA** assinaram ontem dois acordos nos termos dos quais a Arábia Saudita irá emprestar à França uma quantia de quatro mil milhões de dólares, soube-se de fonte bem informada na capital saudita.

Esses dois acordos foram assinados pelo ministro das Finanças francês, Jacques Delors, e pelo seu homólogo saudita Mohamed Abalkheil.

● **PORTUGAL E A NORUEGA** assinaram, hoje, em Lisboa, um acordo que formalizará o financiamento do Entrepósito Frigorífico do Funchal, revelou uma fonte oficial.

Rui Fontes, secretário madeirense da Agricultura, assinará a transferência de 20 milhões de coroas (cerca de 250 milhões de escudos) destinados ao financiamento do Entrepósito.

● **OS CONSTRUTORES AUTOMOBILÍSTICOS americanos** calculam que a sua produção de viaturas para o total do ano atingirá 5 055 551 unidades, ou seja 19,5 por cento menos que os 6 280 045 unidades construídas em 1981, anunciou, ontem, a revista da especialidade «Automotiver News».

Este total é o mais baixo registado anualmente pelos construtores desde 1958, ano em que a produção foi de 4 244 045 automóveis.

Estado avaliza empréstimo de doze milhões de contos para aviões da TAP

O Governo avalizou a TAP a assinar uma operação de locação financeira até 135 milhões de dólares para a substituição da sua actual frota de médio curso, ou seja o equivalente a 12 milhões de contos.

Os novos aviões da TAP para esse tipo de voos são os Boeing 737/200 ADV, que pelas suas características no tocante ao consumo de combustível permitirão uma exploração mais económica da rede de médio curso da empresa — afirma-se no preâmbulo da resolução que autoriza a transportadora aérea nacional a proceder àquela operação.

Essa autorização visa não onerar o Orçamento Geral do Estado em termos de um esforço financeiro directo, por se ter chegado à conclusão ser essa a solução mais indicada de molde a permitir que a TAP venha a utilizar as novas unidades de acordo com esse regime e na perspectiva da sua eventual «reprise» financeira.

A locação é fundamentalmente o aluguer (por se tratar de uma coisa móvel) dos aviões em questão, através do qual a TAP pagará a utilização dos Boeing, comprometendo-se a preservá-los na hipótese de os ter de devolver. No entanto, e como a própria resolução prevê, a aquisição dos aviões é solução que se coloca a médio prazo.

Alocadora (neste caso a empresa que fabrica os Boeing) exigiu o aval do Estado para esta operação.

Guiné e Cabo Verde em desacordo sobre dívidas

Cabo Verde rejeitou a proposta guineense para que duas empresas portuguesas avaliem os barcos pertencentes à Companhia de Navegação Nágucave — informa a ANOP de fontes oficiais da Cidade da Praia.

De acordo com aquelas fontes as empresas propostas estão ligadas a pressões concorrentes de Cabo Verde.

«Alguns sectores da Marinha Mercante portuguesa gostariam de arrear Cabo Verde da navegação marítima internacional» — afirmaram as fontes contactadas.

A Nágucave, companhia marítima fundada pelos Estados da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, é um dos pontos do actual diferendo entre os dois governos.

Representantes de Bissau e da Praia, reunidos na capital cabo-verdiana de 15 a 21 de Dezembro, já haviam afirmado que os trabalhos «não tinham conduzido a resultados 100 por cento positivos».

Em comunicado à imprensa, a parte cabo-verdiana deu a conhecer alguns dos resultados daquela reunião.

A Guiné-Bissau concordou com o débito apresentado por Cabo Verde, relativo às contas entre os respectivos bancos: mais de 51 milhões de escudos cabo-verdianos.

Contudo, Bissau não concorda com a parcela de juros apresen-

tada sobre aquele débito, contraído por Bissau realizasse a sua quota na Nágucave.

Os dois governos também não chegaram a acordo quanto ao valor de base atribuído a trigo moído pela empresa cabo-verdiana Moave e que pertencia à Guiné-Bissau.

Os representantes de Bissau pretendem que esse trigo seja pago segundo as cotações da Bolsa de Londres enquanto Cabo Verde pretende servir-se das cotações jugoslavas do tempo.

Para reforçar o seu raciocínio, a parte cabo-verdiana diz que não pediu o trigo e que ele foi mandado para S. Vicente por falta de capacidade de armazenagem na Guiné-Bissau para o cereal doado pela Jugoslávia.

Durante a reunião da Praia, foi fixado o montante de um débito guineense (acumulado por várias empresas) em relação à EMPA (Empresa Pública de Abastecimentos de Cabo Verde): mais de 3 milhões de escudos cabo-verdianos.

Por outro lado, a LIA Empresa Guineense de Aviação, não confirmou o débito aos TACV, sua congénere cabo-verdiana, no valor de dois milhões de 600 mil escudos cabo-verdianos.

A Praia recusou, entretanto, reiniciar as carreiras aéreas para Bissau sem, contudo, impedir que a LIA o faça desde já.

10 por cento da população activa

Estados Unidos entram em 1983 com um recorde de desempregados

Não há qualquer elemento que permita, ainda, afirmar como certeza que a recessão americana — que dura há ano e meio — esteja prestes a começar a atenuar-se, segundo a maior parte dos economistas e homens de negócios dos Estados Unidos, neste fim de ano. Também não é menor a sua firme esperança de que 1983 será assinalado por um relançamento lento, muito moderado e, sem dúvida, selectivo.

As últimas sondagens e estatísticas confirmam que a recessão não terminou, embora se acabem de registar algumas melhorias ainda que passageiras, nas vendas de carros e no número de obras de construção de casas de habitação.

O facto é que no limiar do Ano Novo, os Estados Unidos contam um número recorde de desempregados (12 milhões), que as suas fábricas trabalham em média apenas dois terços da capacidade e que a agricultura

conhece uma crise grave, devido ao facto de a superprodução ter baixado as cotações mundiais.

Dos dois motores clássicos de qualquer relançamento — os investimentos e o consumo — o primeiro está em «ponto morto» e o segundo, no qual se baseiam todas as esperanças, «trabalha» ainda só ao «ralenti».

Com efeito, os investimentos industriais e comerciais, em baixa já muito sensível este ano, são convidados, segundo o departamento do Comércio, a decrescerem em termos reais em cerca de 4,8 por cento, no próximo ano.

No que diz respeito ao consumo, apesar de um relançamento moderado por ocasião das festividades de fim de ano este parece ir continuar a ser entravado durante algum tempo, pelo menos devido ao desemprego e aos receios que provoca.

«É preciso tempo para que o público volte a ganhar confiança

e aumente a procura», notava recentemente a Associação dos Directores dos Serviços de Compras, cujas opiniões são muito escutas.

As outras estimativas feitas geralmente para 1983, tanto nos meios oficiais como privados, indicam, no mínimo, um ano económico e financeiro difícil, com, praticamente, apenas um tema de satisfação: a continuação da inflação num nível bastante baixo (6 a 7 por cento).

No restante, as estimativas são muito pouco brilhantes:

O desemprego manter-se-á à volta da sua taxa actual (10,8 por cento) e constituirá, segundo o próprio patronato, o «problema número um».

Taxas de juro devem baixar

As taxas de juro deverão diminuir ainda mais enquanto não se manifestar qualquer relançamento real; mas a amplitude do

recurso do Estado ao empréstimo para cobrir um défice orçamental recorde (150 mil milhões de dólares) trará a tendência para a diminuição.

Nas trocas externas, os défices das balanças comercial e de pagamentos são estimulados a agravar-se, particularmente no caso de relançamento nos Estados Unidos, devido ao nível ainda muito elevado do dólar e ao estado da conjuntura internacional.

Segundo as previsões mais pessimistas, o défice da balança comercial poderá passar para o dobro no próximo ano, atingindo cerca de 70 mil milhões de dólares.

No que diz respeito ao défice da balança de pagamentos, este deverá atingir cerca de 36 mil milhões de dólares, quando, nos primeiros 9 meses de 1982, foi inferior a mil milhões de dólares, segundo os cálculos de um grande banco.

Agências de viagens e turismo

Caução e seguro dos grossistas aumentam para seis mil contos

Os valores mínimos da caução a prestar pelas agências de viagens e turismo passam a ser de seis mil contos para os grossistas, quatro mil para os operadores e dois mil contos para os retalhistas, de acordo com um diploma da Secretaria de Estado do Turismo hoje publicado no

«Diário da República».

Ainda segundo o mesmo decreto-lei, a cobertura do seguro não poderá ser inferior a seis mil contos no caso das agências grossistas, quatro mil no das agências operadoras e dois mil contos para as agências retalhistas.

O presente diploma introduz alterações e aumentos nas duas modalidades em apreço e também relativamente ao capital mínimo da sociedade que é elevado para 10 mil contos para os grossistas, seis mil para as ope-

radoras e 2500 contos para as agências retalhistas. No entanto, o diploma salvaguarda, apenas neste caso, as já existentes, que ficam dispensadas das novas exigências no que respeita ao limite mínimo do capital social.

Propostas de Andropov

“Chegar a um acordo claro e justo antes que seja tarde”

A URSS exorta os seus interlocutores nas negociações sobre armas nucleares «a chegar a um acordo claro e justo, antes que seja tarde» — reafirmou a agência TASS, ao comentar as propostas de Yuri Andropov.

A TASS referiu que os interlocutores — Estados Unidos e NATO — devem «aproveitar a oportunidade» que lhes proporcionam as novas propostas soviéticas.

A agência soviética considera que estas «não só tendem a reduzir consideravelmente o nível da confrontação militar» na Europa, mas também «a terminar com a chamada assimetria das armas nucleares na URSS e na NATO».

Afirma, a propósito, que a

União Soviética e a NATO possuem «aproximadamente mil mísseis de médio alcance cada um».

Tal assimetria existe porque, na URSS, cerca de metade dos meios portadores de médio alcance são mísseis, enquanto a NATO tem 162 (os da França e da Grã-Bretanha), mas dispõe de «muitos mais aviões portadores de armas nucleares de médio alcance do que a URSS».

Para a TASS, esse desequilíbrio é «continuamente exagerado» pelo Ocidente, que afirma que a União Soviética «tem superioridade considerável» sobre a NATO, porque os aviões da Aliança «não se podem comparar com os mísseis soviéticos».

As propostas de Andropov

centram-se na redução de centenas de mísseis de médio alcance soviéticos, incluindo dezenas dos mais modernos, os SS-20, em troca da retirada de determinado número de aviões portadores de armas nucleares dos arsenais do Ocidente.

Por sua vez o embaixador da URSS na ONU, Ovninkov declarou que Moscovo quer o equilíbrio de armas nucleares entre o Leste e o Oeste mas Washington dificulta esse objectivo.

Numa conferência de Imprensa, o diplomata lamentou que em 1982 não se tivesse avançado para o desarmamento e considerou como um assunto a merecer maior atenção por parte da ONU e da sua inoperância em aplicar as resoluções que aprova.

«O actual sistema económico mundial é injusto para os países em vias de desenvolvimento e os socialistas», afirmou Ovninkov, depois de referir que Moscovo contribui com 1 por cento do seu Produto Nacional Bruto para os programas destinados a melhorar a situação económica mundial.

Sobre o Afeganistão, o representante soviético disse que o seu país não dá demasiada importância às resoluções aprovadas quanto a essa matéria por as considerar «simples propaganda».

Referindo-se à eleição da Nicarágua como membro do Conselho de Segurança, afirmou que constitui um sinal do crescente mal-estar internacional contra os Estados Unidos.

Mensagem de Perez de Cuellar

Não há alternativa à ONU na administração do presente e no planeamento do futuro

«Devemos olhar para as nossas insuficiências passadas, a fim de prepararmos a agenda de trabalhos para o futuro», afirma o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, na sua mensagem de fim-de-ano, divulgada em Lisboa pelo Centro de Informação das Nações Unidas.

Na sua mensagem, Perez de Cuellar diz que, no momento em que se aproxima um período de férias, deve fazer-se o ponto dos perigos e frustrações do ano que passou, a fim de melhor se medirem os imensos trabalhos que os próximos meses reservam. «Temos de compreender que a tarefa de emprestar substância e estrutura ao processo de cooperação internacional não tem prazo finito, que ela se torna mais urgente a cada dia que passa e que as esperanças e expectativas que se frustraram num ano, só fazem aumentar as preocupações para o que se lhe segue».

Adiante, Perez de Cuellar sublinha: «Quando as Nações Unidas são mantidas à margem ou usadas por vezes de maneira estéril, como mais um «forum» de

quesilias, temos de inventar os meios e os processos de concentrar de novo a organização no seu objectivo original, como instrumento de controlo colectivo, de resolução de conflitos e de prossecução do desarmamento».

«Quando se verifica a tendência para a política de campanário e o isolacionismo, que mais cedo ou mais tarde apenas pode levar ao declínio e ao desastre, temos urgentemente de reacender a chama da liderança humana e global que inspirou os estadistas do pós-guerra dos anos 40 e criar, por uma vez, a visão, e mesmo alguma parte do real, duma comunidade mundial dedicada à paz e à justiça».

«Quando a recessão económica mundial, o colapso dos preços dos produtos comerciais, a estagnação do desenvolvimento, o endividamento maciço e o espectro do proteccionismo renascente nos perseguem, temos de iniciar uma viragem decisiva nas políticas e estruturas económicas internacionais, com vista a promover, através dum esforço conjunto, o desen-

volvimento e a recuperação económica e a reorganização da economia mundial. No reino do económico como no do político, temos de ter a consciência de que, a longo prazo, pedir ao vizinho acaba sempre por ser pedir a nós próprios».

«O conceito básico das Nações Unidas continua mais sólido do que nunca, as realizações da organização têm sido substanciais incluindo muito do trabalho feito no ano que finda, e sem ela o Mundo seria certamente um lugar mais perigoso. Como instituição humana, as Nações Unidas podem servir vários fins, e é natural que os seus membros procurem servir-se dela para promover os seus próprios interesses. São precisas qualidades de estadista e a lúcida compreensão das terríveis alternativas para conseguir-lo de forma a identificar-se igualmente com o bem comum e promovê-lo de forma civilizada e ordeira. Temos de firmar bem o papel das Nações Unidas num mundo de Estados soberanos que têm de aprender a viver uns com os outros, ou então enfrentar a anar-



Perez de Cuellar

quia e possível destruição».

A terminar, afirma Perez de Cuellar: «A minha mensagem para 1983 é bem simples: não existe alternativa às Nações Unidas como organização em que todas as nações podem participar na administração do presente e planeamento do futuro, que possa conceberivelmente funcionar. Unamo-nos, portanto, aos princípios e objectivos definidos na Carta das Nações Unidas, tão duramente conquistados. Continuemos com renovada determinação o esforço para fazer das Nações Unidas esse instrumento efectivo de manutenção da paz e segurança internacionais, que os seus fundadores quiseram que ela fosse».

Argentina: Bignone promete eleições até Novembro

O presidente argentino, Reynaldo Bignone, anunciou ontem que as eleições municipais, provinciais e nacionais decorrerão no país até 6 de Novembro de 1983 e que «o calendário eleitoral completo será divulgado em Fevereiro».

Numa declaração transmitida pela Televisão, por motivo do Natal, Bignone referiu que está em condições de «prometer, em nome do Governo nacional, que no próximo mês de Fevereiro será dado a conhecer ao país o calendário eleitoral completo».

Acrescentou que, no período que decorre até essa data, serão realizadas consultas com os partidos políticos.

«Em Fevereiro saberemos a data das nossas eleições, que nunca ultrapassará o primeiro domingo de Novembro», disse o presidente.

Bignone notou que foram tomadas medidas tendentes a acelerar o processo eleitoral, con-

sistindo uma delas na modificação de uma parte do estatuto dos partidos políticos para permitir que, em 30 de Março de 1983, possam apresentar a quantidade mínima de apoiantes requerida. Concluiu que, com todas estas medidas, espera «dar solidez» aos seus compromissos, facilitar a tarefa dos partidos e possibilitar a marcação de uma data para as eleições.

Os «policías» do Atlântico Sul

Os elogios do chefe do Estado-Maior do Exército argentino às relações com a África do Sul causaram polémica em Buenos Aires — noticia o diário «Clarín».

Ao condecorar o adido militar sul-africano, na passada terça-feira, o chefe do Estado-Maior, general Edgard Calvi, elogiou a África do Sul e disse que esse país e a Argentina são os «policías do Atlântico Sul».

«O ministro argentino das Relações Exteriores, Juan Aguirre Lanari, foi no dia seguinte declarar ao presidente da República, general Reynaldo Bignone, que a política externa de Buenos Aires não pode estar submetida a interpretações duvidosas — refere o «Clarín».

O discurso do general Calvi pode criar problemas à Argentina, nomeadamente no âmbito das Nações Unidas — prossegue o jornal, que recorda o facto de o ministro Juan Aguirre estar de partida para Manágua, onde vai participar numa reunião preparatória da Cimeira dos Não-Alinhados.

Brasileiros apoiam luta do povo argentino

Mais de um milhar de religiosos, políticos, deputados, desportistas, artistas e escritores

brasileiros manifestaram ontem o seu apoio ao povo argentino na sua luta pela defesa dos Direitos Humanos, em documento já divulgado em Buenos Aires. O grupo brasileiro diz que se sente «irmanado com o povo argentino no sofrimento pela repressão massiva a que vem sendo submetido».

Quanto ao desaparecimento de pessoas na Argentina, os subscritores consideram tratar-se de «uma nova e mais cruel forma de repressão contra o povo».

Entre os subscritores do comunicado figuram o cardeal Paulo Arns arcebispo de São Paulo, os artistas Chico Buarque, Milton Nascimento e Clara Nunes, os futebolistas Sócrates, Wladimir e Wagner e os escritores Alfonso Arinos Franco, António Hoauiss e Eduardo Portela, além de jornalistas, dirigentes sindicais, cientistas e professores universitários.

O ano internac...

Crise, fon

Nos últimos 12 meses houve três guerras e um número de conflitos armados de menor amplitude bélica, se bem que não menos dramáticos, que causaram a morte de dezenas de milhares de seres humanos.

As guerras travaram-se nas Malvinas — entre a Argentina e a Grã-Bretanha — no Líbano — pela invasão israelita — e entre o Irão e o Iraque, onde o conflito armado começou em 1980.

Também correu sangue na Namíbia, no Camerão, em El Salvador, na Guatemala, no Ogaden, na Eritreia, no Curdistão, no Chade, no Afeganistão e nas Filipinas.

Nestes últimos meses produziram-se golpes de Estado, ou situações equivalentes, na Guatemala, no Suriname, na Bolívia, nas Seicheles, na Gâmbia, no Gambia, no Alto Volta e no Quênia.

Mas o ano de 1982 não regista, entre os seus acontecimentos, nenhum daqueles que marcam factos históricos importantes, como aconteceu quando do fabrico do primeiro reactor nuclear (1942), da explosão da primeira bomba atómica (1945), do primeiro voo supersónico (1947) do invento do transistor (1948), da invenção da pílula (anticoncepcional) (1952), do primeiro satélite artificial (1957), do primeiro homem no espaço (1961), do primeiro homem na Lua (1969) ou do primeiro nascimento de um ser humano fertilizado numa proveta de laboratório (1980).

A guerra continua sendo, nestes tempos de crise, um florescente negócio. Segundo uma informação das Nações Unidas (Disarmament Fact Sheets), só em 1982 o mundo gastou em armamentos 110 dólares por habitante.

Cinquenta milhões de homens dedicam os seus esforços e os seus conhecimentos à preparação da guerra. Destes, vinte e cinco milhões são soldados, meio milhão são cientistas e engenheiros e cinco milhões são trabalhadores das indústrias de armamento.

Em consequência disto, os arsenais nucleares das grandes potências continuaram crescendo em 1982 e, apesar do reinício das conversações sobre desarmamento, possuem hoje uma capacidade de destruição equivalente a um milhão de bombas atómicas como a que caiu em 1945 sobre a cidade de Hiroxima.

A fome e a crise

Entretanto, a fome, que poderia ser eliminada com os meios técnicos de que o homem dispõe, continua a aterrorizar-se, segundo dados da Organização Mundial para a Alimentação e a Agricultura (FAO), de vastas zonas da Ásia, África e América Latina.

Mais de mil milhões de pessoas têm uma renda per capita inferior a esses 110 dólares por pessoa gastos em armas.

As nações industrializadas, tanto do Ocidente como do mundo socialista, há muito tempo que não conhecem a guerra no seu próprio território.

Apesar disso, todos esses países passaram por uma crise económica que lembra demasiadamente a depressão que submergiu o mundo de 1929.

A inflação e a recessão, além do alto custo da energia, são fantasmas reais, ameaças à estabilidade de muitos Estados.

A falta de trabalho atinge actualmente trinta milhões de pessoas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Na América Latina, segundo Enrique Iglesias, secretário da CEPAL, o desemprego alcança, em alguns países, de 25 a 30 por cento da população activa.

O «Economist», de Londres, publicou recentemente: «se os trinta milhões de desempregados dos 24 maiores países industrializados do ocidente marchassem, em filas de dez, ao longo de Wall Street, necessitariam de 24 dias, com as perspectivas noturnas, para desfilar perante os bancos e os escritórios da Bolsa de Nova Iorque».

A falta de trabalho é um reflexo directo do travão ao desenvolvimento económico, e este deve-se não somente à crise do petróleo, como também, fundamentalmente, à sobrevalorização do dólar, tal como aconteceu nas crises de 1970-71 e 1977-78.

O dólar, que era uma moeda de reserva, converteu-se numa moeda de referência mundial a partir da decisão do Presidente Richard Nixon, em 1971, relativa à sua não conversão em ouro.

Depressão?

O fortalecimento financeiro do dólar, nos últimos três anos, teve como efeito deter a produção mundial e encarecer os produtos dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que embaratecia os de outros países, o que criou tensões insustentáveis no comércio mundial.

Na América Latina, a crise manifestou-se numa dívida externa de 300 000 milhões de dólares, segundo Fernando Londuno, secretário-geral da Federação Latino-Americana de Bancos.

Iglesias afirmou: «Vivemos a crise mais importante dos últimos cinquenta anos. 1982 é o ano mais crítico desta região, no sentido de que a produção vai baixar em todos os países».

O Banco Interamericano de Desenvolvimento estima que a taxa anual de crescimento na América Latina caiu este ano cerca de 1,6 por cento.

O proteccionismo alfandegário já começou a crescer, em 1982, em todo o mundo, como uma ameaça ao livre trânsito de mercadorias, tal como ficou claro depois de cinco dias de irritantes conciliabulos, em finais de Novembro último, entre os oitenta ministros do Comércio reunidos em Genebra.

«Estou profundamente preocupado» — declarou recentemente o ex-chanceler alemão, Helmut Schmidt. «Tenho o pressentimento de que estamos na segunda fase duma depressão mundial».

Na opinião de Schmidt, o mundo pode vir a deparar a qualquer momento com a bancarrota de determinados países e com uma crise ainda maior, se o desemprego, embora com os seus efeitos diminuídos pelos programas de segurança social, continuar a aumentar até aos fins do Inverno que começa agora no Hemisfério Norte.

E acrescentou: Temo que estejamos perante a segunda depressão económica deste século.

A decisão de instalar ou não na Europa Ocidental foguetes norte-americanos. Pershing.

cional, segundo a EFE

me e armas

o crescimento do proteccionismo e a asfixia económica farão nos próximos meses de 1982 o ano mais difícil que temos conhecido.

Os desequilíbrios comerciais, as exportações agrícolas, o proteccionismo aduaneiro, programas como o do gasoduto siberiano e as campanhas pacifistas (interpretadas em Washington como um vírus europeu que ameaça os planos militares da Aliança Atlântica) abriram brechas na confiança e nos interesses entre os aliados ocidentais.

Uma amostra dessas brechas residu em que, no congresso norte-americano, o senador Ted Stevens tenha agora retomado a ideia (já defendida há dez anos por Mike Mansfield) de retirar as tropas dos Estados Unidos da Europa Ocidental.

E isto, se bem que Lawrence Eagleburger, alto funcionário do Departamento de Estado, tenha declarado recentemente no congresso: Não estamos na Europa, para fazer um favor aos europeus, mas pela nossa própria segurança.

No mundo socialista

No mundo socialista, 1982, foi marcado pela morte de Leonid Brejnev, na URSS e pela aparente consolidação de Deng Xiaoping na China.

Brejnev esteve durante 18 anos à frente da vida soviética, acumulando as funções de chefe do Estado e do Partido um papel relevante.

Fora eleito em 1964 por um Partido Comunista que queria no Poder um homem de ordem, que conservasse e consolidasse aquilo que devia conservar-se e consolidar-se na maior nação da Terra.

Brejnev cumpriu perfeitamente essa missão e o resultado foi que, quando da sua morte, a 10 de Novembro último, a URSS já não era o país atrasado de 1953, mas sim uma potência militar cujo poderio só os Estados Unidos podem igualar.

O sucessor, Yuri Andropov, é ainda uma incógnita, mas foi recebido pelos ocidentais com a esperança de que algumas coisas mudem e que as relações Leste-Oeste melhorem.

Para Andropov, a maior preocupação será a crescente dificuldade da economia soviética da sua agricultura, a baixa produtividade da sua indústria e o peso terrível da sua burocracia.

Na Polónia, onde o general Jaruzelski impôs o poder de emergência, estado de sítio, em 13 de Dezembro, do ano passado, a crise política continuou até hoje, se bem que atenuada; à medida que o Governo impunha o seu poderio e os chefes do sindicato Solidariedade perderam terreno. Nas últimas semanas, o Governo decidiu suspender o estado de emergência.

Para a mais alta hierarquia chinesa, liderada por Deng Xiaoping, 1982 foi um ano de profundas mudanças: foi promulgada uma nova Constituição, reestruturado um aparelho administrativo do Estado depurados os quadros da velha burocracia.

O Décimo Segundo Congresso do Partido Comunista Chinês compôs uma linha pragmática, moderada. A China liberalizou a sua política e a sua economia, e, nos últimos tempos, foi sugerida uma aproximação a Moscovo.

Somente a sombra dum

exército fiel à sua tradição maoísta pode preocupar Deng Xiaoping e os seus camaradas de Pequim.

América Latina e África

Na América Latina — um continente com dez países formalmente democráticos, dez ditaduras, dois países que deram passos no sentido da restauração democrática (Brasil e Uruguai) e um país, a Bolívia, que recuperou um governo civil após três anos de ditadura militar, o facto mais destacado foi a guerra pelas ilhas Malvinas.

O conflito, iniciado a 2 de Abril com a chegada de contingentes militares argentinos, provocou uma crise sem precedentes no sistema interamericano.

As ilhas pertencentes à coroa espanhola e, portanto, à Argentina, foram submetidas pelos ingleses há cerca de um século e meio, sem que Buenos Aires tivesse desde então conseguido qualquer evolução em negociações para a sua devolução, negociações aliás, já decididas na ONU há dezasseis anos.

O regime militar argentino decidiu por diversas razões, reconquistá-las pela força, objectivo no qual fracassou e que provocou milhares de mortos, alargando a brecha entre a América Latina e Washington e causando piores relações com Londres. Essa guerra representou o golpe de morte para o Governo de Buenos Aires.

O mundo africano assistiu este ano ao malogro da Décima Nona Cimeira da Organização para a Unidade Africana, em Trípoli. Este fracasso da OUA pode não ser definitivo, mas os cinquenta membros da Organização — 31 progressistas e 19 moderados — demonstraram como é frágil a sua unidade.

Desde há meses divididos pela presença de representantes da Frente Polisário (que reclama um país independente no antigo Sara Espanhol), os africanos dividiram-se agora pela presença de uma das facções rivais do Chade.

Os países africanos sofreram também a queda dos preços dos seus produtos básicos, a seca na zona do Sahel e a violência (o último episódio foi a matança do Lesotho, praticada pelo regime sul-africano).

O conflito da Namíbia, antiga colónia alemã, onde os nacionalistas da Organização dos Povos do Sudoeste da África — SWAPO — continuam lutando desde há 16 anos contra o domínio da África do Sul, entrou novamente em pausa.

Intransigente, a África do Sul exige, para retirar as suas tropas, que as forças cubanas saiam de Angola.

A África do Sul mantém económica e militarmente as forças de Jonas Savimbi, UNITA, que actuam no Sul de Angola, ao norte da fronteira da Namíbia.

Declarada estrategicamente essencial para o mundo livre por Ronald Reagan, a África do Sul continua a ser o papão das nações da África. A sua presença na Namíbia afecta directamente os interesses de Angola, do Zimbábue e de todo o cone sul-africano.

(Fernando Mas, EFE/ANOP)



Mitterrand



Marchais

França

Acordo PS-PC nas autárquicas

Os partidos Socialista e Comunista franceses chegaram a um acordo nacional, através do qual se apresentarão em conjunto às próximas eleições municipais de Março de 1983, revelaram ontem fontes partidárias em Paris.

Após seis horas de reunião, na sede do PCF, as duas delegações encabeçadas por Lionel Jospin e por Georges Marchais, respectivamente primeiro-secretário do PSF e secretário-geral do PCF, elaboraram uma base de entendimento que prevê três casos distintos.

O primeiro contempla as localidades, em que as «listas de união» já estão elaboradas, o segundo, os municípios «nos quais há acordo possível» e onde, portanto, as listas conjuntas se elaborarão na segunda volta, em função dos resultados da primeira, e o terceiro em que as «listas de união» se comporão graças a um acordo «a ser concluído proximamente».

De acordo com o princípio estabelecido, convidam-se «as outras forças de esquerda» para que se juntem à coligação.

EUA vão extraditar criminoso nazi

Hans Lipschis, criminoso de guerra nazi de 63 anos de idade, será extraditado dos Estados Unidos para a Alemanha Federal, soube-se hoje de fonte judicial em Washington.

De origem lituana, Lipschis, que poderá ser o primeiro criminoso de guerra a ser extraditado dos EUA desde a Segunda Guerra Mundial, aceitou ser enviado para a RFA, em vez de ser julgado nos Estados Unidos.

O criminoso de guerra deverá deixar o solo americano nos próximos quatro meses.

Segundo o Ministério da Justiça, Lipschis assistiu e participou na perseguição de milhões de homens, mulheres e crianças judias nos campos polacos de Birkenau e Auschwitz, entre 1941 e 1945, quando servia numa unidade SS.

Em 1946, foi colocado na lista dos criminosos de guerra procurados, pelas autoridades americanas na Europa. Dez anos mais tarde, conseguiu entrar nos Estados Unidos e empregou-se numa fábrica da região de Chicago.

Israel sob o trauma libanês

Begin acusado de politizar os sofrimentos do povo

A carta de condolências dirigida pelo primeiro-ministro Menahem Begin às famílias dos soldados caídos no Líbano suscita viva polémica em Israel, anuncia hoje a Imprensa israelita.

Esta mensagem, redigida por Begin, por ocasião das últimas festas judias, não foi enviada às famílias que protestaram publicamente contra a invasão israelita do Líbano, revela a Imprensa.

Segundo o diário «Yediot Aharonot», esta «discriminação» foi revelada pela mãe de um sargento morto no Líbano e que tomou parte nas manifestações contra a guerra do Líbano.

O porta-voz de Begin confirmou que a carta não fora entregue a algumas famílias «que tomaram posições contra o Governo com uma grande violência». Begin temia, explicou, «que esta mensagem de condolências agravasse a dor das famílias enlutadas».

A juventude trabalhista protestou contra o que designa como «politização sem precedentes dos sofrimentos do povo israelita pelo Governo».

O último balanço das perdas israelitas no Líbano desde Junho, comunicado de fonte militar a 3 de Dezembro, dava conta de 457 mortos.

Comunistas israelitas e palestinos

Os partidos comunistas israelita e palestino pronunciaram-se pela convocação de uma conferência internacional sobre o Médio Oriente «com a participação em pé de igualdade, de todas as partes, incluindo a OLP numa declaração comum difundida ontem em Moscovo e reproduzida pela agência TASS.

Nesse documento publicado no final de um encontro entre as delegações dos dois partidos, que se reuniram na capital soviética por ocasião das cerimónias do 60.º aniversário da URSS, foi subscrito o plano soviético de regulamento sobre o Médio Oriente, avançado em Setembro último por Leonid Brejnev, e no qual é rejeitado o plano Reagan, por «impedir a instauração de uma paz justa».

As duas delegações eram chefiadas respectivamente por Meir Vilner, secretário-geral do PC israelita e Suleiman Al Najab, membro do Bureau Político do PC palestino.

Atentado anti-israelita

Um atentado bombista ocorreu ontem em Sidon, no Líbano, matou dois soldados israelitas, feriu um terceiro e dois cidadãos libaneses, em vésperas das negociações bilaterais israelo-libaneses.



gociações bilaterais israelo-libaneses.

A informação foi dada pelo porta-voz militar israelita, o qual acrescentou que a carga explosiva rebentou perto de um posto israelita, nas imediações de um acampamento palestino.

Foi o segundo atentado registado nas últimas 48 horas contra as forças israelitas no Líbano.

O ministro israelita da Defesa, Ariel Sharon, afirmou, depois dos incidentes, que Israel repositaria militarmente a essas acções, que atribuiu aos «terroristas palestinos».

Entretanto, Israel anunciou hoje, oficialmente, que as negociações com o Líbano, «para a normalização acordos de segurança e retirada das forças estrangeiras» do solo libanês, começaram segunda ou terça-feira, em Jalde, sul de Beirute.

OSPAA tem 25 anos

No domingo, dia 26, assinala-se o 25.º aniversário da Fundação da Organização de Solidariedade com os Povos da África e da Ásia (OSPAA).

A conferência constitutiva da organização realizou-se no Cairo, em 1957, sob o patrocínio do presidente Nasser, do Egipto, e teve presente uma ampla representação dos movimentos que lutavam nessa altura pela libertação dos continentes asiático e africano.

A Organização foi fundada na sequência de iniciativas internacionais dos países que, após a Segunda Guerra Mundial, se tornaram independentes. Em Março de 1947, realizara-se em Nova Deli, a convite do primeiro-ministro da Índia Jawaharlal Nehru, a primeira conferência governamental asiática.

Mas foi na Conferência de Bandung de Abril de 1955, com a presença de vinte e nove Estados da Ásia e África, que surgiu um apelo à criação de uma organização não-governamental internacional de solidariedade afro-asiática.

As resoluções do Cairo mani-

festavam uma linha de orientação anti-imperialista, anticolonialista, contra a discriminação racial e a opressão denunciando, em particular, a política de blocos e alianças militares.

A segunda conferência ocorreu em Abril de 1960, em Conacri, tendo sido coordenada pelo presidente Sekou Touré, tendo sido dados passos no seu fortalecimento organizativo e aprovada a constituição da OSPAA.

Numa entrevista dada à revista «Asie and Africa Today», o presidente da OSPAA, Abdel Rahman El-Sharkawi, escritor egípcio, afirmou que na actual situação internacional, a Organização considera necessário «reforçar a solidariedade entre os vários continentes e forças do processo revolucionário mundial», «consolidar as vitórias das forças progressistas na Ásia e em África», dar prioridade aos aspectos de «reestruturação socioeconómica das nações emergentes», combater a corrida às armas, reforçar a natureza anti-imperialista do movimento não-alinhado.

Xiomara Suazo foi libertada

A filha do presidente hondurenho Roberto Suazo Cerdosa, Xiomara Suazo, de 33 anos, rapta a 14 de Dezembro passado, na Guatemala, foi libertada na noite de quarta para quinta-feira, pelos seus raptadores, soube-se na capital guatemalteca.

Nenhuma informação foi fornecida oficialmente na cidade da Guatemala.

Os autores do rapto, que pertencem ao Movimento Revolucionário do Povo (MRP) exigiram a publicação de um manifesto político na Imprensa do México e da América Central em troca da libertação da refém.

Esta exigência foi integralmente satisfeita ontem

Naquele documento, conforme oportunamente o «DL» noticiou, o MRP acusa os Estados Unidos de prepararem o derube do Governo sandinista da Nicarágua, com a cumplicidade das Honduras e a convivência da Costa Rica, aponta que o Panamá «sofre novo domínio imperialista» após, o «assassinio» de Omar Torrijos e prevê para breve a vitória final da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional em El Salvador. O ditador guatemalteco Efraim Rios Montt é acusado de «massacrar camponeses... O documento acrescenta que desde 1954, morreram na Guatemala, devido à violência política, cerca de 120 mil pessoas.

A campanha antibúlgara

A televisão búlgara transmitiu uma entrevista com Robert Makswel — editor e presidente da editora anglo-americana Pergamon Press. Durante a sua visita à Bulgária, foi recebido por Todor Jivkov a quem entregou um livro, editado pela Pergamon Press intitulado «Liudmila Jivkova». Respondendo a uma pergunta sobre o que pensa acerca da campanha de propaganda contra a Bulgária começada nalguns círculos do Ocidente, onde se fala de alegada participação búlgara no atentado contra o Papa, Makswel declarou que «esta campanha é muito perigosa para a paz e as boas relações é dirigida contra o bom nome da nova direcção soviética. A campanha, salientou, é perigosa, nefasta, mas não conseguirá os seus objectivos».

Enquanto isto, o presidente do Grupo Parlamentar da Assembleia Nacional da Bulgária, Petar Vutov, enviou uma carta ao presidente do Grupo Interparlamentar do Parlamento italiano, Giulio Andreotti, na qual exprime a séria inquietação sobre a detenção do cidadão búlgaro Serguei Antonov e a campanha sem precedentes desenvolvida por este motivo contra a Bulgária, bem como a preocupação sobre as perspectivas das relações búlgaro-italianas. Por último, Rositza Antonova enviou pessoalmente uma carta ao presidente da República italiana, Alexandre Pertini. Nesta carta ela expressa a sua inquietação pelo facto de não ter notícias sobre o estado físico e de saúde do seu marido. Salientou a sua profunda convicção na inocência do seu marido, dirigindo um pedido ao presidente italiano para que Antonov seja libertado.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

MULTIGARA
— SOCIEDADE
COMERCIAL DE
ELECTRICIDADE,
LIMITADA

CARTÓRIO NOTARIAL DE ALGÉS

A cargo do notário licenciado José Joaquim Carvalho Botelho

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de vinte e nove de Outubro do ano em curso, lavrada de folhas oitenta e seis verso a folhas oitenta e oito, do livro de notas para escrituras diversas deste Cartório, número quatro-D foi reforçado o capital social da sociedade em epígrafe, que era de cinquenta mil escudos com mais a quantia de vinte e cinco mil escudos, ficando assim a ser de setenta e cinco mil escudos, que o referido reforço foi realizado em dinheiro e subscrito pela entrada do novo sócio Fernando Manuel Ferreira de Oliveira da importância igual a dos restantes sócios, de vinte e cinco mil escudos.

Que, outrossim, pela mesma escritura, foi alterado o pacto social da dita sociedade, tendo sido substituídos os seus artigos primeiro, segundo e Parágrafo Primeiro do Artigo Quinto que passam a ter a seguinte redacção:

PRIMEIRO

A sociedade continua a adoptar a denominação de «MULTIGARA — SOCIEDADE COMERCIAL DE ELECTRICIDADE, LIMITADA», passa a ter a sua sede na Urbanização do Casal do Olival, Lote C, quatro e cinco, loja vinte e dois e vinte e dois A, Massamá, Queluz, concelho de Sintra, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde a data da sua constituição.

SEGUNDO

O capital social é de setenta e cinco mil escudos, encontra-se inteiramente realizado em dinheiro, e corresponde à soma de três quotas iguais de vinte e cinco mil escudos cada uma, pertencendo uma a cada sócio.

QUINTO — PARAGRAFO PRIMEIRO

Os actos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer dos gerentes. Todavia, em todos os actos e contratos que envolvam responsabilidades para a sociedade, esta só ficará validamente obrigada, mediante a assinatura conjunta de dois dos seus referidos gerentes. Esta conforme o original.

Algés, oito de Novembro de mil novecentos e oitenta e dois.

O Ajudante

(Elisabete Jeni da Costa Lages Agostinho Soares)

Grupo de Compolide
companhia de teatro de Almada

A
menina,
o gato
e o robot



«História de Joaquim Benite
Encenação de J. Benite e J. Ribeiro»

ESTREIA DIA 25 ÀS 16H

Sessões: Dia 25 às 16 e 18H
Dia 26 às 16 e 18H

Sessão das 18 horas
do dia 25/12

Sorteio de 1 bicicleta
«ESMALTINA»
Stand Jasma

Festa de Fim de Ano — Mar-
ço Tel: 2752175

TEATRO DA ACADEMIA
ALMADENSE

**ENSINE
O SEU FILHO**

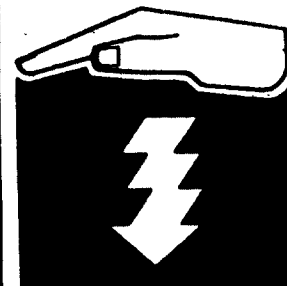
Ensine o seu filho
a parar sempre no
passeio antes de
atravessar a rua.



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



**OLHE O PERIGO
DE
FRENTE!**



**POUPE
ELECTRICIDADE**

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados

em BATAS PROFISSIONAIS

TINTURARIA GUANABARA

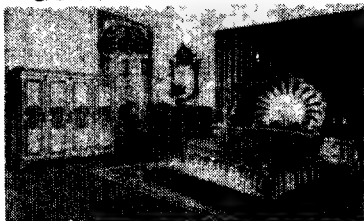
Dep. de Confeccões

Av. João XXI 5-D - 1000 (metro Areeiro) Rua Infante 16. 55 C - 1300 LISBOA

Armazéns de Móveis

BEIRA RIO
de António Carloto

Móveis
em
todos os
estilos



Para vosso
interesse
consultem
os nossos
preços

VENDAS:

Rua Miguel Bombarda, N.º 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel 2072448
BARREIRO

Op. Alvará n.º 16/1958

RN **RODOVIÁRIA
NACIONAL**

VIAGENS EM AUTOPULLMAN

Almoço mistério (dia de Natal)

EMENTA ADEQUADA - MÚSICA - ALEGRIA - CONVÍVIO
PREÇO 1.750\$00

PASSAGEM DO ANO

Serra da Estrela (com ceia, — 31/DEZ. a 2/JAN. 7.500\$00
Praia da Rocha — H. Júpiter (ceia e reveillon) — 31/DEZ.
a 2/JAN. 6.700\$00
Salamanca — H. Jardim Regio (ceia e reveillon) —
— 31/DEZ. a 2/JAN. ~~12.000\$00~~
Salamanca — H. Alfonso X (ceia e reveillon) — 31 a 2 JAN. 10.500\$00
Albergaria Castelão — Mafra (ceia e baile) — 31 a 1 JAN. 4.850\$00
Almoço regional — dia Ano Novo 1.500\$00

OUTRAS SUGESTÕES: Madeira — Paris — Londres — Andorra — Torremolinos — Madrid — Viena — Tunísia — Grécia — Suíça — Palma de Maiorca — Ibiza — Canárias, etc. ...

SOLICITE PROGRAMAS DETALHADOS

RN

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
LISBOA — Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1096 LISBOA CODEX
Telefones 56 00 15/16 — 56 34 51/52
Rua do Arsenal, 124-1.º — 1100 LISBOA
Telefone: 36 75 29

OU NAS VÁRIAS AGÊNCIAS ESPALHADAS PELO PAÍS: COIMBRA — Tel. 22944 * LEIRIA — Tel. 22413 * PORTO — Tel. 21109 * SETÚBAL — Tel. 23291 * FARO Tel. 23025 * P. ROCHA — Tel. 22370 * ÉVORA — Tel. 24254.

**ESTE ESPAÇO
VALE 50 000 PASSAGEIROS
POR DIA!**



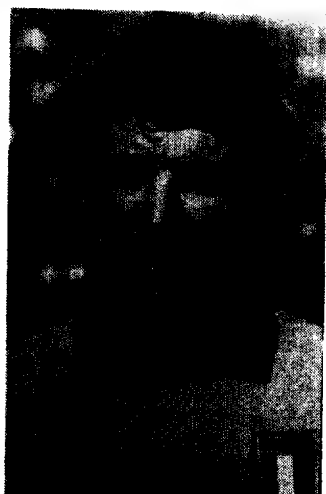
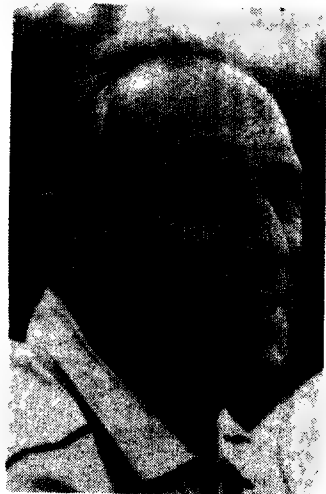
A C.P. acaba de destinar um total de 100 painéis a suportes publicitários. Na melhor localização da linha de Sintra. Nos abrigos para passageiros das estações de: Cacém, Queluz, Benfca, Mercês, Algueirão, Portela e Barcarena. O que significa mais de 175 000 passageiros por dia. Já pensou?

**ESTES ESPAÇOS PODEM SER SEUS!
APROVEITE-OS!**

SERVIÇO COMERCIAL DA REGIÃO CENTRO
TELEFONE 86 77 85
SECÇÃO COMERCIAL DO ROSSIO
TELEFONE 32 75 57



DESPORTO



Bearzot, Zoff e Conti: técnico, comandante e estratega

Futebol: Mundial de Espanha dominou o ano

O Campeonato Mundial de Futebol (disputado em Espanha, entre 13 de Junho a 11 de Julho e concluído com a vitória inesperada da Itália) é considerado o principal acontecimento desportivo de 1982.

Pela 1.ª vez na história de 12 edições do campeonato, a prova foi disputada por 24 seleções, em vez das 16 habituais.

O Mundial-82 foi uma competição extremamente desgastante, com os seus 52 jogos disputados (em quatro semanas) em 17 estádios de 14 cidades e atraiu as atenções de todo o mundo, sendo transmitido pela televisão em directo pela 1.ª vez para países onde a importância do futebol é mínima, como os Estados Unidos.

Em 11 de Julho, no estádio madrilenho Santiago Bernabeu, a Itália igualou o recorde do Brasil conquistando o seu 3.º título mundial ao bater por 3-1 a selecção da Alemanha Federal.

A «squadra azzurra» esperou 44 anos para revalidar o título alcançado em 1934 e 1938, respectivamente em Itália e na França.

A Itália qualificou-se de forma modesta para a 2.ª fase da prova, após três empates sem brilho com a Polónia, Peru e Camarões (na fase inicial), tendo estado perto de ser eliminada pela equipa africana, que não sofreu qualquer derrota na sua estreia no Mundial. Uma pequena falha do guarda-redes Thomas N'Kono (umas das principais revelações do ano) permitiu ao dianteiro transalpino Graziani obter o gol que qualificou os italianos para a 2.ª fase.

Então, englobada no grupo mais difícil com o Brasil e a Argentina (no estádio Sarria, Barcelona) a Itália iniciou a sua proeza, vencendo sucessivamente os campeões de 1978 por 2-1 e os brasileiros, «campeões» da fase inicial, por 3-2. Os três golos da equipa de Enzo Bearzot neste jogo foram apontados por Paolo Rossi que, após decepcionante início da prova, acabou por conquistar o ceptro de melhor goleador (com seis tentos) reconquistando a confiança dos «tifosi», ao fim de dois anos arrejado das competições devido ao seu envolvimento no escândalo das apostas clandestinas.

A carreira da Itália prosseguiu com a vitória por 2-0 (dois golos de Rossi) sobre a Polónia (nas meias-finais) aguardando-se para o jogo derradeiro um duelo entre o goleador de Turim e o alemão federal Karl-Heinz Rummenigge, que não chegou a ocorrer por lesão do germânico. Os italianos (mestres do contra-ataque) chegaram a 3-0 na 2.ª parte, com golos de Rossi Tardelli e Altobelli, depois de Cabrini ter desperdiçado uma



Cabrini: grande penalidade falhada não afectou a Itália

grande penalidade no 1.º tempo. O veterano Paul Breitner obteve perto do final o tento de consolidação da equipa de Jupp Derwall.

Os alemães, esgotados pelo jogo da meia-final com a França, em que só venceram no desempate por grandes penalidades (3-3 no fim de 120 minutos de jogo), obtinham assim um elevado prémio, o segundo lugar, para uma carreira extremamente irregular.

Uma derrota «humilhante» frente à Argélia, uma vitória duvidosa sobre a Austrália (no que foi considerado a vergonha de El Molinon) a qualificação para as meias-finais com um empate sem golos frente à Inglaterra (eliminada sem derrotas), um êxito mínimo sobre a Espanha e o empate lisonjeiro frente aos franceses na memorável meia-final de Sevilha.

No Mundial viu-se de tudo: um Brasil brilhante na 1.ª fase, parecendo lançado para o 4.º título, o fracasso dos campeões argentinos e o progresso de países «pequenos» como Camarões, Honduras e Argélia.

Após o Mundial-82, a Colômbia renunciou à organização do Campeonato de 1986 (o que acontece pela primeira vez na história do futebol internacional) e abriu uma longa espera até que a FIFA decidida entre as candidaturas do México, Estados Unidos, Canadá e Brasil, para promover a competição.

O Mundial-82 retirou impor-

tância às vitórias do Aston Villa (Inglaterra) na Taça dos Campeões Europeus, do Barcelona (Espanha) na Taça das Taças e do Goteborg (Suécia) na Taça UEFA.

O Aston Villa, que recentemente (em Tóquio) foi derrotado pelo campeão sul-americano, Peñarol (Uruguai), na Taça Intercontinental derrotou o campeão da Alemanha Federal, Bayern de Munique, na final de Roterdão por 1-0.

O Barcelona ganhou ao Standard de Liège (Bélgica) por 2-1 na final disputada no seu próprio estádio «Nou Camp».

O Goteborg, treinado por Sven-Goran Eriksson (mais tarde contratado pelo Benfica) derrotou inesperadamente o Hamburgo por 2-0 e 3-0, dias antes de a equipa alemã federal conquistar o respectivo título nacional.

Entretanto, em Espanha consumou-se a supermilionária aquisição do «internacional» argentino Diego Maradona pelo Barcelona, a qual envolveu, de acordo com as verbas oficiais, oito milhões de dólares.

O ano de 1982 marcou ainda o início da disputa das eliminatórias do campeonato da Europa de 1984, cuja fase final vai realizar-se em França, sendo de registar algumas surpresas nos primeiros jogos, com os empates cedidos em casa pela Itália e a derrota da RFA na Irlanda do Norte.

Automobilismo: ano trágico

A morte do proprietário e fundador da empresa construtora dos «Lotus» (Colin Chapman) culminou a série de desastres que ensombrou em 1982 a Fórmula 1 e o automobilismo mundial. Chapman, que em 1955 iniciou (em Inglaterra) a indústria que nos 27 anos seguintes valeu a este país 72 vitórias em Grandes Prémios, além de seis Campeonatos Mundiais, sucumbiu dia 15 a um ataque cardíaco na sua residência de Londres. Inovador da indústria automóvel, Chapman aceitou (em 1982) a série de reformas propostas para a fabricação de protótipos de Fórmula 1, na sequência da morte, em Maio, do piloto canadiano Gilles Villeneuve, um dos mais famosos condutores dos últimos anos. Villeneuve foi uma das cinco vítimas mortais em corridas de automóveis este ano: morreu ao volante de um «Ferrari», a mais de 270 quilómetros horários, no decurso dos treinos para o Grande Prémio da Bélgica. O desastre deu origem a

um movimento no sentido de diminuir os perigos da competição, com modificações na carroceria dos protótipos e novas limitações no respectivo peso e da capacidade dos depósitos de combustível, fixadas respectivamente em 539 quilos e 220 litros.

Os outros quatro pilotos mortos em 1982 foram George Smiley, Jim Hickman e Gene Richards (todos em corridas nos Estados Unidos) e Ricardo Paletti (no Grande Prémio do Canadá).

Smiley faleceu quando tentava qualificar-se para as «500 Milhas de Indianápolis», enquanto Hickman pereceu durante um treino para a competição de Wisconsin, em 31 de Julho (corrida em que se estreava). Richards foi vítima de um acidente durante a 10.ª corrida anual de Talladega, uma das mais famosas nos Estados Unidos.

Tal como sucedera em 1981, quando o Campeonato do

Mundo de Fórmula 1 se decidiu apenas na última corrida, o finlandês Keke Rosberg só no último Grande Prémio (Las Vegas, Nevada) assegurou o título mundial de condutores de 1982, apesar de só ter conseguido ganhar uma corrida (GP da Suíça). Rosberg foi favorecido pelas ausências dos dois pilotos da «Ferrari», o malogrado Villeneuve e o francês Didier Pironi, gravemente ferido durante os treinos do Grande Prémio da Austrália, em Abril.

A importante corrida «500 milhas de Indianápolis» voltou este ano a ser disputada sob o signo da polémica e foi ganha por Gordon Johncock, depois de a organização ter determinado a eliminação do veterano ex-campeão mundial Mário Andretti, nas primeiras voltas, por ter alegadamente provocado o despiste de um piloto com apenas dois anos de experiência (Kevin Coogan).

Oliverio Martinez
(EFE/ANOP)

Os melhores do mundo

Marita Koch

Marita Koch (da RDA) birrecordista mundial dos 200 e 400 metros, foi designada melhor atleta do ano pela revista norte-americana de atletismo «Track and Field News». Esta é a 3.ª vez desde 1978 que a atleta da República Democrática Alemã alcança este galardão. Segundo a classificação da revista especializa-se a norte-americana, as principais atletas do ano foram: 1.ª Marita Koch (RDA), 268 pontos; 2.ª Ulrike Meyfart (RFA), 244; 3.ª Vali Ionescu (Roménia), 171; 4.ª Suyetlana Ulmasova (URSS), 154; 5.ª Ramona Neubert (RDA), 135.

Falcão

O brasileiro Falcão foi considerado o melhor jogador estrangeiro ao serviço do futebol italiano, segundo um inquérito realizado entre os 16 treinadores dos clubes da 1.ª Divisão. Falcão (que alinha no Roma) próximo adversário do Benfica na «Taça UEFA», tem tido uma notável actuação nas últimas semanas do campeonato italiano e foi decisivo na eliminatória Roma-Colónia, em que marcou um gol e comandou a equipa desde o meio-campo.

Entre os jogadores italianos, o melhor do ano foi Scirea, o «li-

bero» da Juventus) enquanto Bergomi (Inter) foi eleito o «melhor jovem», ou seja o mais promissor entre as esperanças do futebol italiano.

Falcão obteve 76 pontos, colocando-se a grande distância do seu compatriota Dirceu, com 21. O critério dos treinadores não coincide com o dos jornalistas, que consideraram o peruano Julio Cesar Uribe o melhor estrangeiro do futebol italiano. A classificação de Paolo Rossi, o máximo goleador do mundial de Espanha, decepcionou ao ficar apenas na 6.ª posição entre os melhores italianos.

Ténis

John McEnroe lidera a classificação geral da Associação de Jogadores Profissionais de Ténis (ATP), divulgada em Paris. A classificação actual é a seguinte: 1 - John McEnroe, EUA; 2 - Jimmy Connors, EUA; 3 - Ivan Lendl, Checoslováquia; 4 - Guillermo Vilas, Argentina; 5 - Vitas Gerulaitis, EUA; 6 - José Luis Clerc, Argentina; 7 - Gener Mayer, EUA; 8 - Mats Wilander, Suécia; 9 - Johan Kriek, EUA; 10 - Yannick Noah, França; 11 - Peter McNamara, Austrália; 12 - José Higuera, Espanha; 13 - Steve Denton, EUA; 14 - Brian Teltcher, EUA; 15 - Andrés

Gomez, Equador.

A norte-americana de origem checoslovaca Martina Navratilova foi designada pela 2.ª vez consecutiva a melhor tenista do ano pela revista «World Tennis». Navratilova (26 anos) ganhou 15 dos 18 torneios em que participou, conseguindo 90 vitórias, nas 93 partidas disputadas. A classificação da «World Tennis» é a seguinte: 1 - Martina Navratilova, EUA; 2 - Chris Evert-Lloyd, EUA; 4 - Andrea Jaeger, EUA - Hana Mandlikova, Checoslováquia; 5 - Pam Shriver, EUA; 6 - Wendy Turnbull, Austrália; 7 - Barbara Potter, EUA; 8 - Bettina Bunge, RFA; 9 - Tracy Austin, EUA; 10 - Sylvia Hanika, RFA.

Colectividades

FC Tirsense

O FC Tirsense decidiu, em Assembleia Geral, aumentar as quotas. Desta forma, os sócios passam a pagar as seguintes importâncias: peão, 130 escudos; superior, 170 escudos (menores, 60 escudos); bancada, 200 escudos (menores, 75 escudos); camarote, 230 escudos. De registar que os associados do Tirsense só pagam quotas durante dez meses, já que estão isentos no defeso.

Desporto amador já é profissional

A crescente profissionalização do desporto amador está a provocar forte inquietação no Movimento Olímpico Internacional. O problema foi analisado na recente reunião de responsáveis pelos Comitês Olímpicos Nacionais da Europa, tendo sido sublinhado que o Artigo 26.º da Carta Olímpica estipula que o atleta deve receber, apenas, uma compensação pelos salários perdidos com os treinos e as competições, bem como equipamentos, assistência médica e seguro por acidente. Alguns exemplos negativos podem ser apontados:

- A Federação Internacional de Patinagem de Velocidade deliberou atribuir prémios em dinheiro aos vencedores dos campeonatos do Mundo.

- A Federação Internacional de Atletismo Amador tencionava pagar honorários aos desportistas que participem em competições «comerciais».

A comercialização das actividades do Olimpismo é lamentável, como o que está a passar-se com os preparativos para os próximos Jogos Olímpicos, já que o financiamento da organização foi entregue à iniciativa

privada. Ora, como se sabe, os homens-de-negócios colocam em primeiro plano os lucros e só depois pensam no desporto.

Quanto ao «doping» (verdadeira ameaça aos princípios do Movimento Olímpico) impõe-se a criação de um serviço internacional de controlo anti-«doping» (como afirmou Serguei Pavlov, presidente do Comité Olímpico da União Soviética).

Sobre o racismo e o «apartheid» no desporto, atinge 360 o número de atletas, de 29 países, comprometidos na colaboração com os racistas da África do Sul, segundo uma «lista negra» elaborada por um Comité Especial da ONU, pelo que os Comitês Olímpicos Nacionais devem continuar a recomendar às Federações das modalidades olímpicas que não reconheçam as organizações desportivas sul-africanas.

A França apresenta-se como séria candidata à organização da 25.ª edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, a realizar em 1992. Se assim acontecer, Paris será a capital de uma «Olimpiada» pela terceira vez, visto que já foi em 1900 e 1924. A Espanha, nomeadamente Barcelona, tam-

bém se pretende inscrever como candidata à organização daqueles Jogos Olímpicos.

A ideia de a «Olimpiada» de 1982 se realizar em França partiu do Partido Comunista Francês. Georges Marchais divulgou publicamente tal intenção há dois anos, um mês depois dos Jogos de Moscovo. Contudo, só em 1986 deverá realizar-se a reunião do Comité Olímpico Internacional que determinará qual a capital da «Olimpiada» de 1982. De qualquer modo, efectuaram-se já, em França, vários debates em torno da candidatura de duas cidades: Paris e Nice. Nice acabaria por ser recusada, ao que se disse por ser gêmea da Cidade do Cabo (República da África do Sul) que, como se sabe, não pode integrar o Comité Olímpico Internacional devido à sua prática racista. No caso de Paris ser escolhida, novas instalações desportivas serão construídas, designadamente um estádio com capacidade para 100 mil espectadores (em Saint-Denis), bem como uma piscina e um complexo gimnodesportivo coberto (em Bercy), para além de vários palácios de desportos.

DESPORTO

O princípio da reviravolta que o "DL" anunciou

Sporting: Osvaldo Silva como técnico adjunto



Fundadores do Juventude: Francisco dos Santos e Manuel Louro (1.º plano), João Nunes, Augusto Artur e João Matos

Juventude de Évora: recordar uma vida

Por iniciativa de um grupo de associados do Juventude Sport Clube, com o patrocínio do Governo Civil de Évora, numa sala gentilmente cedida pela Universidade de Évora, realizar-se-á uma exposição fotográfica retrospectiva das actividades do clube.

A referida exposição integrada nas comemorações do 64.º aniversário do clube, será inaugurada no dia 28 pelas 21 horas e estará patente ao público até ao dia 16 de Janeiro.

Varzim Sport Club

Para assinalar os 67 anos da sua fundação, o Varzim estabeleceu um programa de comemorações que se iniciará amanhã. Às 9 horas será hasteada a bandeira na sede do clube, seguindo-se o descerramento de fotografias dos sócios honorários Francisco Troina e Manuel da Silva Pereira e romagens de

saudade aos cemitérios poveiros. No dia 31 será apresentada a equipa de atletismo do clube, encerrando-se as cerimónias em 29 de Janeiro, com uma sessão de «karate» no ginásio e um jantar de encerramento.

Desportivo de Queluz

O Grupo Desportivo de Queluz começa a comemorar amanhã, dia de Natal, os seus 31 anos de existência: com alvorada, inauguração da Árvore de Natal, passagem de filmes para crianças, seguida de lanche e guloseimas.

No dia 31 do corrente encerrar-se-á as comemorações com alvorada e reunião de confraternização de todos os antigos dirigentes com entrega de emblemas aos associados com 25 anos de sócio, terminando com baile de fim do ano com o conjunto musical «Banda Privada».

Santo António dos Cavaleiros: Severiano Falcão é sócio honorário

Severiano Falcão, presidente da Câmara de Loures, é o 2.º sócio honorário do Clube de Santo António dos Cavaleiros depois de uma proposta nesse sentido ter sido aprovada, por unanimidade e aclamação, na última assembleia geral desta colectividade.

Ainda no referido plenário de sócios do CSAC, que prosse-

guirá no próximo dia 14 de Janeiro com a eleição dos corpos gerentes para o ano de 1983, foi aprovado o relatório e contas do ano corrente e debatidas questões decorrentes do crescimento do clube e do seu futuro, face à nova situação, criada a partir da cedência de terrenos, pela Câmara de Loures, destinados à construção de um complexo gímnodesportivo.

Voleibol em festa

Continuando a iniciativa levada a cabo no ano anterior, a direcção da Associação de Voleibol de Lisboa resolveu comemorar o seu 44.º ano de existência com uma sessão solene, que este ano se realiza na sede de um dos seus clubes fundadores (o ACM), no próximo dia 28, pelas 21 horas e 30 minutos, na sua sede (Rua de S. Bento, 329-2.º em Lisboa). A sessão

abrirá com uma palestra proferida pelo prof. Mário Moniz Pereira alusiva a esta comemoração e ao voleibol em geral. Seguidamente serão distinguidas diversas personalidades ligadas ao voleibol com os diplomas de sócios de mérito e honorários, aprovados em assembleia geral da AVL. A finalizar serão entregues as taças aos campeões regionais da presente época (82-/83).

Rallyes africanos

O campeonato de África de rallyes será disputado em 1983 em sete provas. A Comissão Executiva da Federação Internacional do Desporto Automóvel (FISA) publicou o calendário e precisou que os cinco melhores resultados levarão em conta o desconto dos pontos. Uma diligência do presidente da Federação da Costa do Marfim, tendente a fazer excluir a África do Sul do movimento desportivo automóvel, foi recusada pela Comissão Executiva. Calendário: 18/20

Fevereiro: Safari do Zaire; 31 Março/4 Abril: Safari do Quênia; 21/25 Maio: Rallye do Zimbábue; 25 Junho/2 Julho: Rallye do Gabão; 9/12 de Julho: Rallye da África do Sul; 14/19 Setembro: Rallye de Marrocos e 24/30 Outubro: Rallye da Costa do Marfim.

Unser diz adeus

O piloto norte-americano Bobby Unser, triplo vencedor das «500 Milhas de Indianápolis», anunciou oficialmente que abandona a competição. Unser (49 anos) declarou ter tomado esta decisão a pedido da família. Considerado como um dos melhores pilotos americanos de todos os tempos e especialista nas corridas «tipo Indianápolis», Bobby Unser corria desde há 35 anos. Venceu Indianápolis em 1968, 1975 e 1981.

Placard

Hóquei em campo

«André Nogueira» é o nome da taça atribuída ao clube mais disciplinado da Associação de Hóquei em campo de Lisboa.

Tal como o «DL» ontem informou em primeira «mão», esteve reunido, a partir das 12 horas, no Estádio de Alvalade, todo o bloco responsável pelo futebol sportinguista, sob o comando do presidente João Rocha. Ao princípio da tarde as previstas alterações no «staff» do «team» do leão começavam a ser conhecidas: a imediata contratação de Osvaldo Silva para técnico-adjunto de António Oliveira (o brasileiro que decisivamente ajudou os verdes-brancos a conquistarem a «Taça das Taças», em 1964, a regressar a um lugar que bem conhece e onde deixou grandes amizades) e a transferência do Departamento Médico para instalações mais condignas com a grande movimentação que tem quotidianamente, enquanto o restante da prevista reviravolta no futebol do Sporting continua em fase de estudo, devendo atingir o ponto da explicação total após o desafio como Benfica (a 2 de Janeiro) que pode esclarecer no tocante à continuidade do título de campeão nacional em Alvalade ou (pelo contrário) ficar mais ao alcance da concorrência directa.

Recorde-se que, até ao momento, era Marinho quem se sentava no banco dos responsáveis sportinguistas, como adjunto de António Oliveira: o antigo avançado «internacional» regressa ao seu posto normal, junto dos escalões etários mais jovens.



Edmilsson: do Brasil para o Realto

«Taça»

No domingo realiza-se o jogo de desempate da «Taça de Portugal» entre o Poiares e o Barreirense, em Poiares, dado o empate (1-1) verificado no D. Manuel de Melo, no Barreiro. O sorteio referente à próxima eliminação da «Taça» efectua-se na próxima segunda-feira, às 18 e 30, no Hotel Fénix (Lisboa).

Paraty: homenagem

Armando Paraty, um árbitro a quem o futebol muito fica a dever, será depois de amanhã (dia dos seus 50 anos) homenageado no decurso de um festival que decorrerá no Estádio das Antas e que engloba nada menos de três jogos de futebol. Assim, às 10 horas jogarão duas



Osvaldo Silva: o regresso a Alvalade

equipas de árbitros; às 15 horas um desafio entre o FC Porto e uma selecção do Porto formada pelo antigo jogador do Leixões e dos «azuis e brancos» Bené e, finalmente, às 17 horas, um encontro de futebol de salão que colocará frente a frente uma equipa de dirigentes e jornalistas (lado a lado) e outra de árbitros e de treinadores.

Os bilhetes de ingresso para o jogo FC Porto - Selecção do Porto estão já à venda e a respectiva receita destina-se para o Movimento de Apoio aos Deficientes Intelectuais (MADI).

Júniiores em Israel

A selecção portuguesa de júniores deixa Lisboa, no próximo domingo, num voo que tem a saída marcada, do aeroporto da

Portela, para as 6 horas e 25 minutos, com chegada a Telavive (Israel), após escala em Atenas (Grécia), prevista para as 20 horas e 05 minutos (hora local), 19 horas e 05 minutos de Portugal. A comitiva é composta pelos seguintes dirigentes: Fernando Cardoso e Joaquim Azevedo. Médico: dr. Camacho Vieira. Massagista: Mário Verissimo. Seleccionador nacional: José Augusto. Treinador adjunto: Mário João. Roupeiro: António Gonçalves. Jogadores: Sérgio Mota, Carlos Manuel, Décio, Carvalhal, Morato, Fonseca, Rodolfo, Jorge Oliveira, Joaquim Alberto, Hernâni, Cristóvão, Semedo, Chico Faria, Barrocal e Santos. O regresso a Lisboa está previsto para o dia 1 de Janeiro, com saída às 8 horas e 50 minutos, de Telavive, e chegada, ao aeroporto da Portela, às 16 horas.

Delegados na UEFA

O Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol confirmou a indicação à UEFA dos seus quatro delegados técnicos: Francisco Guerra, Ismael Baltasar, Joaquim Campos e professor Jorge Pombo.

Mudança

O jugoslavo Dzemat Mustedanagic (27 anos) assinou um contrato que o liga por dois anos ao Austria de Viena. Mustedanagic, que jogava no Dinamo-Zagreb, tinha obtido luz verde da Federação Jugoslava de Futebol.

Ano de tricampeões

A história desportiva mundial foi enriquecida em 1982 com dois novos tricampeões mundiais: a Itália no futebol e a União Soviética no basquetebol. Na nação, os Estados Unidos reafirmaram a sua hegemonia internacional, ainda que a RDA tenha voltado a conquistar a maioria dos títulos femininos. Estas foram as três modalidades de que se disputaram campeonatos do mundo em 1982, ano em que o desporto esteve particularmente em evidência e se confirmou como factor de paz e de unidade entre os povos.

O «álbum de ouro» do futebol mundial encheu muitas páginas com a realização, em 17 estádios espanhóis, do 12.º campeonato da FIFA que, pela primeira vez desde 1930, foi disputado por 24 selecções nacionais. A Itália conquistou o título máximo, ao derrotar na final a Alemanha Federal por 3-1 em partida que teve um fim de festa apoteótico, colorido e que deixou para a posteridade várias marcas.

A primeira, foi o número de competidores e, consequentemente, o número de jogos (52), enquanto a segunda diz respeito ao número de golos obtidos (146), seis mais que na Suécia em 1954, ainda que este campeonato tenha sido disputado apenas por 16 países.

Outro recorde deste campeonato foi obtido pelo inglês Brian Robson que anotou o golo mais rápido dos campeonatos do mundo, aos 27 segundos do jogo (com a França) arbitrado por António Garrido, também juiz do jogo de atribuição do 3.º lugar, entre Polónia e França.

A Itália, que conquistara o título em 1934 (em Itália) e em 1938 (França), alcançou o Brasil, o primeiro tricampeão mundial

de futebol, e obteve também o prémio do melhor goleador do torneio, conquistado por Paolo Rossi, com seis golos (menos sete que o recorde do francês Juste Fontaine). O soviético Serguei Baltacha apontou o golo 1100 e o total da história dos mundiais foi elevado para 1196. Com o título conquistado, a Itália deu à Europa a 6.ª «Taça do Mundo», empatando assim com a América do Sul o total de títulos obtidos pelos dois continentes.

Entretanto, a polémica surgiu pouco depois da final de Madrid, quando a Colômbia renunciou à sua intenção de organizar o Mundial de 1986, devido a uma série de exigências da FIFA, consideradas impossíveis de satisfazer por este país sul-americano. A Colômbia foi (aliás), a sede do Mundial de basquetebol, ganho pela URSS que venceu os Estados Unidos na final por 95-94, revalidando os títulos conquistados em 1967 (Uruguai) e 1974 (Porto Rico).

O Mundial de basquetebol foi disputado por 13 selecções nas cidades de Bogotá, Medellín, Cucutá e Cali (Colômbia) e, tal como a URSS sofreu para vencer, também a Jugoslávia teve que lutar muito para conquistar a medalha de bronze, ao bater a Espanha por 119-117.

Foram anotados 9111 pontos e o total dos nove mundiais foi elevado a 68 445. O recorde de 154 em um só jogo (estabelecido pelo Brasil, em 1978) não foi batido, pois o máximo foi de 143, da URSS frente à Colômbia. Os jogadores colombianos centralizaram as atenções ao ameaçarem diversas vezes com greve ao campeonato e não actuando com o equipamento oficial do país.

A cidade de Guayaquil (Equa-

dor) foi a sede do Mundial de Natação, entre 29 de Julho e 7 de Agosto (disputado por 53 países) e em que os Estados Unidos alcançaram o título geral, sendo igualmente campeões do sector masculino, enquanto a RDA dominava a competição feminina. A melhor nadadora foi Petra Schaneider (RDA) enquanto no sector masculino se destacaram o alemão-federal Michel Gross e o canadiano Victor Davis. O norte-americano Gregory Louganis foi o melhor saltador e a URSS conquistou a medalha de ouro no pólo aquático. Foram batidos sete recordes mundiais e 23 do campeonato, sendo de destacar o primeiro recorde mundial e primeira medalha de ouro conquistada por um sul-americano, o brasileiro Ricardo Prado, nos 400 metros estilos, com quatro minutos e 19.78 segundos. Prado salvou o fracasso do desporto brasileiro que, apresentando-se como favorito em ambas as competições, não conseguiu figurar nos quatro primeiros do mundo no basquetebol e no futebol.

Guillermo Piedrahita
(EFE/ANOP)

Meninas ao cesto

O confronto entre as selecções soviética e norte-americana, tanto no «Mundial» como no «Europeu», vai estar em foco no próximo ano e está a ser aguardado com expectativa nos meios basquetebolísticos internacionais.

Não há dúvida de que as basquetebolistas dos EUA são, realmente, as nossas principais rivais - considera a treinadora da equipa soviética, Lída Alexéeva. O basquetebol feminino norte-americano tem, nos últimos tempos, reforçado consideravelmente o seu poderio, mas também é preciso não esquecer os progressos verificados na Holanda e na Hungria ou em Itália e em Cuba, segundo considera aquela treinadora.

Modalidade olímpica desde há seis anos, o basquetebol feminino é um jogo muito vivo, muito dinâmico e de elevada craveira técnica, proporcionando frequentemente espectáculos excelentes. As principais potências desportivas dedicam-lhe a máxima atenção como se verifica na URSS e nos EUA: 1983 (por certo) demonstrá-lo-á uma vez mais.

Obrigado do ciclismo

É com uma certa pontinha de alegria que verificamos constar no relatório de um ano de trabalho da Associação de Ciclismo do Sul o nome do nosso jornal junto aos de seis outros Órgãos de Comunicação Social (um deles efemeramente desaparecido: «Portugal Hoje») no escasso rol dos votos de agradecimento da entidade ciclista que comanda o movimento da zona lisboeta. Para o dirigente António Chambel e companheiros a garantia de que (aconteça o que suceder) estaremos sempre de braços abertos para registar todas as movimentações desportivas que sejam dignas do mesmo impulso que é obrigatório ofertar-se ao ciclismo português.

DESPORTO

ponta esquerda

Faro: poupar demais

Mal se concluiu a partida entre as «esperanças» portuguesas e os rapazes holandeses, disputada no S. Luís (em Faro) apagaram-se as luzes e os nossos colegas da Imprensa holandesa, que estavam a telefonar para o seu país, passaram a trabalhar às escuras, o que (convenhamos) nada abona em favor da nossa hospitalidade. O que valeu foi a já de si má iluminação do estádio farense ter estado a fazer rodagem para a penumbra durante o joguinho particular...

Disciplina no ténis

Disciplina: mediante a instauração dos respectivos processos disciplinares, a direcção da Federação Portuguesa de Ténis aplicou os seguintes castigos aos jogadores: Pedro Borges — repreensão registada, Alberto Miguel S. Pereira — 2 meses de suspensão, João Vaz Guedes — 4 meses de suspensão, José Manuel Cordeiro — 4 meses de suspensão.

Luto no CDUL

Em consequência de um acidente de viação, ocorrido na estrada que liga Évora a Lisboa, faleceu ontem, ao fim da tarde, o dr. Quirino do Nascimento Mealha, de 47 anos, antigo praticante desportivo (voleibol e andebol) ao serviço do Benfica. Desempenhava as funções de presidente do Conselho Fiscal do CDUL, colectividade universitária e da qual foi sócio fundador.

Negociatas árabes com futebol inglês

Capitalistas árabes planeiam financiar na próxima época a Liga Inglesa de Futebol — revelou o jornal *g'daily Mirror* (de Londres). Sharif Zeid Hussein, membro da família real jordana, iniciou negociações com Alan Pascoe, antiga «estrela» do atletismo britânico, para investir 3,5 milhões de libras (cerca de 550 milhões de escudos) no financiamento da próxima temporada futebolística. A iniciativa do subdito jordano, «fanático» do Liverpool, poderia ajudar a resolver as graves dificuldades económicas que atravessam os clubes ingleses. A «Zeid Hussein Football Trust» propõe-se fomentar o futebol inglês, «sem atingir a sua excessiva comercialização» — afirmou Alan Pascoe.

Brasil quer mundial de futebol

O Brasil confirmou oficialmente à Federação Internacional de Futebol (FIFA) a sua candidatura à organização do campeonato mundial de 1986, declarou no Rio de Janeiro o presidente da Confederação Brasileira de Futebol Giulite Coutinho. Esta posição foi anunciada após uma reunião com os representantes das empresas de estado «Embratur» (turismo) e «Embratel» (comunicações), durante a qual foram examinadas as despesas que a organização do próximo «Mundial» acarretará ao Brasil.

Râguebi conflituoso

Alto Invernici, presidente da Federação Italiana de Râguebi, enviou um telegrama de protesto à FIRA, na sequência dos incidentes ocorridos domingo passado, em Casablanca, no jogo a contar para o torneio da FIRA, vencido pelos italianos por 13/3. Estes últimos queixaram-se do jogo duro praticado pelos seus adversários e da arbitragem «de sentido único» do árbitro francês.

Atletismo por aí fora

Ases da Avenidas

Os Ases das Avenidas organizam amanhã o já tradicional «Grande Prémio do Natal», em atletismo, que será disputado através das principais artérias de Lisboa, com chegadas aos Restauradores e o seu início às 10 horas. Esta prova destina-se a todos os jovens (rapazes e raparigas), federados ou não, que a ela queiram concorrer. A prova disputar-se-á nos seguintes escalões etários: **Raparigas**, escalão A — nascidas em 1973 e depois, B — em 1971 e 1972, C — em 1969 e 1970, D — em 1967 e 1968, E — em 1966 e antes. **Rapazes**, escalão A — nascidos em 1972 e depois, B — em 1970 e 1971, C — em 1968 e 1969, D — em 1966 e 1967, E — em 1964 e 1965, F — em 1963 e antes. **Veteranos** dos 35 aos 60 anos.

São Silvestre:

Amadora

A oitava corrida de São Silvestre da Amadora foi apresentada pelo Desportivo Operário do Rangel, organizador da prova que em 1981 foi ganha por Carlos Capitão e Rita Borralho, ambos do Benfica. A 8.ª edição da corrida na distância de oito mil metros, terá início às 22h30 de 31 da corrente e percorrerá várias artérias da Amadora.

A prova destina-se a atletas filiados na categoria de seniores, homens e mulheres, a populares e a veteranos e vai ter como primeiros prémios requisições para compras nos valores de 60 mil escudos para o federado, 30 mil para o popular e 20 mil para a vencedora feminina. Os veteranos terão prémios de dez mil e sete mil escudos. Os prémios serão entregues em 1 de Janeiro na Câmara Municipal da Amadora, uma das entidades que patrocina a prova.

O Desportivo Operário Rangel é uma colectividade com 22 anos de vida, sediada na zona industrial da nova cidade da Amadora. Tem cerca de meio milhar de associados e a sua prática vira-se essencialmente para o atletismo.

Prova dos reis

Cerca de 250 atletas, entre os quais alguns espanhóis, participam (dia 8 de Janeiro) em três

provas de atletismo integradas no «Grande Prémio dos Reis», organizado pela Associação de Atletismo de Faro. As provas desenvolveram-se nas principais artérias da capital algarvia e contam com a participação de 24 clubes regionais e ainda do Benfica, Sporting, Futebol Clube do Porto, CAP (Porto), Académico de Godim (Vila Real), Marrazes (Leiria) e Zona Azul (Beja). Está também prevista a presença de uma selecção espanhola de atletas representativos das Federações de Sevilha, Cádiz e Huelva.

O 14.º «Grande Prémio dos Reis», além da prova com este nome, engloba o 11.º «Mini Prémio dos Reis», destinado a iniciados e o 3.º «Grande Prémio Internacional Feminino». A prova que os organizadores pretendem venha a alcançar nome internacional, já conta com os nomes da campeã europeia Rosa Mota e do recordista europeu Fernando Mamede. Está igualmente prevista a presença de Aurora Cunha, Rita Borralho, José Sena, Aniceto Simões, José Abreu e Delfim Moreira.

Agualva-Cacém

Com o apoio da Junta de Freguesia de Agualva-Cacém vai uma Comissão composta pelos delegados dos Ginásios 1.º de Maio (de Agualva), Clube Estrela Vermelha (Cacém) e Desportos e Juventude de Mira (Sintra) a realizar no dia 2 de Janeiro pelas 9.30 uma prova de atletismo, que se pretende futuramente fazer parte do calendário da respectiva Associação, denominada 1.º Grande Prémio do Ano Novo de Agualva-Cacém. Este Grande Prémio terá a distância de 10 km, percorrerá as principais ruas da freguesia e é aberto a atletas populares e federados. Além desta prova, realizar-se-ão provas extras para os escalões mais jovens. O lote de prémios é vasto e foi oferecido pelo comércio local.

Luanda

Doze países confirmaram já a sua participação na 27.ª edição da «São Silvestre» (prova tradicional e popular organizada pela Federação Angolana de Atletismo, percorrendo várias artérias da cidade de Luanda, na

noite de 31 do corrente), nomeadamente Bulgária, Hungria, Suécia, Jugoslávia, Portugal, Cuba, Etiópia, Quênia, Tunísia, Botswana, Congo e Argélia. Entretanto a organização da prova aguarda a confirmação dos restantes países convidados, previstos num número máximo de 52 países, num total de 52 atletas de craveira internacional.

De Portugal virão os atletas Luís Horta e Renato Graça. Note-se que Luís Horta é o actual detentor do trono português na maratona e possui o título de campeão de França, ao vencer a Maratona de Marselha. Horta ganhou, igualmente, a Maratona de Sevilha (Espanha). Por outro lado, Renato Graça, que para além de atleta é médico, proferirá algumas palestras sobre medicina desportiva, paralelamente à sua participação efectiva na prova.

Da Suécia, virão os «internacionais» Mats Erikson e Lars Ericsson.

O país organizador estará representado pela selecção nacional, que desde há alguns dias se encontra em estágio na província angolana da Huila (a cerca de 750 km da capital, Luanda), assim como por dois candidatos de cada uma das restantes províncias do país (18).

Recorde-se que as três anteriores edições foram conquistadas pelo atleta Berhamu Guirma (da Etiópia).

Boavista

A atleta Fátima Pinto, campeã nacional de dardo, integrará, na presente temporada, a equipa de atletismo do Boavista, modalidade recentemente criada no clube «axadrezado». Filiado na Associação de Atletismo do Porto, o Boavista contará, para além da referida atleta, com Fernanda Cunha, um meio-fundista, e António Valente, ambos porcedentes do FC Porto.

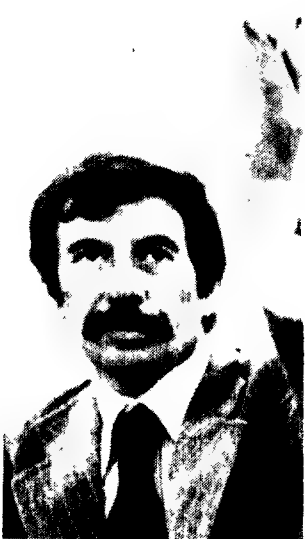
São Paulo

A tradicional «São Silvestre» de São Paulo (Brasil), vai este ano começar mais cedo e terá um percurso aumentado. A partida será dada às 23.15 locais (2.15 tmG) de 31 de Dezembro e o percurso aumentou de 8,9 para 13,54 quilómetros.

colunáveis



Mais um homem na corrida para a presidência do Benfica. Depois de Fernando Martins ter deixado no ar a ideia de que pretende continuar no lugar e de Jorge Brito estar rodeados de um elenco que deseja encaminhar o clube da Luz para a máxima normalidade directiva, eis que surge na liça o empresário **Sérgio de Azevedo**, que foi o responsável por várias realizações artísticas e agora está (bem) na vida comercial. No México, onde passa o Natal, prepara um programa de trabalho que nos primeiros dias de Janeiro apresentará (em Lisboa) aos órgãos de comunicação social.



António Medeiros não aguentou mais: no Penafiel, a caótica situação financeira, com os jogadores de bolsos a tinir, sem verem o dinheiro de ordenados (de Outubro para cá) além de prémios e «luvas» igualmente em atraso, obrigou o técnico a tornar-se solidário com os demais profissionais contratados pelo clube e a assumir uma posição frontal, por não encontrar o mínimo de condições para continuar desenvolvendo o seu (exce-lente) trabalho.



Vida extremamente difícil, a do dirigente de clube empenhado nos altos voos do futebol mais profissionalizado sem poder contar com o suporte financeiro de uma grande massa associativa. O Amora não foge ao caso: à sua frente está **Fernando Paixão**, presidente permanentemente ao serviço do emblema do seu coração, bolsa escancarada para todas as emergências, muitas vezes sacrificando a vida profissional e particular para que o bonito Estádio da Medeira vá crescendo e vendo futebol de 1.ª.

MICROSCÓPIO

Voleibolistas em estágio

Tendo em vista a preparação da selecção nacional, a Federação Portuguesa de Voleibol promove um estágio entre os dias 26 e 29 do corrente, no Colégio dos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia. Os convocados são os seguintes: Sporting de Espinho — Filipe Oliveira, Tomás, António Rocha, Padrão e Carlos Queirós; Leixões — Humberto Silva, Nelson Puga, António Cruz, Carlos Fernandes, Nuno Calheiros; FC Porto — José Vilarinho, Manuel Rosas; Esmeriz Ginásio Clube — José Moreira, José Adelino, Pacheco e Vítor Coelho; Benfica — Ilídio Ramos, Pedro Barros e Luís Rodrigues; Académica de S. Mamede — Hélder Teixeira, São Suplentes: Mário Guerra (CDUL), Jorge Infante (Sporting), Luís Cira (Benfica), João Figueiredo (Benfica) e António Augusto (Académica de S. Mamede).

Ténis de mesa lisboeta

Terminaram os Campeonatos de Lisboa (individuais) de seniores masculinos nas três séries conquistando o título. Ivanoel Moreira (do Benfica) na primeira, Pedro Miguel do Philips na segunda, e José Roberto (do Fanhões) na terceira. Na I Série, o campeão apenas sofreu uma derrota, tendo desfeiteado o seu



Natal benfiquista: o presidente Fernando Martins fez questão de reunir os futebolistas da água no seu hotel, em Lisboa. João Alves e a esposa (Luísa) mais a Nélia e, meio encoberto, o Carlos Miguel, entre prendas e esperanças

opositor directo, José Janeiro que detinha o título da época passada o qual por seu turno, viria a perder a segunda posição, face à derrota também, frente a José Marquês, Paulo Leal, Armando Torres, Mário Meneses, Carlos Pinho e Carlos Antão descem de série. Na II Série, também o campeão apenas foi uma vez derrotado, seguindo-se-lhe José Rocha (Philips), António Sousa (Paço de Arcos), Carlos Neves (Aca-

démica da Amadora) e Vítor Saio (Intendente), todos com a mesma pontuação. Finalmente, na III Série, José Roberto conquistou o título sem qualquer derrota, seguindo-se, na tabela classificativa, Rui Agrela (Arru-dense), Jaime Olivença (Águias), Nelson Colaço (Santo António Cavaleiros), Paulo Lima (Fanhões) e Inácio Amador (Águias).

Ténis de mesa na Guarda

O clube Desportivo Fercol (de

Seia) venceu o torneio aberto de ténis de mesa Natal-82 que ocorreu na Guarda. Participaram na fase final da competição 68 atletas.

Hóquei lisboeta

O Benfica venceu na Amadora, a Académica, por 3-2, no encontro da meia-final da Taça Lisboa, em hóquei em patins. Os benfiquistas atingiram o intervalo a ganhar por 2-1. No outro encontro da meia-final, o Campo de Ourique venceu o Paço de Arcos por 9-3, disputando, assim, a final com o Benfica, em duas «mãos», marcadas para os dias 27 e 30.

Ginásio Clube:

dança moderna

Integrado no seu programa de organizações de formação para a época de 1982/83, o Ginásio Clube Português inicia a época com a realização de um curso intensivo de dança moderna nas férias de Natal, no período de 26 a 31 do corrente, nas suas excelentes instalações. Este curso é ministrado pela professora inglesa Alice Stopezynski, formada pela London School of Contemporary Dance e actual professora na Rambert School of Ballet e na London of Contemporary Dance.

A frequência do curso, que funcionará em duas fases (de manhã e à tarde), é aberta a pes-

soas de ambos os sexos (sócios e não sócios do G.C.P.), com conhecimentos básicos de dança, devendo fazer as inscrições para as poucas vagas existentes, na sede do Ginásio Clube Português, onde também se prestam informações através do telefone 65 60 45.

Xadrez cresce

Fernando Ribeiro, ainda o sub-campeão nacional de junenvis, este ano transferido do Raiz de Viseu, é o novo campeão de juniores da Guarda. Com seis vitórias em seis jogos, ficou a ponto e meio do campeão da época passada, António Agra, seguindo-se, a meio ponto, José Abrantes e Jorge Mendes. Representam, respectivamente, o GX Guarda, NDC Gouveia, «Os Viriados» de Arrifana de Seia e FGD Loriga. Participaram 20 concorrentes, alguns ainda junenvis, tendo sido melhor, 6.º classificado com 3,5 pontos, Jorge Fernandes. Esta rara simultaneidade é possível quando os campeonatos não sejam coincidentes, porquanto a regulamentação do xadrez nacional não prevê a exclusividade dos escalões etários e, assim, um jovem (menos de 16 anos) pode disputar campeonatos de juniores e seniores.

Festival RTP da Canção-83 já mexe

Champanhe em 5 de Março numa sala da capital

Ai está no papel o Festival RTP da Canção-83.

Em 5 de Março, à noite, os portugueses saberão qual a canção que representará Portugal no Festival da Eurovisão da Canção, a realizar no dia 23 de Abril, em Munique (RFA), sob os auspícios da União Europeia de Radiodifusão.

O prazo limite para entrega dos originais na RTP é o dia 14 de Janeiro, iniciando o júri de selecção, três dias depois, a espinhosa e demorada tarefa de apreciar as canções concorrentes, por forma a escolher as doze que participarão na luta pelo ceptro (cem contos, uma viagem a Munique e milhares de discos à venda), nas mãos do heterogéneo júri nacional.

As doze canções apuradas pelo júri de selecção serão conhecidas publicamente em 24 de Janeiro, dia em que os autores e compositores dessas canções garantirão um prémio total de presença de vinte contos. Até 29 de Janeiro a RTP reunirá com compositores e autores, marcando depois os ensaios musicais e para a Televisão. O autor da melhor orquestração embolsará 25 contos, sendo a votação, secreta, feita pelos componentes da orquestra.

O Festival RTP da Canção-83 será transmitido pela RTP e, eventualmente, pela Rádio, a partir de uma sala de espectáculos que ainda não foi escolhida mas que tudo indica venha a ser em Lisboa — como sempre aconteceu desde que este festival assim se chama.

O regulamento do festival determina que os intérpretes da canção vencedora se obrigam a não se comprometer com quais-

quer contratos entre 5 de Março e 25 de Abril sem autorização prévia da RTP, visto poderem ter de participar na realização de um filme sobre a canção para a Eurovisão e estarem presentes, sempre que necessário, para a preparação da actuação em Munique.

Apenas 3 minutos para cada canção

Ao Festival RTP da Canção de 1983 poderão concorrer todos os compositores e autores de nacionalidade portuguesa, com a exclusão dos elementos dos júris, dentro de um conjunto de normas que a maioria dos pretendentes já conhece.

As canções (música e letra) a apresentar a concurso — isto para referirmos uma das normas mais importantes — deverão ser inéditas (o que toda a gente já sabe) e não ultrapassar a duração de três minutos (o que nem

todos saberão). De contrário, serão imediatamente afastadas da selecção.

As canções que forem apuradas (doze) pelo júri de selecção não poderão ser divulgadas sob a forma de partitura, fita magnética, discos comerciais, cassetes ou banda sonora de filmes antes das datas fixadas pelo regulamento do Festival da Eurovisão da Canção. Isto é: até 5 de Março, todas as canções; até 19 de Março, a canção vencedora do Festival RTP da Canção-83.

Repete-se que a duração de execução de cada uma das canções não poderá ultrapassar os três minutos e que os originais deverão ser entregues na RTP (Departamento de Relações Exteriores, na Av. 5 de Outubro n.º 197 — 1094 Lisboa) entre as 10 e as 12.30 e as 14.30 e as 17.30 de todos os dias úteis, até ao dia 14 de Janeiro. Os concorrentes que enviarem os originais pelos CTT deverão fazê-lo sob registo e com a data de carimbo da estação de depósito até 13 de Janeiro de 1983. A entrega de um original para concurso significa a imediata e automática vinculação dos respectivos autores e seus intérpretes ao regulamento da RTP para o efeito.

Obrigações a cumprir pelos concorrentes

Cada original concorrente terá de incluir, obrigatoriamente,

cinco exemplares dactilografados da letra, podendo ser utilizadas cópias físicas ou fotocópias, referindo no canto superior direito o(s) nome(s) do(s) autor(es), morada e, se possível, número de telefone. Caso o(s) autor(es) for conhecido por nome artístico, deverá indicá-lo no seguimento daquele que consta do seu Bilhete de Identidade.

Cada original deverá ser ainda acompanhado de uma gravação sonora da composição em cassette ou bobina convencional de fita magnética. Sendo cassette, deverá ser gravada no lado «A» e incluir apenas um só original concorrente que refira o(s) respectivo(s) autor(es) e o título da canção. No caso de ser bobina convencional terá de ser gravada na velocidade de 19 centímetros (7,5 polegadas) em pista inteira e num só sentido, contendo cada núcleo, exclusivamente, a gravação de um só original.

Em qualquer dos casos, a composição, que não poderá exceder os três minutos, terá de ser cantada por uma ou mais vozes (até ao limite de seis). O acompanhamento musical, obrigatório, é deixado ao critério dos concorrentes.

O júri de selecção, vector de que pouco se falou, será constituído por cinco elementos, todos eles nomeados pela RTP. Serão doze as canções seleccionadas.

“Uma aventura” para jovens dos nove aos treze anos

Sob o título genérico de «Uma Aventura», duas professoras de História e Português de uma escola preparatória de Lisboa decidiram produzir uma série de pequenos romances destinados a leitores dos 9 aos 13 anos. «Uma Aventura nas Férias de Natal» e «Uma Aventura na Cidade» foram agora lançados pela Editorial Caminho, prevendo-se para breve o aparecimento de «Uma Aventura na Falésia».

Proporcionar um estímulo ao exercício da leitura e ao conhecimento do país que é Portugal, é a preocupação fundamental das duas professoras-autoras, Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães.

— Nós escrevemos a pensar nos nossos alunos — diz-nos Isabel Alçada. Sentimos a necessidade de os estimular, para além da leitura que fazem nas aulas. E o estímulo que lhe podemos dar é justamente a leitura desses pequenos romances de aventuras rápidas, não complicadas, «vividas» por gente da idade deles. E, sobretudo, com princípio, meio e fim. Nós professores, temos por vezes a tentação de deixar à imaginação dos alunos o «fim» de uma história. Eles podem inventar inúmeros «fins» porque imaginação não lhes falta, mas gostam sempre de primeiro saber qual o fim que o autor escolheu.

Esta «aventura» de conceber e escrever aventuras para jovens dos 9 aos 13 anos começou quando as duas professoras de História e Português decidiram criar os seus próprios textos para tratamento de certos aspectos do programa escolar.

— Nós temos nas aulas textos de autores portugueses — prossegue Isabel Alçada. Mas nem sempre encontramos nesses textos o apoio específico requerido por certos aspectos do programa. Então começámos as duas, em conjunto, a escrever pequenos contos com essa finalidade. Os nossos alunos gostaram tanto que nos pediam para ler mais contos do mesmo autor, que nem sabiam quem era. Mais tarde acabámos por lhes dizer, claro. Os romances que agora estão a ser publicados são também escritos em conjunto: uma diz uma coisa, a outra diz outra e assim o texto vai «saindo». Divertimo-nos muito a escrevê-los. Os temas são diferentes

dos tais contos que anteriormente escreviamos, mas os conteúdos e as nossas convicções são as mesmas.

Para além de estimular o gosto pela leitura fora da escola, que, em princípio, deverá levar os jovens — esperam as professoras — a interessar-se pela leitura do jornal, do romance de adulto, do ensaio, etc., quais os valores que as autoras transmitem através destes pequenos romances cujo texto é, em noventa por cento, escrito em discurso directo?

— Nós tivemos a preocupação de ir ao encontro dos termos e das expressões em que os jovens desta idade se exprimem. O discurso directo torna a acção extremamente viva e permite que os leitores se projectem mais facilmente no texto. Consideramos muito importante que eles vivam a história «por dentro» de modo a que, quando começam a ler um livro, não o deixem mais até ao fim. Quanto aos valores foi nossa intenção transmitir a realidade portuguesa sem os agredir, mas também não escamotear quando ela é agressiva. Assim, por exemplo, aparece uma personagem, o Chico, que é filho de um desempregado (situação que infelizmente não vai sendo invulgar). Ele é muito agressivo. Depois de viverem uma aventura com ele, os outros protagonistas da história vêem que ele só é agressivo às vezes e que mesmo essa agressividade se deve ao ambiente hostil criado pelo desemprego do pai. Neste caso insere-se uma outra preocupação nossa. Os jovens deste grupo etário têm geralmente a tendência para encarar uma pessoa por uma faceta mais evidente da sua personalidade. Nós pretendemos chamar-lhes a atenção para esta realidade: a personalidade de uma pessoa é complexa e não pode definir-se por uma única faceta. Ainda quanto ao país, as aventuras serão todas localizadas em Portugal.

Eventualmente poderá aparecer uma ou outra situada fora do país mas mesmo nesses casos este surgirá como ponto de referência. Pensamos que os jovens devem habituar-se a conhecer e a interessar-se pela sua terra e a encarar não só as gentes mas também a paisagem e o património como factores fundamentais desse conhecimento — concluiu Isabel Alçada.

Prémios de 40 e 30 contos

Fotógrafos vão ajudar o património animal

A Direcção de Serviços de Fomento e Melhoramento Animal promoverá entre 1 de Janeiro e 31 de Março do ano que vem um concurso fotográfico com o objectivo de dar a conhecer e preservar o património animal nacional. Em causa estará a defesa das espécies que constituem a pecuária portuguesa.

Os prémios a atribuir aos melhores trabalhos fotográficos para as categorias profissional e amadora são de quarenta e trinta contos, respectivamente, para os primeiros lugares, 30 e 25 para os segundos e 25 e 20 para os terceiros. Ao júri fica reservado o direito de não atribuir qualquer prémio se a qualidade dos trabalhos o justificar. Mas haverá um prémio comum, sem qualquer distinção entre concorrentes profissionais e amadores: o da originalidade, no valor de trinta contos.

Os trabalhos concorrentes aos prémios em questão deverão ser remetidos para a

Direcção-Geral da Pecuária, na Rua Victor Cordon, n.º 4, 1200 Lisboa, entre 1 de Janeiro e 31 de Março de 1983, com a indicação «Concurso de Fotografia». Os prémios deverão ser atribuídos até 25 de Abril do mesmo ano.

Os trabalhos a enviar deverão ser directos, a preto e branco ou a cores, e subordinados ao tema animal. Concretamente, deverão conter como elemento principal, pelo menos, uma espécie de uma destas raças: bovina — minhota, barrosa, mirandesa, maronesa, arouquesa, marinhoa, brava, alentejana, mertolenga e frísia portuguesa; canina — Castro Laboreiro, Serra de Aires, Perdigão Português, Rafeiro do Alentejo, Cão d'Água, Serra da Estrela e Podengo; espécie ovina — Merino (branco, preto ou Beira Baixa), Bordaleiro (saloia ou campaniça) e churro (galega, mondegueiro-Serra da Estrela, churro do campo e algarvio); e caprina: serrana, chamequeira e algarvia.

Amanhã, em Almada, “A Menina, o Gato e o Robot”

Grupo de Campolide estreia peça infantil

O Grupo de Campolide estreia amanhã, às 16 horas, no teatro da Academia Almadense, uma peça infantil escrita por Joaquim Benite, chamada «A Menina, o Gato e o Robot». A envenação é da responsabilidade do autor e de José Peixoto.

«A Menina, o Gato e o Robot» é a quinta peça infantil que o Grupo de Campolide produz desde que se instalou em Almada. A sua realização concretiza-se na altura em que se agudizam os problemas financeiros da companhia por lhe ter sido reduzido o subsídio.

O subsídio foi reduzido por decisão da Secretaria de Estado da Cultura e essa medida teve reflexos imediatos na actividade da companhia. As peças em preparação foram atrasadas e o grupo procura ultrapassar as dificuldades financeiras através de reposições.

As dificuldades com o subsídio governamental surgiram depois de a companhia ter sido convidada, com sete outras, a celebrar um contrato de criação teatral por três anos. O Grupo de Campolide fez um plano de trabalho e uma proposta de orçamento.

A SEC, segundo explica José

Martins — actor e encenador da companhia —, acabou por conceder apenas metade daquilo que tinha sido pedido. Ou seja, 4500 contos por ano, quando sem contrato o Grupo já tinha 3910.

As peças agora em reposição são duas: «A Excepção e a Regra» de Bertolt Brecht, e «Tempos Difíceis», de Romeu Correia.

Os planos do Grupo de Campolide incluíam a estreia quase simultânea de dois espectáculos, um já no mês corrente e o outro em Janeiro: «Anastas ou a Origem da Constituição», de Juan Benet, e «Pão de Mel, Lda.» um

novo original de Virgílio Martinho. Esses projectos seriam completados com a peça infantil a estrear amanhã e uma montagem de textos de Rúsante, com encenação de José Peixoto, «Vorça de Vida».

«A Menina, o Gato e o Robot» conta com o trabalho de António Assunção, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, José Peixoto, Teresa Gafeira e Luísa Ortigosa. Os cenários e figurinos são de Rui Alves.

Após a estreia, amanhã, o Grupo de Campolide repete o espectáculo às 18 horas.

Novos corpos directivos da Sociedade Portuguesa de Autores

Na Assembleia Geral do dia 17 de Dezembro foram eleitos os novos corpos gerentes da Sociedade Portuguesa de Autores para o triénio 1983/85.

O próximo Conselho Director será integrado por Luiz Francisco Rebello, em representação

do teatro dramático, Luís Filipe Pires (música erudita), Rogério Bracinha (teatro musicado), Paco Bandeira (música ligeira), Romeu Correia (literatura), Artur Ramos (cinema e televisão), Maria Estrela Serrano (rádio e publicidade), e António Lagoa Henriques (artes plásticas, sec-

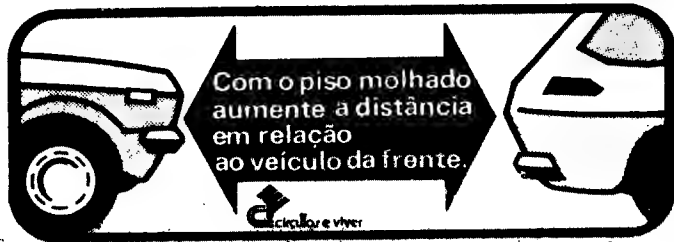
tor representado no Conselho pela primeira vez).

Para o Conselho Fiscal foram eleitos Carlos Manuel Nóbrega e Sousa, Hernâni Correia e José Rodrigues Canedo, e para a Assembleia Geral João de Freitas Branco como presidente, Armando Mendes de Carvalho e Lopes Victor.

A assembleia reconduziu Luiz Francisco Rebello na presidência do Conselho Director, de que Luís Filipe Pires continua a ser o vice-presidente.

O actual elenco directivo, que se apresentou ao eleitorado com um programa de acção que tem os seus reflexos imediatos no Plano de actividades para o exercício de 1983, reúne alguns

membros da direcção cessante e novos elementos, assegurando assim por um lado a estabilidade do executivo e por outro a necessidade da sua renovação, como foi sublinhado por Luiz Francisco Rebello nas palavras que proferiu a encerrar a assembleia. Nessa intervenção, apelou para a participação da massa associativa e o reforço da sua união, condições indispensáveis para a realização dos objectivos sociais, entre os quais considerou prioritária a defesa legal do direito de autor, traduzida na luta pela consagração, no respectivo diploma em preparação, das soluções mais justas e adequadas ao seu efectivo reconhecimento.



Uma nova "Bohème" na Ópera Cômica de Berlim

Para um espectador tradicional, educado no culto das grandes vozes, o dueto do primeiro acto de Mimi (Zora Jehliokova) e Rudolfo (Peter Straka), da nova **Bohème** da Ópera Cômica de Berlim teria começado por situá-lo — a ele, espectador — abaixo do grau de emoção que desejaria experimentar e teria acabado em decepção quando o uníssono no dó sobreagudo se dissolvesse num falsete de tenor e num quase balbúcio do soprano; aliás rapidamente abreviados (isto é, bastante aquém da duração habitual).

A insegurança do tenor, revelada posteriormente aqui e além, associada a uma certa falta de maleabilidade expressiva e à dureza do timbre completaria uma primeira impressão de falhanço. Um «habitué» refinado no modelo de pós-guerra do nosso S. Carlos, onde as grandes vozes eram tudo e cantavam sempre na

língua original, acharia, enfim, insuportável ouvir «aquilo» em alemão. Com a mudança para o segundo acto — questão de segundos — graças aos meios e à imaginação dos técnicos de cena — o nosso hipotético espectador tradicional seria, porém, imediatamente ganho pelo acerto, a sonoridade, a afinação, a expressividade, o jogo cénico, a eficácia músico-teatral dos coros, nestes se incluindo o de crianças e rapazes que faz parte integrante da Ópera Cômica de Berlim. Nesse contexto de perfeição colectiva, descobriria a uma nova luz os cantores-solistas, a força com que cada um se exprime vocal-cenicamente como consequência da ligação ao todo. A partir daqui, fosse ele o mais empedernido adepto dos «bons velhos tempos» do Teatro de S. Carlos, haveria de sentir-se irremediavelmente abalado nas suas convicções. Pudessem a «Komische

Oper» fazer uma série de espectáculos em Lisboa!

É precisamente em óperas como a **Bohème**, tão banalizadas, com uma dramaturgia esgotada por mil pequenas variantes, sem lugar para os grandes volte-faces ensaiados noutros casos, é precisamente aqui, ou seja, numa ópera típica do repertório italiano de rotina, pensado em função das grandes exibições vocais, que a opção por tal ou tal concepção de teatro musical ganha maior conteúdo polémico.

Seja como for, e ainda que uns tantos aspectos desta nova produção de Harry Kupfer e de alguns dos seus intérpretes possam acusar algumas debilidades, há momentos paradigmáticos onde a intensidade da representação excede todas as bitolas previsíveis: um desses momentos é a cena de Museta no segundo acto, em que Magda Nador, já mencionada nestas colunas a

propósito da Constança de «O Rapto no Serralho» dá largas ao seu talento, à sua versatilidade e ao seu profissionalismo de atriz-cantora da mais elevada categoria.

Mário Vieira de Carvalho

FICHA ARTÍSTICA: Direcção musical: Rolf Reuter; Encenação: Harry Kupfer; Cenografia: Reinhart Zimmermann; Figurinos: Eleonore Kleiber; Dramaturgia: Eberhard Schmidt; Direcção coral: Cerhart Wüstner; Direcção da assistência musical: Winfried Müller.

DISTRIBUIÇÃO: Mimi — Zora Jehliokova; Museta — Magda Nador; Rudolfo — Peter Straka; Marcelo — Berthold Possemeyer; Schaunard — Wolfgang Helmich; Colline — Hans-Martin Nau; Parpignol — Klaus Peter Block; Benoit — Werner Enders; Sargento da guarda — Siegfried Löhrwitz; Um guarda — Friedel-Wilhelm Euler.



A cantora que fez esperar o "Met"

Teresa Stich-Randall faz hoje 55 anos

«A maior descoberta do século!», foi a frase célebre do não menos famoso maestro Arturo Toscanini referindo-se a Teresa Stich-Randall.

Esta cantora faz hoje 55 anos e a sua carreira fulgurante, os elogios das maiores personalidades do meio musical do nosso tempo e o incontestável facto de ser uma das grandes intérpretes deste século, justificam plenamente um artigo de efeméride como este pretende ser.

Nascida a 24 de Dezembro de 1927 na pequena cidade de New Hartford no Connecticut (Estados Unidos da América), Teresa Stich-Randall começa a estudar piano aos 3 anos e logo aos 5 canta em público pela primeira vez. Não só isto, mas o facto de ter sido a primeira aluna com dez anos a inscrever-se na Hartford School of Music e, mais tarde, também o ter sido a primeira aluna com quinze anos a ser admitida no New York's Columbia University of Music, parecia provar as espantosas potencialidades musicais com que esta artista nascera.

Foi preciso porém que Arturo Toscanini ouvisse a transmissão radiofónica de um concerto em que Stich-Randall tomou parte (cantando a ária do primeiro acto de **La Traviata**: «Ah, fors'è lui (...) Sempre libera» para que o salto para a fama se efectuasse. O entusiasmo do célebre maestro foi tal que a convidou imediatamente para desempenhar o papel de Sacerdotiza na sua

gravação da **Aida** em 1949. Um ano mais tarde volta a convidá-la para a gravação do **Falstaff** (em que interpretou a Nanetta). Tendo sido então considerada pelo regente como «a maior descoberta do século», obtém de imediato um convite para actuar no Metropolitan Opera House e, simultaneamente, uma bolsa de estudo Fulbright para estudar na Europa.

O Metropolitan era então, juntamente com o Alla Scala de Milão, o maior e mais importante teatro do mundo e lógico seria a uma cantora em princípio de carreira ficar ofuscada com esta oferta e com tal honra. Teresa Stich-Randall porém, a conselho de Toscanini, veio para a Europa. «O Met pode esperar!» foi a sugestão (ou a ordem) do maestro italiano. Tal decisão iria levá-la a uma das mais gloriosas carreiras alguma vez obtidas por uma cantora e iria definitivamente consagrá-la como uma das maiores intérpretes do

mundo das obras de Mozart e Richard Strauss.

A conquista da Europa

A sua entrada na Europa foi triunfal pois logo em 1951 ganhou o 1.º Prémio do Concurso Internacional de Canto de Lausanne (contra 75 concorrentes) e um pouco mais tarde o Concurso de Canto de Genebra (desta vez contra 33 candidatos).

Os primeiros contratos são para actuar na Ópera de Basileia e no Festival de Florença (onde cantou uma récita ao ar livre do **Oberon** de Weber cuja encenação a obrigava a atravessar a nado o lago dos jardins Boboli, pois fazia o papel de Sereia).

No ano seguinte começa a sua colaboração com o Festival de Salzburgo (que se iria alargar aos mais importantes festivais da Europa) e com o Maggio Musicale Fiorentino — com a Amelaide do **Tancredi** de Rossini. Salzburgo tornar-se-ia a casa de uma outra grande intérprete de Mozart e Strauss do nosso século: Elisabeth Schwarzkopf. Ainda em 1952 Teresa Stich-Randall estreia-se na Ópera de Viena — de que iria ser por alguns anos a rainha incontestável — como Violetta em **La Traviata**, récita que ficaram famosas. Neste teatro, além da Sophie em **Der Rosen Kavalier** e Titania

em **A Midsummer Night's Dream**, ficaram históricas as suas interpretações do repertório italiano (como a Gilda do **Rigoletto**) e francês (a Micaela da **Carmen**). O seu disco comercial de árias italianas atesta e regista para sempre o seu modo peculiar de cantar este tipo de repertório, que progressivamente viria a abandonar para se tornar quase em exclusivo uma cantora de Mozart e Strauss.

Foi como intérprete destes dois compositores que conseguiu tornar-se a cantora incontestável do Festival de Aix-en-Provence, onde era muito justamente idolatrada. A sua Condessa de **As Bodas de Figaro** foi aí ouvida, por exemplo, em 1953, 1955, 1957, 1960, 1964 e 1968 — recorde nunca batido. Cantou ali também inúmeros **Così fan Tutte** (a Fiordiligi) e também o **Don Giovanni** (a sua é a mais deslumbrante e dramaticamente correcta Donna Anna que conhecemos).

Além destes três papéis moztartianos (a que poderíamos juntar a Ilia em **Idomeneo**), tornou-se a mais famosa intérprete da Ariadne da ópera **Ariadne auf Naxos** e da Daphne, ambas de Strauss. A sua técnica peculiar («considero perfeita técnica de canto a emissão da voz com o máximo da afinação possível e com o mínimo de vibrato possí-

vel») — palavras suas) fadaram-na para ser a voz deste tipo de papéis e assim viajou com eles por Milão, Roma, Nápoles, Florença, Paris, Barcelona, Copenhaga, Bordeaux, etc., etc. O seu repertório extensíssimo e a sua facilidade incrível de aprendizagem levaram-na a cantar óperas que raramente subiam à cena (como é o caso de **Ali Baba** que fez no Scala em 1963 com Alfredo Kraus) e a sua facilidade vocal permitia-lhe entrar num repertório mais dramático — como foi o caso da **Norma** de Bellini e da **Salomé** de Strauss.

A sua ascensão na Europa foi vertiginosa e quando regressou em 1955 aos Estados Unidos da América era já uma das maiores «divas» do mundo.

«O Regresso às Origens»

Logo após os seus triunfais sucessos na Europa, Teresa Stich-Randall voltou à América e estreia-se na Chicago Lyric Opera a 12 de Novembro de 1955 no papel de Gilda num **Rigoletto** que ficou histórico e que ainda hoje é apontado como uma das «récitas de ouro» daquele Teatro. Os seus colegas eram Tito Gobbi e Jussi Bjöerling. Dias depois canta ainda o **Amore em Il Ballodelle Ingrate** de Monteverdi. Foi ainda na Lyric Opera que em Dezembro de 1961, se

deu o confronto entre ela e a outra grande moztartiana do nosso tempo, quando cantou a Donna Anna num **Don Giovanni** cuja Donna Elvira era Elisabeth Schwarzkopf, tendo ainda como intérpretes Eberhard Waechter, Léopold Simoneau e Walter Berry. Voltaria ali com a Donna Anna em 1964, desta vez com Nicolai Ghiaurov, Alfredo Kraus e Erich Kunz.

A meta americana seria o Met, mas antes de aí se estreiar cantou **As Bodas de Figaro** na Mexico City Opera. Em 1961 deu-se a tão esperada estreia com a Fiordiligi do **Così Fan Tutte** e a reacção do público foi apoteótica, pois soube compreender que estava a prestar homenagem a uma das maiores cantoras de sempre e à primeira cantora americana de sempre a ser honrada com o título de **Kammersängerin** pelo governo austríaco. Ainda no Metropolitan fez, em 1964, a sua primeira Maria no **Wozzeck** de Alban Berg.

Teresa Stich-Randall em Lisboa

Esta cantora apresentou-se inúmeras vezes em Lisboa no Teatro de São Carlos e, facto significativo, quase só em papéis de Mozart e Richard Strauss. A sua Fiordiligi foi ouvida em 1958 (a sua estreia no nosso país), 1964 e 1973; a Donna Anna em 1960 (uma récita com Eberhard Waechter, Waldemar Kment, Montserrat Caballé e Erich Kunz) e a Condessa em 1959 e 1970. Cantou a **Ariadne auf Naxos** em 1961 e 1970. Outros compositores cantou a Euridice para o Orfeu (de Gluck) de Rita Gorr e, integradas no XIII Festival Gulbenkian de Música, récita da **Alcina** de Haendel.

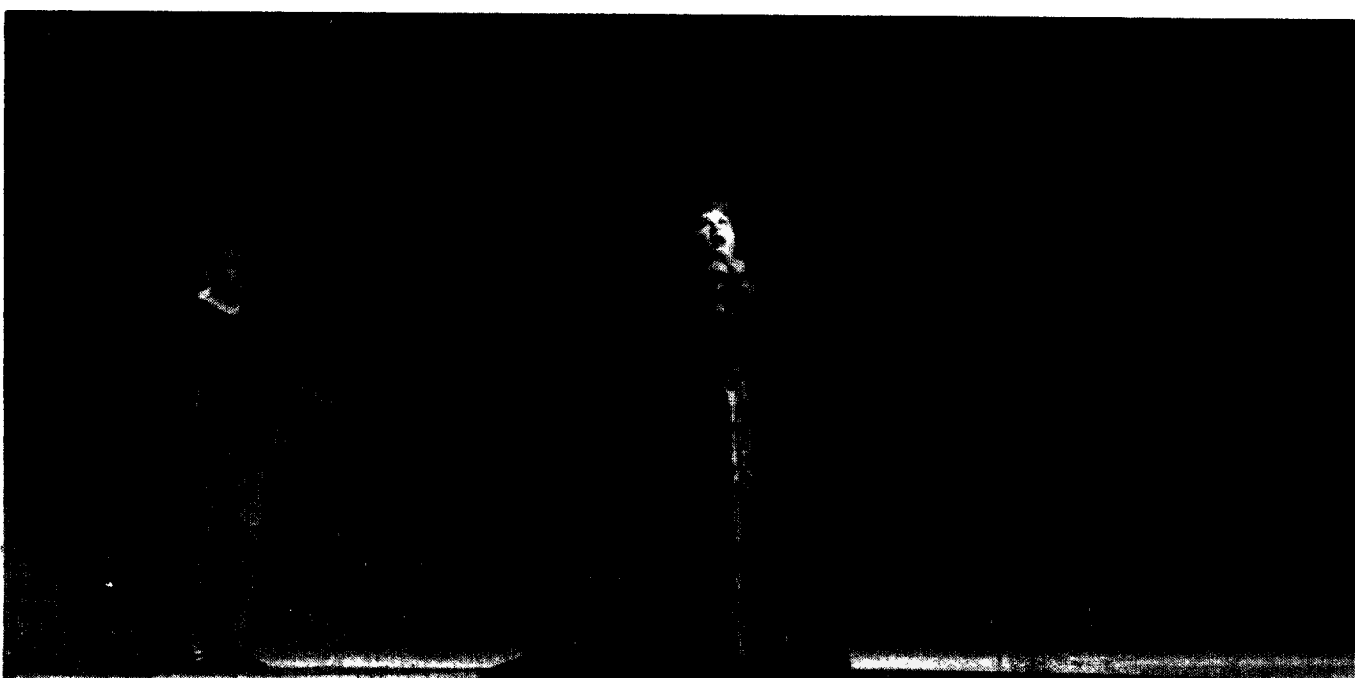
A última vez que se apresentou no Teatro de São Carlos foi a 2 e 4 de Fevereiro de 1973, num recital com orquestra em que interpretou árias de óperas de Verdi, Bellini e Donizetti, canções de Ravel, as 4 Últimas Canções de Strauss e a cena final da ópera **Salomé**.

Este foi outro dos aspectos da sua carreira — o de concertista, especialmente debruçada na arte do «lied» (de que tem um disco gravado).

Teresa Stich-Randall foi ainda uma soberba intérprete de oratória barroca, tendo gravadas comercialmente algumas delas.



Teresa Stich-Randall



Teresa Stich-Randall e Waldemar Kmentt em «Don Giovanni», Teatro de São Carlos, 1960

Manuel Jorge Correia

Desenhos M. Blanc-Dumont

Texto Laurence Harle

O CORONEL PARTIU! VAI SEGUIR EM BOA COMPANHIA, SE TE DESPACHARES!!!

BLAZES! ISTO É QUE É SORTE!

CORONEL! UM MOMENTO, SE FAZ FAVOR!

FINALMENTE ESTOU AQUI, CORONEL. APRESENTO-ME: JONATHAN CARLAND. ESPERO QUE AINDA NÃO SE TENHA PASSADO NADA COM OS OGLALAS. VIM LOGO QUE RECEBI A SUA MENSAGEM.

DIGA-ME, SENHOR... CARLAND, POSSO VER A MENSAGEM?

QUE?

INFELIZMENTE DESAPARECEU NO INCÊNDIO DO IOWA, CORONEL.

NÃO FAZ MAL, DE QUAL QUER MODO, ERA FALSA!

O SEU AMIGO, O MESTIÇO, PARTIU PARA LARAMEIE HÁ QUATRO MESES. OS OGLALAS ESTÃO TRANQUÍLOS, E NUNCA ENVIEI QUALQUER MENSAGEM PARA SAINT-LOUIS. ENGANARAM-NO.

MAS, ENFIM...

OBRIGADO, CORONEL; ANDA, JON.

É UMA HISTÓRIA DE DOIDOS, E NÃO PERCEBO NADA, NELSON! O QUE É QUE VIM FAZER PARA AQUI?

TEM CALMA, JONATHAN.

«Beatles» e Elvis Presley por 170 mil dólares



Objectos pertencentes aos Beatles e a outros cantores e conjuntos da chamada música «pop» dos anos de 1955 a 1975, foram ontem leiloados em Londres, alcançando um valor global de 170 mil dólares.

Um negociante japonês pagou mais de 20 mil dólares por um disco de ouro dos Beatles, o conhecido «Sargent Pepper's», confessando, no entanto, que não gosta deste tipo de música.

Kosaku Koishihara disse que este disco e outros objectos que comprou no leilão, valorizados em 60 mil dólares, serão utilizados para atrair clientes aos seus grandes armazéns, no Japão.

O leilão foi o segundo deste tipo efectuado na galeria Sothesby's, dedicada exclusivamente a recordações da época inicial do «Pop».

Um livro dos anos de liceu de Elvis Presley, assinado por ele em 1953, foi vendido por quase 700 dólares.

Cerca de quinhentas pessoas — a maior parte das quais eram quarentões, mas onde se encontravam também alguns «velhos» jovens apresentando-se à moda dos anos 60, e uma ínfima minoria de «verdadeiros» jovens — acotovelavam-se nos salões do célebre comerciante de arte para participarem, de catálogo na mão, nessa estranha cerimónia da recordação, que durou mais de três horas.

Venderam-se cerca de 300 artigos, entre fatos utilizados em palco, fotografias, revistas amareladas pelo tempo, cartas de admiradoras apaixonadas e outros variados objectos de «culto», muitas vezes irrisórios.

continua

Evite o encandeamento.
Vele pela sua segurança
e pela dos outros.

circular e viver.

Com o piso molhado
aumente a distância
em relação
ao veículo da frente.

2 RODAS
2 vezes
mais atenção!

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Ai Gonçalo, Gonçalo!

A noite vai terminar com a nota final do repugnante plebeuque em travesti no programa de Artur Agostinho e com algumas malhas no conjunto da engrenagem anti-soviética em que se transformaram os serviços «noticiosos» da RTP.

Mas antes disso? Antes tivemos a primeira longuíssima parte do romance «Sem Família», em nova adaptação. Trata-se de um romance que, há cem anos, se tem tornado responsável pelo caudal de lágrimas que mantém o nível do Oceano Atlântico.

Já vimos o romance noutras versões. Esta, possivelmente, não será a última. Só que as outras vinham no horário das crianças e agora se mete pelo horário dos adultos — com, por parte da locutora, um apelo aos pais para que deixem os inocentes filhinhos estar de pé para assistir.

Deixam, não se apoquentem. Se a miudagem, em Portugal, vê tudo (até o Dallas, até os filmes de terror...) não se compreende por que evitariam esta água-de-colónia para bebés de chupeta e biberão. Mas lá que a RTP faz mal, por princípio, em convidar as crianças para um território que lhes não pertence, isso faz. No fundo, trata-se de uma confissão da RTP de que não dá às crianças material bastante e de boa qualidade, no tempo para elas. Se é que elas possuem

algum espaço próprio na televisão...

A ficção tem o diabólico poder de se sobrepor à realidade e de lhe usurpar direitos. As pessoas continuarão certamente a chorar com as agruras do menino estoliz. Não choraram, porém, estou certo, com as imagens terríveis que o **Telejornal** lhes trouxe; imagens de miséria e de solidão nas ruas de Paris e de Londres. Imagens do terrorismo da crueldade com que, no «mundo livre» se condenam milhões de pessoas, sem abrigo e sem trabalho.

Aliás, o **Telejornal** não mobiliza para a revolta nem para a recusa. Mobiliza, sim, para a passividade. Trata-se, diz ele, «de vagabundos e desempregados, como acontece um pouco por todo o lado...»

As poucas imagens que ontem vimos seriam o bastante para condenar uma sociedade. Ora a RTP podia aprofundar a reportagem, podia dar-nos a cor local: ir por essa Lisboa fora, por esses bairros no fim da escala citadina, pelos desvãos de pontes e viadutos, pelo interior das casas miseráveis — e então concluiria que a lepra também existe por aí e até tem aumentado nos últimos meses.

Não está interessada nisso. Está, sim, em alinhar com a tática de acusar os países socialis-

tas de tudo quanto é mau. A moda, em pleno, é a implicação no atentado contra o Papa, e a RTP não recua diante de nenhuma calúnia, de nenhuma desinformação. Dá-se ao luxo fascista de repetir várias vezes as palavras de um antigo embaixador da Polónia no Japão, que, ao serem descobertas as suas relações com a CIA se recusou a voltar à Pátria e pediu asilo — pois claro! — aos Estados Unidos...

Mas porquê, perguntar-se-á, porquê esta ofensiva sem pés nem cabeça contra a União Soviética? A razão é simples: aquele país apresentou propostas de desarmamento tão claramente devotadas à defesa da paz que os Estados Unidos, na impossibilidade de uma recusa sem escândalo, jogaram fundo nesta campanha de diversão, a fim de tentar fazer esquecer aquelas propostas.

Quanto ao terrorismo e quanto aos seus verdadeiros responsáveis, ninguém ignora quem são. Nenhuma cortina de fumo poderá encobri-los. Nesse aspecto, embora em menor escala, já nós podemos, em Portugal, dizer alguma coisa, a tal respeito. Por sinal que, a propósito de vários seraficos nomes acusados de envolvimento no processo, o **Telejornal** não disse nem uma única palavra...

Que a RTP sabe falar e sabe

calar-se. Sabe de quem gosta e de quem não gosta. De quem gosta, fala; de quem não gosta bicaite. Fala por isso muitas vezes da CAP dos agrários, não fala nunca da CNA, confederação que autenticamente defende os agricultores.

Ontem, é certo, tivemos lá a CNA, na pessoa do seu director, António Mendes da Cruz, a protestar contra as medidas que prejudicam a agricultura e a apelar para a unidade dos agricultores. Isso aconteceu...no Tempo de Antena, mercê da cedência dos tempos de antena de vários organismos da classe. Eis, em si mesmo, um grande exemplo, de unidade!

O PPM também utilizou Tempo de Antena. Ribeiro Telles falou contra as greves; disse que ao contrário do que acontece no resto da Europa, o desemprego em Portugal tinha diminuído (enal); e que «não é possível mudar sem uma reformulação das mentalidades».

Percebo. Finalmente, percebo a razão por que, depois de 25 de Abril, a AD não conseguiu efectuar a sua mudança: é que as mentalidades dos portugueses se recusaram a ser reformuladas.

Pelos vistos, continuam a não querer. Somos uns teimosos, Gonçalo.

TV MARCELO

Repara hoje em sua casa até as 24 horas todas as marcas com garantia. Color a ainda outro aparelho enquanto repara o seu. Serviço permanente incl. sáb e domingos. Tel. 659118 - 659119 - 659110

Hoje



Uma cena da série «Sem Família»

- 16.42 Filme — «Festival Chaplin».
18.00 Tempo dos Mais Novos
18.30 Pedra a Pedra — Fortaleza de Ceuta (5.º programa)
19.00 O Tempo
19.05 Telejornal — notícias do País e do estrangeiro.
19.35 Mensagem de Natal de Sua Eminência o Cardeal Lisboa D. António Ribeiro
19.50 Direito de Antena — Sindicato dos Trabalhadores de Aviação e Aeroportos e Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria.
19.55 «Sem Família» — 2.º episódio.
21.35 Natal Português
22.50 Eurovisão — Missa do Galo, directamente de Roma, celebrada por Sua Santidade o Papa João Paulo II, na Basílica de São Pedro.

2 RTP

- 20.02 Desenhos Animados
20.20 Recital de Plácido Domingo e os Solistas de Veneza — um programa gravado na Sala Nervi do Vaticano com o famosíssimo tenor Plácido Domingo.
21.25 «Christmas Carol» — peça produzida pela BBC sobre o texto de Charles Dickens.



Na RTP-2 representa-se a peça com texto de Charles Dickens, intitulada «A Christmas Carol»

Amanhã

1 RTP

2 RTP

- 09.30: Tempo dos Mais Novos; 11.30: Missa de Natal — transmitida directamente da Sé Patriarcal; 12.45: Bênção «Urbi Et Orbi»; 13.20: Sumário; 13.30: Tempo dos Mais Novos; 14.30: Ela por Ele; 15.30: Festa é Festa; 18.50: «Galáctica»; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.30: «Sem Família» — 3.º episódio; 22.00: «Pygmalion».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP

«Sem Família»
— 2.º episódio.
19.55

2 RTP

«Christmas Carol»
(21.25)

...e sugere para hoje...

RTP - 1
22.50

Eurovisão — Missa do Galo, directamente de Roma, celebrada por S. Santidade o Papa João Paulo II, na Basílica de S. Pedro.

RTP - 2
21.15

«Christmas Carol» — peça produzida pela BBC sobre o texto de Charles Dickens

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

OCARINA

Artesanato

Brinquedos regionais e antigos. Peças de: Júlia Ramalho, Mistério; Rosalina Baraça, João Couto, Rosa Carriça

Trav. do Poço da Cidade, 40 (Bairro Alto)
Aberto das 10.00 às 24.00. Todos os dias no mês de Dezembro

REVÉILLON
PAVILHÃO DE
OS BELENENSES
COM OS
VAPORES DO REGO

luis cilia
último L.P.
cancioneiro



TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE
LISBOA
14.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO
2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozam de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais, bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se come-

çará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 8753, 1.ª secção. Exequentes CERTIFIED — PRODUTOS DE MANUFATURA INDUSTRIAL, LDA. Executado FÁBRICA DE PASTELARIA DE PARIS de ANTUNES & PRAZERES, LDA., com sede no Bairro do Cristelo, Seia.

Lisboa, 17 de Dezembro de 1982

O Juiz de Direito
(José António da Cruz)
O Escrivão Adjunto
João Gonçalves

ENSINE
O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Um jovem violento.
Uma jovem temperamental.
Uma união tragicamente marcada pelo vírus do ódio!



RISHI KAPOOR
NEETU SINGH
MOUSHUMI CHATTERJEE

COLOR
R. C. FILMES

DESTINO
FATAL

ZEHREELA INSAAN

realização de P. Kanagal

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

CINE CAMÕES

O SEU MELHOR FILME DE NATAL

APRESENTA

SEXTA, SÁBADO, DOMINGO E SEGUNDA

roteiro cultural

Teatro

«Oçam como eu respiro», primeira realização do Novo Grupo de Teatro e espectáculo de reabertura do Teatro Aberto, continua em cena, passando a ser apresentado aos sábados, às 21.30, e aos domingos às 16 horas, devido ao acelerar da actividade dos ensaios de «O Sui-cidário», de Nikolai Erdman, próximo espectáculo do grupo.

«Oçam como eu respiro», em cena há oito meses com grande êxito de público e de crítica, é uma encenação de João Lourenço com a actriz Irene Cruz num excelente trabalho.

«Os Bonifrates» reaparecem em Coimbra, no Teatro Sousa Bastos, com «Inferioritá, quatro histórias de um tiro», de Italo Svevo, nos dias 28, 29 e 30. A peça esteve em cena no mês passado, mas teve de interromper a sua carreira devido à deslocação do grupo a Macau, onde apresentou com grande êxito os Bonifrates de Santo Aleixo.

O Grupo de Campolide estreia amanhã o seu novo espec-

táculo para a infância «A Menina, o Gato e o Robot», uma história de Joaquim Benite cuja adaptação dramática foi realizada colectivamente pelos actores da companhia, tendo o texto sido fixado por Virgílio Martinho. A encenação é de Joaquim Benite e José Peixoto, sendo os cenários e figurinos de Rui Alves. Espectáculo amanhã e no domingo, às 16 e às 18 horas.

Cinema

Por iniciativa da revista «Cinema Novo», tem estado a decorrer no Porto, no Carlos Alberto, um ciclo de cinema musical americano. O ciclo prossegue hoje, com a exibição de «Vamo-nos Amar», de George Cukor; amanhã, com «Hello Dolly», de Gene Kelly, e no domingo, com «Cabaret», de Bob Fosse.

Bailado

Três pares de bailarinos do Teatro Bolchoi de Moscovo, todos solistas de alta qualidade



Irene Cruz em «Oçam como eu respiro»

artística, deslocam-se a Portugal para uma série de espectáculos (dias 26, 27 e 28 no Teatro de São Carlos, com uma colaboração da Associação Portuguesa-URSS; Funchal e Évora); Nina Ivanovna Sorokina e Valeri Stepanovich Lagunov; Marina Andreivna Nudga e Andrei Valentinovich Smirnov; Natalia Valentinovna Arkhipova e Leonid Nikonov.

Exposições

Na Cooperativa Árvore, do Porto, estão expostos trabalhos de Tosco, artista autodidacta viarenense, que iniciou a sua actividade criativa em cerâmica em 1978, continuando uma tradição riquíssima da arte popular portuguesa. Entretanto, continua aberta ao público na «Árvore» a III Exposição Colectiva «Pequeno Formato».

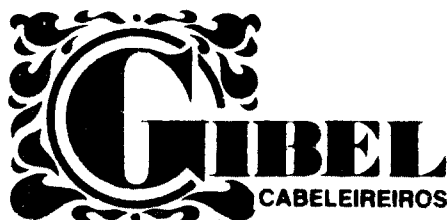
Alusivas ao Marquês de Pombal, estão patentes ao público, em Lisboa, duas importantes exposições: sobre Lisboa e o Marquês, no Museu da Cidade, ao Campo Grande, e outra bi-

bliográfica e iconográfica, na Biblioteca Nacional.

Guilherme Parente expõe pintura na galeria «De Natura» (R. da Rosa, 62-A). A mostra pode ser visitada diariamente, das 11 às 13 e das 14,30 às 19 horas.

A exposição «Documentação e Instrumentos Musicais» continua aberta ao público na Galeria Almada Negreiros, no edifício sede do Ministério da Cultura (Av. da República, 16), organizada pelo Departamento de Musicologia do Instituto Português do Património Cultural com valiosas peças ultimamente entradas na posse do Estado. Esta exposição, que encerrará no dia 31 do corrente mês, pode ser visitada todos os dias, excepto às segundas-feiras, até às 20 horas, incluindo sábados e domingos.

David de Almeida, consagrado com o Grande Prémio de Gravura na III Bienal de Vila Nova de Cerveira, expõe serigrafias, colagens e gravuras na Galeria 111, ao Campo Grande (dias úteis, das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13).



MAIS RÁPIDO

E

MAIS ECONÓMICO

(ABERTO DE 2 A 6, DAS 8 ÀS 20 HORAS)
SÁBADOS, DAS 8 ÀS 13 HORAS

CALÇADA DO SACRAMENTO, 38

LISBOA

GRATIFICAÇÃO ABOLIDA



COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	67840	73840
ALEMANHA FED. (marco)	36885	37895
AUSTRIA (selim)	5615	5835
BELGICA (franco)	18159	18409
BRASIL (cruzeiro)	1152	1405
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	71835	73835
(notas de 5 e 1000)	71885	73885
DINAMARCA (coroa)	10845	10885
ESPAÑA (peseta)	88445	90845
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	88485	90885
(notas de 5 e 1000)	88485	90885
FINLANDIA (marka)	18000	17820
FRANÇA (franco)	13800	13870
GRAN BRETAÑA (libra)	33830	34830
INGLATERRA (libra)	143810	147810
IRLANDA (libra)	122875	126875
ITALIA (lira)	3058	3068
JAPÃO (yen)	3334	3369
NORUEGA (coroa)	12855	13855
PAISES BAIXOS (florin)	12805	12865
SUECIA (franco)	43885	44885
SUIÇA (franco)	16875	17875

Observações

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Duplo J; 19.00: Música; 20.00: «Os Miseráveis», de Victor Hugo; 20.15: O espaço é seu; 20.30: Mensagem de Natal, pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro; 21.30: Viva a noite; 23.55: Transmissão da Sé Patriarcal de Lisboa, da Eucaristia de Pontifical da Meia-Noite, da solenidade do Natal do Senhor (Missa do Galo). Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.10: Solos de piano; 16.50: Momento de poesia; 17.00: As palavras dos músicos; 17.30: Intérpretes portugueses; 18.05: As cores e as formas; 18.30: Poemas sinfónicos; 19.15: Sonatas por instrumentos diversos; 20.10: Música sinfónica; 21.30: O violoncelista Pierre Fournier; 21.00: Intercâmbio musical; 23.00: Sinfonia n.º 5, em si bemol maior, de Schubert; 23.30: Música do século XX; 00.20: Música de piano; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Música para meditar; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.03: Programa da LAR; 19.30: Nota de abertura; 20.00: Mensagem de Natal do Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa; 20.15: Programa de Natal dedicado aos reclusos; 21.30: Diálogo e vida; 22.05: «Oratória de Natal», de Bach (1ª parte); 23.55: Meditando.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

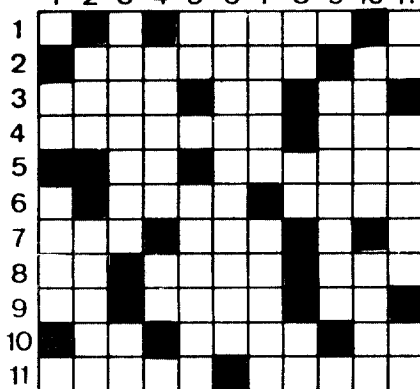
16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.03: Programa da LAR; 19.30: Nota de abertura; 20.00: Mensagem de Natal do Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa; 20.15: Programa de Natal dedicado aos reclusos; 21.30: Diálogo e vida; 22.05: «Oratória de Natal», de Bach (1ª parte); 23.55: Meditando.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



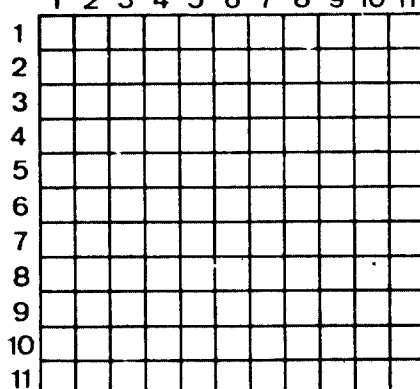
VERTICAIS

- Nome de letra. Divindade
- Medida de líquidos usada na Alemanha. Pecado
- Pacato. O mais
- Nascente de água. Concede
- Basta! Involucro de palha em que se envolvem os objectos frágeis para que se não partam durante o transporte (pl)
- Radiavam
- Compositor francês autor de «Uma Noite de Cleópatra». Mulheres
- Artigo definido. Nota musical. Livro de versos de António Nobre
- Impedis
- Peixe do Brasil de olhos muito pretos. Animação (fig.)
- Berilo (s.q.) Tigela. Pertences

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9470

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



VERTICAIS

- Cidade da Nigéria Britânica. Cabana que os esquimós constroem com blocos de neve ou de gelo
- Nesse lugar. Preposição. Preposição e artigo (pl)
- Nome de peixe. Apelido
- Criminosa. Tempo do verbo ir. Arsénio (s.q.)
- Exiladas
- Nome de mulher. Em partes iguais. Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos
- Antiga unidade monetária da Alemanha. Apelido
- Pessoa elegante. Pronome reflexivo
- Acariçara. Oceano
- Rádio (s.q.). Espécie de gato-bravo (pl). Em a
- Lavrem. Recolhes em silo

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13609

HORIZONTAIS:

- MAIS SE PER
- Únicas TIRA
- Rui. Cua
- Ta. Colais
- Oleas Ca
- Ir. Amor
- Arredam Am
- Iaco. Adi
- Cs. Quando
- Ota. Sus. Eos
- Mestre. Rã

VERTICAIS:

- Murtosa. COM
- Anual. Riste
- III. Eira. As
- Sc. Careca
- AMOR DO. Sr
- SS. Laca. QUE
- Cãs. Maus
- Tui. DA.
- Pias. Maine
- Er. COM. DOR
- Rançar. Rosa

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9469

HORIZONTAIS:

- Aa. Caro. Bue.
- Cr. Eras. Rim
- Has. Ssa. VA.
- Ebano. Arcas.
- Melada. SS
- Ri. EC
- Cró. Ador
- Fará. Pa
- Romarias
- Fugas. Ratas
- Ores. Somara

VERTICAIS:

- Achém. Afufo.
- Arabes. Ur.
- Sal. Cr. Ge
- Ce. Narraras
- AR. Odio. Os
- Ras. Aa
- Ossa. Aparo
- Arredaram
- Br. Co. Ita
- Uivas. Aar
- Emassa. Essa

Provérbio: MAIS SE TIRA COM AMOR DO QUE COM DOR

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

As 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Para Todos
Desenhos animados
O SEGREDO DE NIMH
Falado em português

SALA B

As 14.15, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 13 a.
O PRESENTE

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
ASTERIX E CLEOPATRA

3.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dims, 10-A

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
UMA AGENTE MUITO ESPECIAL

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA
Falado em português
3.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30
- Para Todos
ANNIE

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

As 21.30 - Int. men. 13 a.
O HOMEM DAS LENTES MORTAIS

As 24
A PRIMEIRA NOITE

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Estreia às 12.30, 14.30, 16.45 e 19
- Int. men. 18 a.
AS 1001 NOITES ERÓTICAS
Pornográfico - Hardcore
Não há as sessões das 21.30 e 24

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO

7.ª Semana
As 24
O TRITURADOR

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

As 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Filme indiano
DESTINO FATAL

c/ Rishi Kapoor, Neetu Singh
Um filme de P. Kanagal

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
É o maximo para as Festas de 82!
O AS DOS ASES
c/ Jean-Paul Belmondo
Colorado

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O BOMBARDEIRO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

As 15.30 e 18.30 - Int. men. 13 a.
Uma história de intenso interesse
A DIVA E OS GANGSTERS
c/ Frederic Andrei, Roland Bertin e Richard Bohringer

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Os malucos em:
A GRANDE BRONCA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a
ANNIE

LONDRES 801313

Av. de Roma 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
É o maximo para as Festas de 82!
O AS DOS ASES
c/ Jean-Paul Belmondo
Colorado

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37

As 14.15, 16.30, 19.15, e 24
- N. ac. men. 13 a.
AC/DC, ALTA TENSÃO

As 21.30
LAGOSTA AO PEQUENO ALMOÇO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15 e 18.15 - N. ac. men. 13 a.
TRON
c/ Jeff Bridges e Bruce Boxleitner
Um filme de Walt Disney
Som: Dolby Stereo
2.ª Semana
Amanhã às 14, 16, 18.15 e 21.30

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FACE DO PODER

2.ª Semana

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

As 15.15 e 18.15 - N. ac. men. 13 a.
Sempre prontos para um arranjal de pancadaria
Os 3 INDOMÁVEIS MALUCOS EM FÉRIAS

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O BOMBARDEIRO
c/ Bud Spencer
Colorado



A saude de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

As 14.30, 16.45, 19, 21.15

- Int. men. 13 a.
YOL

SALA 2

As 14.30, 16.45, 1 21.15

- Int. men. 13 a.
DIVA

SALA 3

As 15, 17, 19, 21.15 e 23.30

A SAUDE DE VERONICA VOSS
- N. ac. men. 18 a

SALA 4

As 14, 16.30, 19, 21.15 e 23.30

- N. ac. men. 18 a
NOITES ESCALDANTES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

As 15, 17, 19 e 21.30
- Para Todos
O MESTRE ESCOLA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos
AS NOVAS DIABRURAS DE HERBIE
c/ Cloris Leachman e John Vernon
Colorado

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 15.15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.
NA PISTA DA PANTERA
c/ Peter Sellers e David Niven

S. JORGE SALA 2

As 14.15, 16.30, 18.30 e 21.15

- Para Todos
O SEGREDO DE NIMH

S. JORGE SALA 3

- N. ac. men. 18 a.

As 14, 16.15, 19 e 21.15
POLTERGEIST, O FENÓMENO
8.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

- N. ac. men. 13 a.

As 14, 16.30, 19 e 21.30
ROMANCE EM NOVA IORQUE

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, a Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68

As 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.
NA PISTA DA PANTERA
Domingo às 11.15 - Para Todos
PANTERA E SEUS AMIGOS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

15.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
9.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
PAPUÇA E DENTUÇA
Technicolor
Falado em português
3.ª Semana

VOX 880838

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879

As 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos
O VARREDOR
c/ Mario Moreno (Cantinflas)

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
FURIA DE VENCER

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "E. T., o Extraterrestre", às 19.00 (6 anos)

ALFA-2 - "Os Salteadores da Arca Perdida", às 18.45 (13 anos)

ALFA-3 - "Papuça e Dentuça", às 19.30 (6 anos)

MUNDIAL - "E. T., o Extraterrestre", às 21.30

ROYAL - "Os Repetentes em Férias", às 21.30

PROMOTORA - "Barafunda no Oeste", às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - "O Varredor", às 21.30 (13 anos)

CAPITOLIO - "Esquecida e Gostosa", às 21.00 e 23.00 (18 anos)

OLIMPIA - "Uma Mulher para Todos", sessões permanentes (18 anos)

MUNDIAL - "E. T., o Extraterrestre", às 21.30 (13 anos)

CITY CINE - "O As dos ASES", às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia

- "Firefox", às 21.15 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - Cine-Estúdio - "Grease II", às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Incrível - "A Estíngio", às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Académie - "O Dragão do Lago do Fogo", às 21.15 (13 anos)

Porto

LUMIÈRE-A - "Na Pista da Pantera", às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE - Sala L - "Que o Diabo Seja Surdo", às 21.45 (13 anos)

BEBÉ - "As Heroínas do Mal", às 21.30 (18 anos)

PEDRO CEM - "Os Deuses Devem Estar Loucos", às 21.30 (13 anos)

BATALHA - "O Varredor", às 21.45 (13 anos)

CHARLOT - "A Casa do Lago", às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - "A Bela Siciliana", às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - "O Touro Enraivecido", às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - "Trom", às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO - "E. T., o Extraterrestre", às 21.30 (6 anos)

COLISEU - "Festival de Circo", às 21.30 (6 anos)

PASSOS MANUEL - "E. T., o Extraterrestre", às 21.30 (6 anos)

ÁGUIA - "O Bombardeiro", às 21.30 (13 anos)

JULIO DIMS - "A Rapariga e o Detetive", às 21.30 (13 anos)

RAIONE - "Música no Coração", às 21.30 (6 anos)

OLIMPIA - "A Iha Azul", às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - "Annie", às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R.

João de Barros, 2, frente (T. 638176);

ALVALADE: ZII, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780);

BAIXA: Azevedo, filhas, Rossio, 31 (T. 327478);

CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667);

ESTE: FÁBIA: Estrelária, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438);

LUMIAR: Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063);

PARQUE EDUARDO VII: Latina, Av. António Augusto Aguiar, 17-A (T. 42312);

PICHELEIRA: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Miro Fernandes, MAF (T. 880703);

SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vilex, E. de Benfica, 373-B (T. 780548);

SAPADO: RIB: Zama, R. General Justino Paes, 21-A (T. 832580);

ALGÉS: Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 211281);

ODIVELAS: Gonçalves, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915682);

PONTINHA: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256);

AVENIDA ALMIRANTE GAGO CONTINHO: Estações Unidas, Av. Estações Unidas da América, 16-B (T. 885859);

AVENIDAS NO-

teatros

Lisboa

FEIRA POPULAR - Circo Americano, às 21.30 (6 anos)

CAMPO GRANDE - Circo Shen, às 21.30 (6 anos)

ABC - "É Sempre a Avaria!", às 20.30 e 23.00 (18 anos)

MARIA MATOS - "O Meu Rapaz é Rapariga", às 21.45 (13 anos)

A BARRACA - "Tudo Bem", às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA: Nuno Alvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39-C (T. 270504);

Até às 22 horas; COVA DA PIEDADE: J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro (T. 270121);

Permanente; BARREIRO: Normal, Av. Alfredo da Silva, 110 (T. 2073035);

Permanente; LARANJEIRO: Feljo, Até às 22 horas; COSTA DE CAPARICA: Chal, Av. General Humberto Delgado, Até às 19 horas;

SETUBAL: Brasil, P. do Brasil, 14, Permanente; Costa, R. da Misericórdia, 48, Até às 22 horas;

SEBIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471);

AMORA: Nova Amorense, E. Nacional, 10, bloco A, Loja A, Paivas (T. 2216824);

SEIXAL: Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T. 221007);

Até às 22 horas; MONTEJO: São Pedro, Av. Camões, 16 (T. 2311133);

MOITA: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025);

ALHOS VEDROS: Guarnão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020);

ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Sintra</

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos
 e Publicidade:
RUA LUZ BORGES, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 388740
 Agências, Assinaturas e Contabilidade:
 Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico: DIBOIA
 Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
 Telefones: 20854/5

O TEMPO
 MARES DE HOJE
 PREIA-MAR BAIXA-MAR
 9 12 3,4 m 2,27 1,9 m
 21 59 3,3 m 15,21 1,7 m
 Dia 25
 10,22 3,5 m 3,50 1,8 m
 23,05 3,5 m 16,27 1,6 m

TEMPERATURAS DO AR
 ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO 9°
 BRAGANÇA 0°
 VILA REAL 3°
 PORTO 8°
 PENHAS DOURADAS 0°
 COIMBRA 4°
 C. CARVOEIRO 12°
 PORTALEGRE 5°
 LISBOA 10°
 EVORA 6°
 BEJA 4°
 SAGRES 11°
 FARO 8°
 P. DELGADA 14°
 FUNCHAL 15°



últimas

Combustíveis aumentam

Continuação da pag 1

rondariam os 30 por cento aplicáveis, nomeadamente, aos passes sociais que seriam tendencialmente uniformizados. Mas também neste ponto não é crível que qualquer decisão seja tomada sem ter tomado posse o novo Governo.

Aliás, estas medidas impopulares foram uma das condicionantes mais fortes que impediram a aceitação de cargo de Primeiro-Ministro pelo prof. Mota Pinto. Ele pretendia que o Governo de Pinto Balsemão se mantivesse em funções durante mais algum tempo, exactamente para assumir o ónus dessas medidas impopulares para receber a pasta com o caminho apaiado de dificuldades.

Só que Balsemão não aceitou isso sendo muito provável que os principais aumentos de preços só sejam decididos pelo seu sucessor.

DOIS MORTOS, 38 feridos, 24 dos quais em estado grave constituem o balanço dos 56 acidentes registados pela GNR entre o meio dia de quinta-feira e as 8 horas de hoje. O reforço de vigilância nas estradas do continente realizado pela Guarda Nacional Republicana prossegue até às 12 horas de terça-feira.

Para além de todos os elementos disponíveis da GNR, durante este espaço de tempo estão permanentemente nas estradas as 660 patrulhas com mais de 1200 homens da Brigada de Trânsito, daquela corporação.

IDENTIFICADO O AUTOR DA FACADA que na madrugada de 19 do corrente mês, junto ao radar do Aeroporto de Lisboa, deu a morte ao pintor da construção civil, Carlos Manuel Correia, de 31 anos, natural de Bragança e residente nas proximidades. A 2.ª Brigada da 3.ª Secção da Judiciária, esclareceu já o caso e deteve o autor do crime.



Os dois portugueses que em 12 de Janeiro deste ano começaram a dar a volta ao mundo, visitando até há dias 47 países ao longo de 62 mil quilómetros, não tiveram problemas com os «amigos do alheio» até a carrinha «Ford» em que viajam ter chegado a Bilbao. Ai, de forma que Zica (José António) Capristano tarda em entender, a «Ford» foi invadida por alguém, a bordo do «Congo», desaparecendo objectos e valores vários orçados em duas centenas de contos.

«O comandante contou-me que tudo se passou em poucos instantes, talvez cinco minutos. Parece-me difícil perceber isso, porque a carrinha foi revolvida, parece mesmo ter existido a intenção de nos roubar material fotográfico e electrónico. Enfim, é um caso ainda a apurar. Espero que as autoridades o deslinhem», afirma «Zica» Capristano, o mais velho do duo.

Arrancaram de Lisboa em 12 de Janeiro. O continente europeu foi percorrido sem quaisquer problemas, ficando na retina de «Zica» a beleza da Roménia e da Hungria.

A aventura, ainda incompleta (os dois viajantes partirão em 12 de Janeiro para a última fase desta «odisseia»: a passagem por África, a começar por Marrocos), continuou. Depois, parte da Ásia e a América do Sul e Central. A última etapa desta fase foi Santos, de onde partiram de avião para Lisboa, chegando aqui há alguns dias. Foi aí que carregaram a carrinha «Ford» no «Congo», navio da CTM, aí retido durante vinte dias por falta de dinheiro para pagar as 350 toneladas de combustível que necessitava para se dirigir para Espanha (Bilbao) antes de Lisboa — onde atracou ontem.

Que recordações lhes ficaram dos 47 países visitados, dos 62 mil quilómetros percorridos?

«Boas e más», confessa «Zica» Capristano. Alguns exemplos: «Vivemos momentos aflitivos no México com trinta e um tremores de terra num dia («alguns deles de grau 6,4», acrescenta Miguel Santiago Gomes) e fomos ameaçados de morte em El Salvador por soldados governamentais, que nos tomaram por guerrilheiros. Na Nicarágua, por outro lado, convivemos com sandinistas», realça «Zica».

— E quanto a boas recordações?

— São muitas. Todas elas anotadas num diário de bordo e que serão reveladas numa conferência de Imprensa a promover pela «Ford» portuguesa. De uma forma geral, posso dizer-lhes que fomos bem recebidos por todos os povos, independentemente de regimes políticos. Em suma: percorremos tantos milhares de quilómetros para sermos roubados em Bilbao, diz o mais velho dos aventureiros.

Trouxeram recordações. Artesanato indio, sobretudo. Aliás, das diversas raças índias que conheceram, formulam nesta curta troca de impressões com a reportagem do «DL» algumas opiniões. Consideram os «Octavos» «Equador» os mais desenvolvidos, os «Ataxis» (Brasil) os mais primitivos e os «Cunas» (Panamá) os mais perigosos.

Natal sem Governo

Continuação da pag 1

a mesma culposa atracção pelo «bloco central social-democrata».

A crise política arrasta-se. As consultas que o Presidente da República vai iniciar logo a seguir ao Natal não lhe darão elementos novos. As posições das diferentes coligações e partidos estão definidas. Foram expostas com clareza durante a campanha para as eleições autárquicas e na apreciação posterior dos resultados eleitorais. A demissão do Primeiro-Ministro, e as dificuldades que surgem para a sua substituição, reforçam a razão de quantos entendem que a «maioria» que tem funcionado na Assembleia da República se esgotou politicamente e que merece má nota quanto à capacidade de gestão dos negócios públicos.

Mesmo tendo na devida conta a correlação das forças políticas e os custos de uma consulta eleitoral, as indicações da deslocação dos votos, em Dezembro de 1980 e em Dezembro de 1982, apontam para a necessidade de uma contraprova das eleições de 1980. A «Aliança Democrática» não terá qualidade e autoridade para governar até 1984. E Portugal precisa de ser governado nos termos da Constituição e para o objecto que a Constituição fixou: construir, em liberdade, com a participação dos cidadãos, um país novo, um Portugal fraterno e de maior justiça.

No «País novo» pensamos neste Natal sem Governo. Portugal tem que vencer a crise. Os portugueses têm que reencontrar a esperança. Têm que tomar a palavra e proclamar — como é da boa tradição nacional — que dizem não aos senhores, que querem escolher o seu Governo.



Um dos maiores poetas franceses

Morreu Louis Aragon

Faleceu a noite passada o grande poeta, romancista e historiador francês Louis Aragon. O escritor, popularizado nas últimas décadas pelos maiores intérpretes da canção francesa, nomeadamente Jean Ferrat e Leo Ferré que cantaram muitos dos seus mais belos poemas, era membro do Comité Central do Partido Comunista Francês e tinha 85 anos. A sua morte verificou-se no seu domicílio parisiense à 1 h 05, anunciaram os médicos que o acompanhavam.

Dias antes do seu octagésimo quinto aniversário, celebrado em 3 de Outubro passado, o presidente Mitterrand concedeu-lhe o com a Legião de Honra.

Aragon era membro da Academia das Letras francesa, desde 1953, e foi eleito para a Academia Goncourt em 1967, tendo-se demitido no ano seguinte.

A carreira literária de Louis Aragon iniciou-se no quadro do movimento surrealista de que foi um dos fundadores, juntamente com André Breton e Philippe Soupault. Em 1919, os três criaram a revista «Literature» onde Aragon escreve, entre outros, os poemas «Feu de Joie» e «Mouvement Perpétuel» (1925).

Ainda na sua fase surrealista publicou «Anicet» (1921), «Le Libertin» (1924), «Le Traité du Style» (1929) e estreou-se no romance com «Le Paysan de Paris» (1926).

Com a sua adesão ao PCF em 1927 distancia-se progressivamente do surrealismo e escreve o seu primeiro poema de exaltação do comunismo: «Hourra l'Oural» (1934). Depois de uma longa viagem à URSS lança-se como romancista realista, comprometido com os ideais da revolução soviética. É a época da trilogia do «Monde Réel», título

genérico em que reúne os romances «Les Cloches de Bâle» (1934), «Les Beaux Quartiers» (1936) e «Les Voyageurs de l'Impériale» (1943). Neste conjunto Aragon combina, numa perspectiva marxista, as personagens históricas e imaginárias da sociedade francesa do princípio do século, evocando os movimentos sociais que nessa época agitavam a França.

Maistarde (1944) publica «Aurélien», um dos seus mais conhecidos romances em que as convicções políticas do autor são claramente assumidas através do enaltecimento das reivindicações do proletariado francês. Em 1949/1950 conta em cinco volumes, com o título «Les Communistes», a história romancada do Partido Comunista Francês e a sua actividade durante a Segunda Guerra Mundial.

No período da guerra, Aragon foi, juntamente com Paul Eluard, um dos grandes poetas da resistência ao nazi-fascismo. Escreveu obras de grande vigor antifascista e de exaltação dos «partisans» da resistência: «Le Crève Coeur» (1941) e «La Diane Française» (1945) são as suas obras mais célebres desta fase.

A sua ligação e posterior casamento com Elsa Trialet, conhecida de Mayakowsky, falecida em 1970, leva-o a escrever «Les Yeux d'Elsa» (1942), «Les Yeux et la Mémoire» (1954), «Elsa» (1959), «Les Poètes» (1960) e «Le Fou d'Elsa» (1963).

Louis Aragon dirigiu também o livro «Les Lettres Françaises» e publicou uma história da URSS em vários tomos e uma elegia a Pablo Neruda, escrita em 1967. Em 1954, 1965 e 1967, respectivamente, publicou «La Lumière de Stendhal», «La Mise à Mort» e «Blanche et L'Oubli».

Os proprietários da antiga Ourivesaria

MOITINHO

67 — RUA DA PRATA — 69

Cumprimentam todos os seus Exmos. Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Novo Ano muito Próspero.

OURIVESARIAS

BARBOSA, ESTEVES, LD.ª

OURIVES — JOALHEIROS

SEDE

293 — RUA DA PRATA — 295

Cumprimenta todos os seus Exmos. Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Novo Ano de muitas prosperidades.

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA SEXTA-FEIRA 24 DE DEZEMBRO DE 1982



A prenda de Hollywood é o Outro

Págs 4 e 5

Uma televisão para cada um

Com as técnicas do «marketing» e da publicidade, um pouco de electrónica e uma visão de futuro, a equipa do M.M.I. inventa os programas de amanhã: um estilo para cada público.

Em Outubro de 1981, Alain de Sédouy quer reestruturar a programação das tardes de sábado da TF 1, de que é responsável. Desta vez não se trata de permutar, muito simplesmente, uma ou duas emissões ou de comprar uma nova série americana, mas sim de seduzir um público muito especial: os jovens entre os catorze e os vinte e quatro anos.

Demasiado adulta para ainda suportar as emissões para a juventude, demasiado independente para aderir totalmente à televisão dos pais, essa categoria de telespectadores desafia desde há muito os autores de programas.

HÁ mesmo quem desconfie — descoberta terrível — que eles fogem do pequeno «écran» e do lar para sair com os amigos e para ir ao cinema. Alain de Sédouy não pretende obrigá-los à força a ver televisão, mas acha que o serviço público deve dar resposta às suas necessidades específicas, e que, tendo em conta novas aspirações culturais, a televisão podia aproveitar para rejuvenescer um pouco.

A fim de resolver esse deli-

cado problema, Alain de Sédouy e os serviços de estudos da T.F. 1, vão recorrer pela primeira vez aos serviços de uma sociedade de conselho, a Media Marketing International (M.M.I.), animada por Christian Aznar e Christiane Boisgelot, dois antigos dirigentes do Centre de Communication Avancée (C.C.A) da agência Havas. Nesta agência, Christian Aznar ocupou-se dos dossiers das rádios locais, de telemática e da televisão por satélite. Outras tantas ocasiões propícias à avaliação, no próprio terreno,

dos pedidos de informação do público e à verificação que, multiplicando os canais, as novas formas de comunicação segmentam o público, aproximando-se assim das estratégias publicitárias.

A noção de um grande público homogéneo que, três canais nacionais se disputam entre si, já deu o que tinha a dar. A diminuição geral da audiência, as recentes ondas de descontentamento, mostram que, ao querer contentar toda a gente não se contenta ninguém. Tendo em vista um hipotético espectador

médio, a criação empobreceu, banalizou-se. Hoje, as videocasas permitem satisfazer os amadores de cinema, os da ópera, os do desporto. Amanhã, as redes por cabo generalizarão a televisão «à la carte». Já não se fala do público mas dos públicos, e os futuros programas serão, tanto no seu conteúdo como no seu estilo, tão dirigidos aos seu público como uma campanha publicitária.

Os projectos de Alain de Sédouy inserem-se perfeitamente neste contexto, e Christian

Continua na pág. V

Agenda Sete Ponto Sete

Cinema

● E.T. — o Extra-terrestre

de Steven Spielberg
(USA — 1982)

É o acontecimento do Natal, do ano de 1982. Já se escreveram as coisas mais ditirâmbicas possíveis, por isso convém precisar: E.T. é um filme que acorda a falsa criança que há em nós e a faz funcionar; é um filme maravilhoso com quem gostamos de nos anichar; é um exemplo máximo de eficácia ficcional. Mas, desculpem, não é «O Cinema», nem o melhor filme americano desde Citizen Kane. Nem quer.

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)
Berna e Mundial
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(para todos)

● A saudade de Veronika Voss

de Rainer Werner Fassbinder
(RFA — 1982)

A morfina e o cinema, sonhos e pesadelos, a Alemanha gelada a preto e branco agreste. Uma última canção, uma última esperança antes da morte. Que vem.

Cinema Quarteto — sala 3
(15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● O Homem das lentes mortais

de Richard Brooks
(USA — 1982)

Um acontecimento só é acontecimento se passar na televisão. E se a televisão, ao mostrar, estiver afinal a provocá-los, indirectamente?

Questão central nesta trama político-policial a todo o gás com que Brooks está de regresso.

Cinema Cine 222
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Os salteadores da arca perdida



de Steven Spielberg
(USA — 1981)

Lá vai meses fora, pelos caminhos da aventura e do cinema. E.T. vai segui-lo?

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45h)
(não acons. men. 13 anos)

● Tron

de Steven Lisberger
(USA — 1982)

Uma paisagem visual radicalmente nova para personagens pouco consistentes. Mais coisas ler-se-ão na crítica, aqui mesmo por baixo.

Cinema Monumental
(15.15, 18.15 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● Annie

de John Huston
(USA — 1982)

Huston continua a ser uma surpresa. Roda uma comédia

musical para crianças e faz dela uma homenagem ao cinema, uma trilha quase perversa, um espectáculo de ritmo. Os papás divertir-se-ão mais que os filhos. Também têm direito, não?

Cinemas Castil
(15.30, 18.30 e 21.30h)
e Império
(15.15, 18.30 e 21.30h)
(para todos)

● Yol

de Yilmaz Güney e Serif Goren
(Turquia — Suíça — 1982)

Uma sequência (a da neve) a valer um filme. Não é comum, mas é verdade. Nela se percebe que Güney e Goren são mais que um caso curioso, episódico. Nela se constata como Yol podia ser um grande filme se a paixão não tivesse cedido mais vezes à vontade de testemunhas.

Cinema Quarteto — sala 1
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● A diva e os gangsters

de Jean-Jacques Beineix
(França — 1981)

Uma história de fadas para adultos. Bela, envolvente, mas fria.

As cidades da Europa estão vazias?

Cinema Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● Poltergeist

de Steven Spielberg
(USA — 1982)

A luz é fascinação e medo. Da luz se morre e se renasce. Belo percurso para um filme que, depois, descamba na quinilândia do terror e na necessidade de «explicação».

AS ESTRELAS

E.T. — o Extra-Terrestre	★★★★★
A saudade de Veronika Voss	★★★★★
O homem das lentes mortais	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★
Tron	★★★
Annie	★★★
Yol	★★★
A diva e os gangsters	★★★
Poltergeist	★★★
A face do poder	★★★
Veio do outro mundo	★★★
Noites escaldantes	★★

A «CHAVE»

- ★★★★ — Excepcional
 ★★★ — Bom
 ★★ — Interessante
 ★ — Desinteressante
 ● — A evitar

Cinema S. Jorge 3
(14, 16.15, 19 e 21.15h)
(não acons. men. 18 anos)

● A face do poder

de Alan J. Pakula
(USA — 1981)

Pakula e os seus enredos de poder subterrâneo: aqui é a alta finança americana. Pakula e mais uma das suas ficções irritantes e eficazes. O prazer de ouvir contar histórias a sobrepor-se ao desejo de as aceitar.

Cinemas Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● Veio do outro mundo

de John Carpenter
(USA — 1982)

Se os efeitos especiais com que se presentifica a «Coisa» são notáveis, a eficácia do ci-

nema de John Carpenter (que jogava, em filmes anteriores, sobre a eclipse, o não-visto) não sai muito gratificada de Veio do outro mundo. Mas raros são os que, hoje, utilizam o écran largo com a presciência que por aqui também passa.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● Noites escaldantes

de Lawrence Kasdan
(USA — 1981)

Um pastiche do filme negro, cheio de tiques a fazer moderno, falho de força para fazer profundo.

Cinemas Quarteto — sala 4
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
e Terminal
(11, 13.15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

“Tron”

de Steven Lisberger

Um filme pode ser, em simultâneo, falhado e fortemente estimulante? Pode. Se for suficientemente audacioso para abrir portas mesmo sem a elegância que conviria. Mas, às vezes, vale mais abri-las um tanto desajeitadamente que ficar prisioneiro de um cinema já visto.

Porque se trata disso mesmo: Tron é um filme como nunca ninguém viu. Gerado em grande parte a computador, falando de computadores, Tron dá-nos, pela primeira vez, uma paisagem electrónica, um mundo cujas cores, movimentos e traços têm a frieza intrigante dos écrans video, a fascinação da tecnologia, o espanto de um universo completamente novo. E nisso é não só um filme completamente conseguido



Tron: paisagens electrónicas, ou um filme nunca visto

como um passo em frente na revolução tecnológica que está a tornar o cinema (americano) um sector industrial de ponta.

Onde Tron não se encontra é na estrutura dramática dos personagens. Não propriamente na história (que, porém, tem um

princípio e um fim apelando em demasia à verosimilhança realista), antes na forma como define e faz evoluir os seus heróis. Com um personagem feminino inútil e superfluo, com uma contínua indecisão sobre quem centrar a identificação do espectador (se sobre Tron, o pro-

grama, se sobre Flynn, o humano transportado para o interior do computador), com diálogos de um quase constante convencionalismo e, curiosamente, sem um trabalho sobre o som que acompanhasse o vanguardismo da imagem, este filme acaba por desiludir.

A Walt Disney Production que soube ser inovadora no campo da animação mas que quase nunca acertou um filme com personagens de carne e osso, tenta aqui, numa superprodução experimental que custou quase dois milhões de con-

tos, a fusão dessas duas vertentes do seu cinema. Fusão apostada em avançar, fusão num novo estágio tecnológico. Saudemos o arrojo e a beleza visual de Tron, anotemos as falhas. Para confirmar, ainda uma vez, que pessoas, actores, são materiais com que a Walt Disney Productions ainda não aprendeu a trabalhar. Mas, reafirmemo-lo: Tron é de uma tão espantosa inovação que será erro ignorá-lo.

FICHA:

Realização e argumento: Steven Lisberger (USA-1982)
Música: Journey.
Canções: Journey.
Efeitos especiais: Harrison Ellenshaw, Richard Taylor.
Consultores visuais: Moebius, Syd Mead, Peter Lloyd.
Interpretação: Jeff Bridges (Flynn/Clu), Bruce Boxleitner (Alan/Tron), David Warner (Dillinger/Sark), Cindy Morgan (Lora/Yori), Barnard Hughes (Walter Gibbs/Dumont), etc.
Distribuição em Portugal: Lusomundo.
Cinema: Monumental
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Jorge Leitão Ramos



ESCOLA TÉCNICA DE ENFERMEIRAS (A)
— curta-metragem

— 35 mm/cor

Fotografia: Manuel Costa e Silva (câmara: Álvaro de Almeida). **Texto e locução:** Rosária Rodrigues Romão. **Assistentes de montagem:** Helena Baptista e Noémia Malveira. **Sonoplastia:** Ruy d'Almeida e Mello. **Produção:** Instituto de Meios Audiovisuais de Educação — IMAVE. **Duração:** 11 minutos. **Rodagem:** 1970. **Estreia:** 10 de Setembro de 1970 («Império», Lisboa). **Localização de cópias:** Instituto de Tecnologia Educativa/Direcção-Geral de Educação de Adultos.

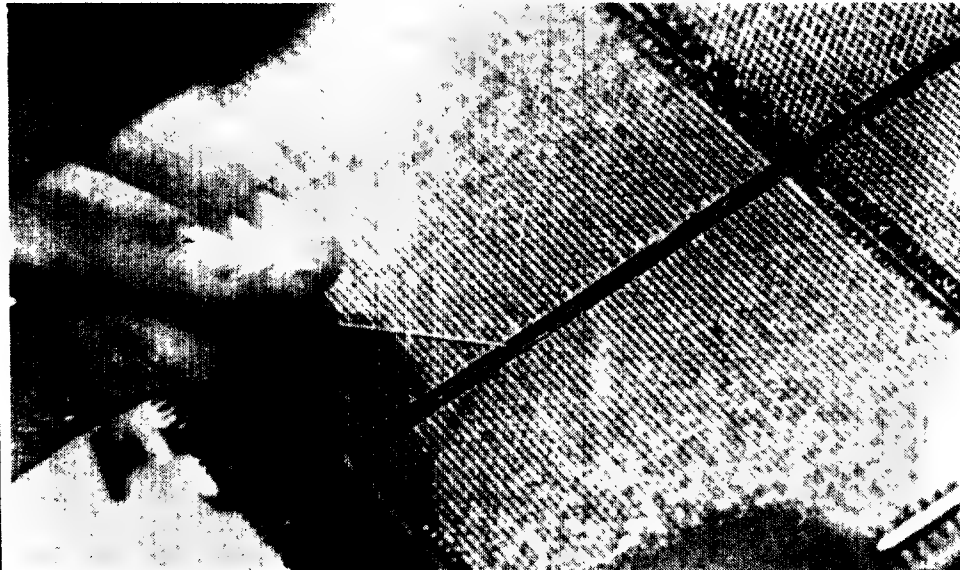
Nota: O genérico do filme não indica o seu realizador. A sua autoria, porém, costuma ser atribuída, fundamentalmente, a Manuel Costa e Silva. Como tal consta, assim, na sua ficha biofilmográfica deste Dicionário.

Costa e Silva não assinou este documentário, à partida, e percebe-se. Trata-se de mero trabalho rotineiro, produção do IMAVE, onde, à data, Costa e Silva era funcionário.

Mas, acrescente-se, mesmo essa rotina só com muito boa vontade se pode dizer ter sido bem resolvida. É que o tom, quase conventual, com que o texto, voz e imagem se referem à vida escolar e ao trabalho das enfermeiras já era serôdio em 1979 (e desde então só encareceu). De tal modo que, visto hoje, tem um ar irremediavelmente kitsch.

(Dizem-me que o trabalho fotográfico do filme era de um nível apreciável — normal em Costa e Silva. A cópia a que acedi tinha a cor «virada» pelo tempo. Impossível confirmar.)

Manuel Costa e Silva, director de fotografia e atribuível realizador de **A Escola Técnica de Enfermeiras**



TRIUNFO DA TÉCNICA

— curta-metragem
— 35 mm/cor

Realização e montagem: Faria de Almeida. **Fotografia:** José Manuel Caixeiro. **Música:** Manuel Jorge Veloso. **Genérico:** R. Neto e A. Patrício. **Assistente de montagem:** M. da Conceição. **Produção:** Telecine-Moro. **Duração:** 12 minutos. **Rodagem:** 1970. **Estreia:**? **Localização de cópias:** Telecine-Moro/Direcção-Geral de Educação de Adultos.

Rodado nas oficinas e escritórios da Philips Portuguesa, **Triunfo da Técnica** é um dos do-

cumentários industriais onde Faria de Almeida e Manuel Jorge Veloso procuram efeitos audiovisuais sem texto de suporte. Mas, cinco anos depois de **Faça segundo a arte**, dá ideia que se perdeu força, ânimo.

Triunfo da Técnica mostra a produção de lâmpadas, filma operárias a montar circuitos electrónicos, dá breves imagens que se pretendem testemunho desse triunfo de que o título fala (iluminação de montras, câmaras de televisão, semáforos e guitarras eléctricas...) mas o ritmo do filme já não engrena como dantes, já não inventa, nem descobre, nem procura.

Pode perceber-se quando alguém passa da agilidade à rotina, da esperança à lassidão? Pode. Este filme mostra essa passagem na carreira de «documentarista industrial» de Faria de Almeida.



ALMADA NEGREIROS VIVO, HOJE

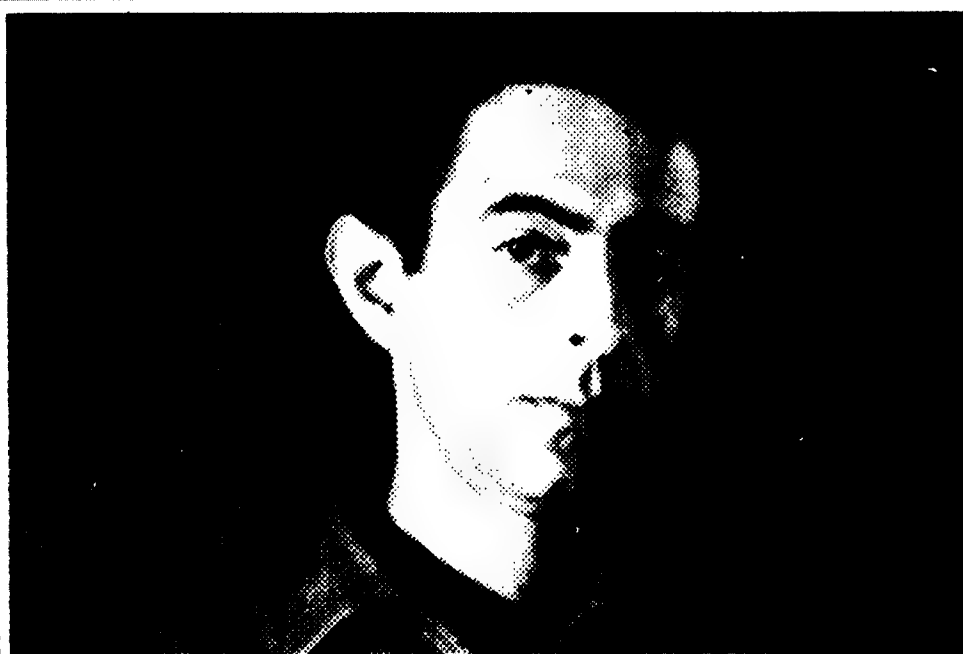
— curta-metragem
— 35 mm/cor e p.b.

Realização: António de Macedo. **Fotografia:** Elso Roque (operador de 2.ª equipa: António Escudeiro). **Colaboração literária:** David Mourão-Ferreira. **Condução de entrevistas:** António de Macedo, Natália Correia e David Mourão-Ferreira. **Produção:** Francisco de Castro. **Chefe de produção:** Vítor Barbosa. **Assistente de produção:** Amílcar Lyra. **Duração:** 23 minutos. **Rodagem:** 1969. **Estreia:** 24 de Outubro de 1969 («Império», Lisboa). **Localização de cópias:** Direcção-Geral de Educação de Adultos.

Muito saudado e diversamente premiado, **Almada Negreiros vivo, hoje** é um documentário que não resistiu aos anos (permite-me, de resto, dúvidas que, mesmo em 1969, ele fosse relevante...).

Tem o interesse (indesmentível) de constituir o último e um dos raros documentos cinematográficos sobre José de Almada Negreiros. Mas pouco mais.

Testemunhando a crassa ignorância cultural que empapa este país (o filme abre com alunos da Faculdade de Letras, diante da fronteira dessa faculdade — decorada com trabalhos de Almada — dizendo desconhecer o pintor ou as suas obras...), arquivando algumas das mais importantes criações de Almada (o painel da Fundação Gulbenkian, os vitrais da igreja de N. S.ª de Fátima em Lisboa, os painéis das gares marítimas...), o filme falha quando se torna pretencioso. Buscando o insólito (quer em imagens quer nas questões das entrevistas), não sabendo escapar a algum ridículo (como a sequência filmada de «Deseja-se mulher»), Macedo deixa fugir a personalidade de Almada: fica uma sombra — ou uma caricatura. Grandiloquente.



Faria de Almeida, o realizador de **A Indústria de Tapeçaria**

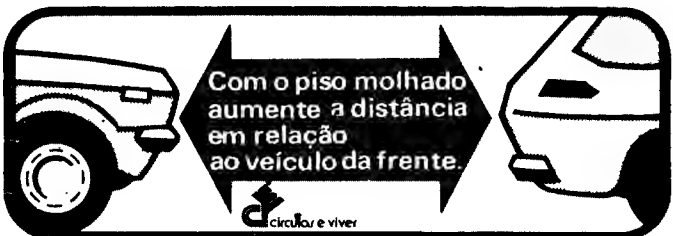
INDÚSTRIA DE TAPEÇARIA (A)
— curta-metragem
— 16 mm/CÔR

Realização: Faria de Almeida. **Produção:** Panorâmica 35. **Patrocínio:** Fábrica de Tapetes Vitória e Secretariado Internacional da Lã para a Direcção-Geral de Educação Permanente. **Duração:** 11 minutos. **Rodagem:** 1971. **Estreia:**? **Localização de cópias:** Direcção Geral de Educação de Adultos. Se alguém perguntasse se há filmes propostos) damente de primeira ou de segunda, a resposta seria **sim** e o exemplo a dar, de filme de segunda, era **A indústria de tapeçaria**.

Desde o genérico, ultralacónico, até à sua construção, desajeitada, tudo aponta para o despachar de uma encomenda.

O filme narra o processo de produção da lã e da sua utilização em tapetes e alcatifas, de um modo desinteressante e bisonho, bem longe da craveira habitual dos documentários de Faria de Almeida.

Talvez por isso **A indústria de tapeçaria** não conste em nenhuma das suas filmografias que conheço. É que de facto, nem promocionalmente (para os patrocinadores) nem didacticamente (para a DGEP), nem cinematograficamente tem qualquer relevância. Um trabalho alimentar.



Paraisos Sete Ponto Sete

E.T.

de

Steven Spielberg

Já tínhamos lido artigos e críticas, sem número. Já nos haviam chegado fotografias, notícias, ecos e até testemunhos orais de quem o viu em Veneza ou New York. Já sabíamos do sucesso do filme, pulverizando todas as receitas da História do Cinema em meia dúzia de meses. E já conhecíamos o quase culto fanático de E.T. do outro lado do Atlântico.

Só faltava o filme: chegou agora.

E esta chegada, de tão ansiada, pode ter resultados curiosos. Não sendo virgens de saber sobre o filme, a sua visão tem o perigo de constituir apenas uma confirmação — não uma descoberta. Quer dizer, esperamos tanto E.T. que agora embarcamos de cabeça felizes por poder embarcar.

EU embarco, sem reservas. Mas surpreendo-me quando vejo escrito, por gente inteligente, que E.T. é «O Cinema» ou que é o melhor filme americano depois de *Citizen Kane*. Porque uma coisa é embarcar e gostar disso, outra bem diversa é sacralizar um objecto que, sobretudo, é um caso de eficácia narrativa a toda a prova mas que, em termos filmológicos, não inaugura nada. Ou seja, E.T. é uma maravilha mas não chega sequer a ser o melhor filme do ano. Deixemo-nos maravilhar (foi para isso que foi feito) mas não confundir.

Porque funciona E.T.? Porque sabe descobrir a criança (falsa) que há em nós. Já era assim (versão adolescente) que Spielberg nos convencera em *Os Saltadores da Arca Perdida*.

Só que, em E.T., o processo se refina e se aprofunda. Não fica pelo imaginário (pelas bicicletas que voam) vai ao inconsciente.

Não fica pelo óbvio (o medo dos adultos com uma câmara que filma os perseguidores pelos olhos de E.T. — à altura de uma criança) vai ao ambíguo (ele é menino ou menina? — pergunta a criança).

Se quisermos, em E.T., tudo vai dar ao personagem do extraterrestre e é na sua construção que o fascínio do filme assenta. Exclusivamente.

Tão feio que só a mãe dele o amaria à primeira vista (conforme intenções de Spielberg), tão patusco que se pode confundir com os bonecos de peluche das crianças, com uma aparência assexuada — ingénua — e um saber que o faz comunicar com as estrelas, criança com medo, adolescente irrequieto ou velho avisado (e E.T. é isto tudo não ao mesmo tempo mas evolutivamente), ele é o filho impossível ou o pai desejado (não o companheiro, repare-se), alguém a quem se ensina ou de quem se aprende, a quem se ajuda ou de quem se recebem milagres.



De onde vem? De outro planeta, claro, mas nunca nave tão parecida com as abóboras do Halloween... De Urano, é possível, entidade astral dos grupos gay, ou de

your anus, ou seja, do lugar maculado de impossível procriação... Impossível possuí-lo, o seu reino não é deste mundo... Deus? O menino Jesus? Cristo sacrificado/ressuscitado de volta aos céus?

E o que quer? Comunicar. Por sinais (a bola que volta), por palavras, por simbiose mental, por telefone, por ondas hertzianas, por amor... Não estar só é o seu objectivo. Regressar a casa, o seu propósito.

Casa. E.T. é, também, um filme de família, um lugar reconhecível. A mãe, os ir-

mãos, o pai que não há, a casa, o quarto, o armário, a janela, a cerca, a escola, o «para lá», desconhecido, da floresta onde coisas mágicas acontecem.

E de cinema, claro que sim, E.T. é um filme que não esquece onde está. No mundo da electrónica, do gadget, da Televisão, dos jogos video. No mundo de yoda que E.T. encontra e reconhece numa joke saborosa. No mundo impossível do sonho (Elliott, no seu primeiro encontro face

Conseguiu não deixar de ser monstro

Peças de vestuário, máscaras e caracás, lápis e borrachas, cadernos diários, autocollantes e posters de todos os tamanhos, um protagonista para toda a espécie de promoções publicitárias, uma nova marca para mil e um produtos possíveis, um robot e diferentes miniaturizações, tudo isto e muito mais foi o que a indústria nacional perdeu por se ter desinteressado do lançamento de E.T. em Portugal.

Claro que E.T. — não é só isto — ou melhor: seria profundamente injusto reduzir o conto de fadas de Spielberg à gigantesca máquina de lançamento de «gadgets» que o acompanha e dele faz uma espécie de espectáculo inacreditavelmente totalizador. Os soviéticos tentaram a saída Spielberg — com o seu Mitcha olímpico. Rui Guedes tentou-a, entre nós, com o Topo Gigio. Para não falarmos do velho SuperMan e de quase

todas as criações Disney, sem que os novos valores de troca assim produzidos fossem base de redução suficiente para as narrativas, as significações, o imaginário onde essas personagens habitam...

Independentemente do fenómeno comercial e industrial que E.T. provocou, vale sem dúvida a pena concentrarmos um instante a nossa atenção sobre o filme enquanto narrativa, enquanto consórcio de mitos apa-

rentemente usados, mas tão exemplarmente postos a funcionar por Spielberg: de certo modo, trata-se da boa repetição de uma colecção de significações «déjà vues» — ou talvez mais exactamente do prazer da boa repetição, essa espécie de mar reconciliador onde, por vezes, é possível a empatia com a infância, e, talvez por extensão desta, o reconhecimento não-agressivo do outro. Creio que têm razão os que têm sublinhado que E.T. é

sobretudo esse «outro», e a sua relação com Elliott a história de uma amizade que não escamoteia a diferença. A bela e o monstro? O príncipe encantado? Não exactamente: o «extraterrestre» não deixa de ser «monstro» para poder ser «príncipe». Sem nunca deixar de ser «monstro», ele tornou-se mesmo, à sua maneira, no «homem do ano», como ironicamente titulava o diário francês Libération.

Assim, na vaga das significações, se realiza outra vez esse sonho de Hollywood: um dos seus três ou quatro únicos autores contemporâneos aposta ainda na possibilidade de produzir narrativas cativantes sem que a máquina de fazer dólares tenha calado, por um momento que fosse, o seu assustador tilt.

J.M.



Spielberg e o fabuloso monstro fabricado para o seu último filme



E.T. e Elliot: só uma criança poderia aceitar a alteridade do extra-terrestre

a face com E.T. chama pela mãe, mas não consegue gritar...) E da perca.

Este filme não é infantil por isso: sabe que a magia se perde, que E.T. não se pode guardar. Ele vai, nós ficamos. A crescer e a aprender

que não há seres assim. E a guardar, aqui, dentro da cabeça (como diz E.T.) o espaço onde cabe a disponibilidade para ver este filme. Que, afinal de contas, é um filme triste porque fala de carências.

FICHA:

Título original: E.T. — The extra-terrestrial.

Realização: Steven Spielberg (USA — 1982)

Argumento: Melissa Mathison.

Fotografia: Allen Daviau.

Cenários: James D. Bissell (production designer).

Música: John Williams.

Efeitos especiais visuais: International Light and Magic (supervisão: Dennis Muren).

E.T. criado por: Carlo

Rambaldi.

Montagem: Carol Littleton.

Interpretação: Dee Wallace (Mary), Henry Thomas (Elliot), Peter Coyote (Keys), Robert MacNagh-ton (Michael), Drew Barry-

more (Gertie), etc.

Distribuição em Portu-gal: Lusomundo/CIC

Cinemas: Alfa 1, Berna e Mundial.

Classificação: Para todos.

Jorge Leitão Ramos

Sociedade

Uma televisão para cada um

Continuação da pág. 1

Aznar decide adaptar aos programas televisivos os métodos da publicidade. Ele faz para a T.V. 1 um verdadeiro estudo de mercado. Os programas tradicionais de sábado são testados por dois grupos testemunho de jovens que não os poupam às suas críticas. «Velho de mais, muito longo, demasiado familiar, etc.» Depois passa-se às previsões. Entre os catorze e os vinte e quatro anos deseja-se uma televisão «tradicional» que incite a sair de casa, mas também uma televisão que espante e faça sonhar.

«Mapa-tipo» ideal

A pouco e pouco a equipa M.M.I. desenha o «mapa-tipo» ideal exibindo obras de fixação, sequências musicais breves e magazines especializados. Mas também se pronuncia acerca do estilo: uma articulação bem distinta, paginações diferentes para cada sequência, ausência de apressamento, humor. E, final lógico do seu novo rosto «marketing», a M.M.I. propõe finalmente o nome da emissão — «Pour changer» — e os das diferentes sequências: «Megahertz», «Aller simple», «Chapeau de oué et bottes de cuir».

Alain de Sédouy segue muito fielmente os conselhos de M.M.I. e, seis meses depois, entrega «Pour changer» nas mãos de Christian Aznar, a fim de este verificar o impacto da

emissão. É uma estreia importante. Até agora os produtores só tinham como informação as sondagens do Centre d'études d'opinions (C.E.O.), do Centre d'Etudes des supports de publicité (C.E.S.P.) ou da France-Soir. Em todos estes casos a percentagem lapidar cai como uma sanção sem correcção possível.

Quando uma percentagem de audiência baixa brutalmente alguns pontos, como é possível saber se a emissão cansa o público, se nessa noite ela tinha uma concorrência perigosa noutro canal ou se bastaria mudar o genérico? Sem contacto com o público a direcção dos programas fica reduzida às medidas sumárias: suprime-se a emissão ou muda-se de produtor. O estudo da M.M.I., efectuado numa centena de pessoas, restabelece um diálogo entre o público e a televisão e permite proceder a arranjos mais delicados.

«Juge box», a emissão de Miréa Alexandresco e Jean Suyeux, em T.F. 1 vai permitir a M.M.I. esse rosto «marketing» da produção televisiva. Os dois produtores querem tratar dos problemas jurídicos, mas, sob a forma de um jogo que as torne assecíveis ao grande público. Christian Aznar propõe-lhes realizar uma «maquette» em animatque um método directamente importado do spot publicitário. Em vez de fazer, com grandes despesas, uma emissão-piloto em tamanho na-

tural, M.M.I. regista o som, as perguntas do animador, as respostas dos candidatos, acrescentando-lhes uma série de desenhos que representam as principais situações. Os movimentos da câmara animam essa banda de imagens fixas, e a maquette é testada junto de uma centena de pessoas. O estudo vai resultar num verdadeiro caderno de encargos que servirá para conceber o dispositivo geral da emissão, no cenário em forma de pretório, no ritmo das perguntas, na intervenção de personalidades conhecidas.

Com «Moi je» — ainda um nome inventado por M.M.I. —, a sociedade de Christian Aznar vai vencer uma nova etapa: ela passa do papel do conselheiro para o de produtor de imagens. Pascale Breugnot tem ideias muito concretas sobre o conteúdo do seu magazine. A meio caminho entre «Actuel» e «Autrement», ela deseja abrir à televisão um lugar onde a palavra subjectiva circule livremente e deixe passar os sinais percursores das mudanças sociais. Mas, para este conteúdo um pouco difícil, é preciso encontrar um estilo, uma paginação original que seja a imagem de marca do magazine. É o que ela pede a M.M.I.

Um escritório de «design» audiovisual

A equipa trabalha durante semanas no genérico, imagem por imagem, e aperfeiçoa a mú-

sica introduzindo-lhe um pouco de «acordeon». «Uma piscadela de olho simpática ao grande público e outra à estética post-moderna», resume Christiane Boisgelot sorrindo. Mesma minúcia na paginação, onde é particularmente cuidada a pontuação, as «respirações» com «jingles», espécie de «leit motiv visual e musical entre cada sequência».

Muito interessada por estas formas curtas, estas «breves» em calão de jornal, Pascale Breugnot pede a M.M.I. que faça todos os meses uma sequência, «Le son du mois», que concentra essa busca de escrita visual. Não se trata de arte video ou de investigação pura: os enquadramentos, os fundos electrónicos continuam ligados ao estilo geral do magazine e servem-lhe, de certo modo, de laboratório estético. Com o tempo, uma imagem de «Moi je» deverá ser reconhecida ao primeiro olhar, como uma página de Actuel.

«A proposta de Pascale Breugnot levou-nos a criar um novo departamento», explica Hervé Nisic, realizador em M.M.I. Podemos definir Ad-vertm como um escritório de «design» audiovisual. Mas os produtores com tempo e meios para reflectir em novas formas de escrita, ainda são raros na televisão. Se a publicidade televisiva se abrir em breve à realização video, esta será um sector de grande futuro.

A equipa de M.M.I. tem muitos projectos. As suas três pri-

meiras experiências não esquecem facilmente. Christian Aznar reflecte hoje nos problemas dos telejornais ou das emissões das 19 horas e 45. Mas também se interessa pelas centenas de rádios locais particulares cujos programas são muito pouco originais. «A aposta fundamental dos dez próximos anos», explica Christian Aznar, é a dos programas audiovisuais. O governo lançou uma emissão interministerial para alimentar as futuras redes e o quarto canal. É um grande passo em frente, mas a criatividade, essa não se nacionaliza. Nasce sempre nas pequenas estruturas, ao passo que os grandes grupos multimédias elaboram estratégias de paquiderme, através de catálogos e participações.

A fim de responder a este desafio, M.M.I. acaba de criar um terceiro departamento, «Teleastes», uma espécie de empresário dos criadores audiovisuais. Ele recebe projectos de produção, adapta-os às obrigações dos canais e do mercado, e encarrega-se de os vender aos programadores. «Recuperamos os produtores perdidos no labirinto institucional ou cansados de bater às portas», diz Christiane Boisgelot. Eles têm às vezes projectos apaixonantes, mas acabam por ser totalmente desencorajados pela burocracia do audiovisual. E depois, é mais fácil vender uma ideia quando se está directamente implicado na sua criação. A M.M.I. já tem uma dezena de projectos assim conseguidos: de uma iniciação à pin-

tura contemporânea até as músicas dos imigrantes da segunda geração.

Último sector de intervenção deste grupo topa-a-tudo, os programas de formação. Também aí a Media Marketing International ataca o problema com um olhar novo. «A maior parte das empresas utilizam o video por razões de economia. Isso dá em geral resultados lamentáveis no plano visual. Porque não de os documentos pedagógicos ser sinónimos de «bricolage» ou de amadorismo, quando têm um papel essencial de motivação? Um programa de formação também deve ser tão elaborado como um spot publicitário. Mas, para amortecer o seu preço de produção, é necessário poder vendê-lo a várias empresas. Estamos a preparar uma colecção de videocassettes sobre assuntos gerais. Vamos apresentá-las no Festival do filme de empresa «de Biarritz, no próximo mês de Junho».

A cavalo entre o «marketing», a produção televisiva e a busca de uma nova escrita electrónica, a Media Marketing International é o protótipo destes novos produtores audiovisuais que amanhã vão alimentar as redes de comunicação. Em face da paralisia do serviço público e da expectativa dos grandes parceiros do privado, eles inventam a um tempo uma estética e as regras do jogo comercial.

Jean-François Lacan

Os deputados franceses examinam o projecto do aborto reembolsado

«Cuidado com a direita, cuidado com a esquerda!», eis a reflexão que somos tentados a fazer no ministério dos direitos da mulher, plagiando a célebre advertência que Felipe de Valois fez ao pai, João-o-Bom. A vigilância continua a ser a palavra de ordem enquanto o projecto de lei sobre o reembolso da interrupção voluntária da gravidez não terapêutica, pela segurança social, e o seu financiamento não for definitivamente adoptado nem os seus textos de aplicação redigidos. Foi Yvette Rondy quem, no dia 10 de Dezembro, apresentou o projecto aos deputados.

O texto contém cinco artigos que introduzem o reembolso da I.V.G. nas percentagens em vigor para os outros actos médicos (um cartão moderador fica a cargo das mulheres que poderão ser reembolsadas pela sua caixa, se, claro está, esta o aceitar). O artigo cinco prevê a entrega à segurança social fundos do Estado que anualmente figurarão na lei de finanças.

UM filho? Denise deseja-o intensamente. E, no entanto, na manhã do dia 29 de Setembro, empurrou com resolução a porta da clínica parisiense a fim de abortar. «Não o fiz com alegria, mas era necessário», explica numa voz frágil, hesitante, quase a quebrar-se com a força da emo-

ção.

Antes, passara longas noites a pesar o «pró» e o «contra», a fazer e a refazer a sua autocritica, a reflectir sobre a vida, mas a conclusão era invariavelmente a mesma: não, não tinha o direito de trazer ao mundo uma criança antes de pôr um pouco de ordem na sua vida, em si própria.

Baixinha, frágil, um rosto sem pintura, cabelos bem cortados, Denise tem vinte e nove anos e trabalha num banco.

Casou há seis anos. Uma história sem histórias até ao dia em que o casal talvez tenha decidido ter um filho. Os meses passam sem que Denise engravide.

Então a dúvida instala-se, vem depois o período das visitas aos médicos e a ronda das análises:

«Descobriram-me uma insuficiência hormonal», explica Denise. Os tratamentos mostram-se inúteis, a esperança diminui e, a pouco e pouco, instala-se na cabeça de Denise a ideia de que é estéril. A pouco e pouco vai surgindo o desentendimento.

Cada um afasta-se insidiosamente do outro.

E Denise encontra outro homem, Jean. Nasce uma simpatia recíproca, bastante para que uma noite Denise deseje ficar junto dele, mas demasiado recente, demasiado incerta para destruir um casal e reconstruir uma família.

«Tive dificuldade em acreditar que estava grávida... Vem vê, uma só vez quando durante dois anos tinha feito tudo para o conseguir...

Perguntei então a mim mesma: vou ficar com este bebé? Quase disse a mim própria que sim, e depois reflecti: confessar tudo ao meu marido? Isso significaria a ruptura. Ir para o divórcio? Mas eu e o meu amigo não nos conhecíamos bastante bem para construir uma família. Teria eu o direito de trazer ao mundo uma criança em tais condições? Pensei longamente... Denise falou com Jean.

Falou também com amigos. E decidiu. «Houve quem me perguntasse por que não mentia eu ao meu marido, ficando assim com a criança. Mas isso nunca. Eu não iria fazer tal coisa. Ou a mudança completa na minha

vida, ou absolutamente nada.»

Resolveu-se então e marcou consulta no Movimento francês para o planeamento familiar. Aí teve, com outras mulheres, uma conversa com uma assistente social. «Sei que estamos sempre sós num caso como este, mas fez-me bem falar com outras mulheres nas minhas condições», diz ela. O M.F.P.F. deu-lhe a direcção de uma clínica, o nome de um médico, que a recebeu antes de fixar uma data: o dia 29 de Setembro. A intervenção, que durou uns dez minutos, foi feita, a seu pedido, com anestesia.

«Depois, foi duro, conta com a sua voz frágil. Não lamento o que fiz, não podia ser de outro modo. Mas fiquei um tanto perdida e ainda tenho sonhos e pesadelos. Às vezes tenho a impressão de que não vivi esse mês de Setembro, e, de outras vezes, é o pesadelo: penso que o bebé podia estar ali. Tudo isto vem por pequenas crises».

Agora tenta ver claro. O médico da clínica, que consultou de novo, disse-lhe que era pos-

sível ela poder ter outro filho. — Ch. Ch.

Uma sondagem decisiva

Quando, em meados do Verão, declarações feitas pelo ministro dos Assuntos Sociais e da Solidariedade Nacional, Pierre Bérégony, deram a entender que o reembolso da I.V.G. ficava para as calendas gregas, centenas, milhares de cartas de protesto chegaram ao ministério e às instâncias do P.S. sem contar com o descontentamento de deputados de esquerda, de todas as tendências, impelidas por uma parte não desprezível de mulheres, militantes ou não.

Mas é finalmente uma sondagem encomendada pelos serviços do primeiro-ministro que permitiu convencer o presidente da República e fez com que este interviesse para pedir que se encontrasse uma solução o mais rapidamente possível e, claro está, antes das eleições municipais.

Realizado pelo B.V.A. entre 1 e 9 de Setembro junto de um grupo representativo de mil oitocentas e cinquenta e três pessoas, esta sondagem mostra que 56,4 % dos homens e 57,8 % das mulheres respondem que são favoráveis à pergunta: «É favorável ou opõe-se a que a interrupção voluntária da gravidez seja reembolsada pela segurança social pelos actos médicos?». Esta percentagem varia segundo a idade. Assim, no que diz respeito às mulheres, é de 72,5 % para as de menos de vinte e cinco anos, de 76,4 % para as de vinte e cinco a trinta e quatro anos, e de 57,8 % para as de trinta e cinco a quarenta e nove anos. Mas o que esta sondagem prova é que o reembolso é um direito reivindicado pelas mulheres de todas as opções políticas, morais ou religiosas.

Assim, se nos referirmos à escola das mulheres quando da primeira volta da eleição presidencial, elas são favoráveis ao reembolso da I.V.G. nas seguintes proporções: P.S., —

P.C. — M.R.G., 68 %, R.P.R. — U.D.F. 40 %, outras 64 %. Se repararmos nas respostas das mulheres em idade de procriar, as proporções são as seguintes: P.S. — P.C. — M.R.G. 84 %, R.P.R. — U.D.F. 50 %, outras 79 %.

Foram também feitas perguntas sobre as práticas religiosas das pessoas interrogadas. Verifica-se que 53,4 % dos católicos são favoráveis ao reembolso, 20,4 % entre pessoas que vão à igreja uma vez por semana, 40,2 % entre as que lá vão uma ou duas vezes por mês. Em contrapartida, entre as pessoas pouco ou não praticantes, a percentagem dos que são a favor do reembolso atinge os 74 %.

Christiane Chombeau

Países	Prazos (em semanas de gravidez)	Condições	Reembolso		Ano de legislação
Dinamarca	12 semanas	Pedido feito a um médico ou a um estabelecimento de ortogenia			1973
Itália	90 dias (13 semanas)	Consulta médica obrigatória autorização dos pais (para os menores) ou à falta deles, autorização individual. Prazo de reflexão de 7 dias.	Parcial	Dificuldades de aplicação	1978
Luxemburgo	12 semanas	Consulta médica obrigatória	Total		1978
Holanda	21 semanas	Consulta médica obrigatória Prazo de reflexão de 5 dias.	Total		1981
República Federal da Alemanha	12 semanas (indicações éticas ou perigo) 22 semanas (indicações de ordem eugénica)	A mulher deve dirigir-se a um conselheiro o máximo três dias antes da intervenção	Total	Reembolso total quando a contra-cepção não o é	1976
Reino Unido	28 semanas	Acordo de dois médicos	Gratuito	Debates frequentes sobre os prazos	1967
Suécia	18 semanas		Gratuito	A I.V.G. é o único acto médico com 100% de reembolso. Os outros têm 90%	1974
França	10 semanas (sem prazo para os abortos terapêuticos)	Consulta médica e conversa social obrigatórias. Autorização dos pais para os menores	Só para o aborto terapêutico		1975-1979

A Bélgica, a Espanha e a Irlanda ainda não adoptaram lei alguma para a liberalização do aborto. Na prática, as suas atitudes divergem: tolerância na Bélgica e repressão em Espanha e na Irlanda.



«ABAIXO DE CÃO», DE CHARLES MINGUS

Não roubem, por favor o jazz ao preto

Reclinado, no divã do psiquiatra, ele desabafa: «Por outras palavras, eu sou três. Há um que fica no centro, imperturbável, imóvel, observando, à espera de poder transmitir aos outros dois o que vê. O segundo é uma espécie de animal assustado que ataca antes que o ataquem. E há ainda um terceiro, um género de pessoa superpaixonada, a personificação da simpatia que permite aos outros a entrada nos mais íntimos recessos do seu santuário e que apanha com insultos e confia e assina contratos em branco e que fica com má fama porque trabalha à borla ou quase e que, quando descobre o que lhe fizeram, fica cá com uma raiva que só lhe apetece matar e arrasar tudo à sua volta, ele mesmo incluído por ter sido tão estúpido».

QUEM assim se exprime, coração nas mãos, é Charles Mingus, americano, preto, morto em Janeiro de 1979, aos cinquenta e sete anos, não sei ao certo de quê. Provavelmente de excessos, de vício ou porque quis. Antes, porém, tinha escrito a história da sua vida, uma autobiografia intitulada «Abaixo de Cão», livro agora publicado em língua portuguesa pela editora Assírio e Alvim. Um relato impressionante das dificuldades sentidas por um indivíduo que não é preto nem branco, é café com leite, em se inserir na sociedade. Ha nele desajustamentos, impossibilidades de relação a uma enorme lucidez face à engrenagem que tornou o jazz, «música de pretos» cativo da avidez dos brancos.

Charles Mingus queixa-se dos empresários, dos agentes, dessa cáfila do «business» que se serve dele «... Homens de negócios e agentes com enormes escritórios que dizem que eu, um preto, sou anormal por pensar que podíamos participar nos lucros da safra que nós mesmos produzimos...» O traumatismo da escravidão domina-o, maldição de que não se liberta já que o meio lhe é adverso. O seu pai foi criado entre os brancos do sul e transmitiu-lhe o inconformismo. Estar entre o proletariado e a pequena burguesia, produto do cruzamento entre branco e negro, no «gheto» que determinou a sua evolução, é segundo Charles, ser menos que um cão.

Supermacho

A sua vida é um capítulo da vida de uma classe, com a agra-

vante temperamental do artista que se sabe soberbo. Com uma inclinação para a música, desde puto, foi aconselhado a agarrar-se ao contrabaixo porque um negro não deveria ter aspirações mais altas. «...Pois. És negro. Nunca na vida hás-de chegar a nada no clássico. Por melhor que sejas. Queres tocar, tens de tocar um instrumento de negro. Não podes dedilhar um violoncelo, tens de aprender a dedilhar um baixo, Charlie». Diz-lhe o seu amigo Buddy Collette. Na altura desconhecia o nome das cordas, o que era a afinação, praticamente tudo. Horas a fio coloca-se junto do aparelho de rádio tentando acompanhar a música que ouve. Ao fim de uma semana, progride. E começa a entrar na intimidade do instrumento.

«A minha música é o reflexo do meu desejo espiritual de viver para além do enterro do meu esperma, a minha metátese ou o meu casulo eterno da alma.» Charles Mingus gosta de se afirmar a nível sexual. É uma provocação que gosta de fazer aos brancos. Consciente do mito da potência sexual do negro, um dos terrores escondidos do racismo branco, é pelo sexo que a criança humilhada do gheto exibe a sua superioridade. «Sou mais homem que qualquer desses lambe-conas brancos de merda...» No diálogo com o psiquiatra (que é ele próprio) garante que numa noite esteve na cama com vinte e três mexicanas, o que não o impediu de cumprir com brio as suas funções de macho. Façanha de que o psiquiatra duvida por achar atividade em demasia para um homem só, nem que seja o maior ganhão do mundo.

No livro «Abaixo de Cão», o

personagem, um dos eus divididos de Charles, preto atarracado, largos ombros, pernas arqueadas e pés metidos para dentro, adquire o estatuto de sedutor famoso por uma virilidade a toda a prova. Foi chulo, controlou mulheres (algumas brancas — o que é para ele uma espécie de desforra, de vingança) a quem sacava dinheiro. Por vezes sentia escrúpulos em se apoderar do bago que elas escondiam debaixo do colchão. Mas porquê? Porque se dedicou a tão mal afeada profissão? «Sei lá como é que vou explicar isso — quando um gajo é miúdo e o rei dos chulos vem de visita à vizinhança, cheio de pose, a brincar com a corrente do relógio e a acelerar no seu Cadillac ou um Roll, resplandecente no seu fato de fino corte, sente-se cá uma coisa. Quando um puto espigadote consegue provar que é um patrão-mor dos chulos, então está no caminho certo. É isso que quer dizer lá na minha terra — é mostrar que se é homem.»

Essa obsessão de ser homem, a par com o jazz ditou-lhe o comportamento, para além das regras que a sociedade, hipócrita e puritana, lhe impunha. São coisas que o alucinam e ao mesmo tempo o deprimem. As mulheres que não ama (ou talvez ame demais) e apenas utiliza como mercadoria, o jazz que pretendia puro, a salvo de toda a corrupção. «... Quantos músicos continuariam no jazz se em vez de tocarem em clubes lhes fossem dadas condições para tocar em parques e sítios mais prosaicos sem terem de se preocupar com a encenação que no presente é condição necessária para garantir a sobrevivência! A ver se venho no

Down Beat, a ver se fico à frente no top, e se vou ser citado antes de ficar velho! Oh, como seria bom fazer parte de um quarteto que ninguém conhece e que eu ouvi ontem. Se o que eu quero está correcto, Nat, tenho de deixar-me do jazz. Esta palavra é pretexto para muita vigarice.»

O jazz, uma paixão, está sempre presente na narrativa com todos aqueles que o inventaram e com quem Charles Mingus se cruza no seu percurso. Buddy Collette, Bird, Charlie Parker, Hampton, Max Roach, Fat Navarro, derrubado aos vinte e seis anos pela tuberculose e pelas drogas duras e a maravilhosa Billie Holliday, destruída pela heroína.

«Antigamente tudo se resumia numa palavra — swing. O swing foi num sentido, era linear e tudo tinha de ser tocado com o mesmo ritmo, isso era limitador. Mas eu uso o termo percepção rotativa. Se se consegue entender o ritmo que existe num círculo fica-se mais livre para improvisar...»

Dele os críticos disseram que foi um antecipador do free. Orgulhosamente recusa os rótulos e reivindica para o jazz a paternidade negra. Deixem-lhes ao menos isso, não lhes usurpem essa música que eles inventaram com alegria e tristeza. Marx, Cristo, Freud, Einstein, Shakespeare pertencem aos brancos, guardem-nos pois nem tudo o que produzem é mau. «...Mas para que precisam de tocar jazz? Essa é a tradição dos negros americanos, é a música negra...» Charles Mingus surge-se contra os imitadores brancos, vorazes e invejosos que

querem tudo para eles. «Os promotores de música estão tão atarefados a vender o que tem valor comercial que acabam por estrangular a galinha dos ovos de ouro. Mataram o Lester e o Bird e o Fat Navarro e matarão ainda mais, possivelmente a mim.»

Pressentimento, desígnio que se cumpriu, em certa medida. Na sua autobiografia Charles brinca com Charles mas nunca se compadece dele. Pratica a ironia, maneira distante de se auto-analisar. Tem a mania da psicanálise. E um profundo respeito por Freud. Que faria o sr. Mingus se tivesse a vida para viver outra vez?

«...Viveria para gozar a vida e não para dar lições de moral ou fazer sermões. Nunca ia acreditar nessas merdas de amor. Todas as mulheres que andassem comigo teriam de estar convencidas que as queria só pelo dinheiro. Tocava música nas horas vagas e só para os amigos, sem preconceitos de raça. Ia estudando o contrabaixo, para me entreter, não me metia a comercializar nada. E talvez me tornasse herdinomano, se a minha conta bancária o permitisse. Era isso mesmo que eu faria se tivesse de começar a minha vida de princípio.»

Eis um «cheiro» da sua autobiografia que compendia e resume uma página do jazz, do músico preto triturado pelo sistema que «nos tem na mão e usa». Que o eleva aos pináculos e o abate.

Que o considera abaixo de cão...

Lourdes Féria

A Roma do Nevada

Em Las Vegas, capital americana do jogo, tudo se tornou romano, mesmo Orson Welles

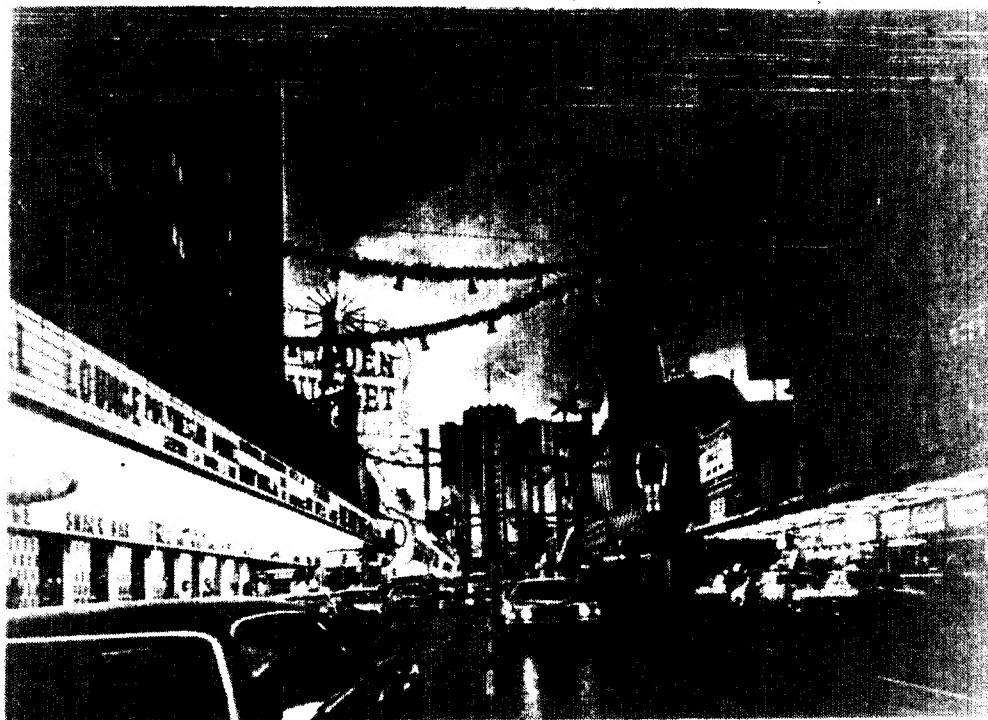
Jean Marabini

Conheço este incendiário de Roma, em face de um Séneca impassível, vestido de **croupier**. Abate duas cartas e perde uma soma que bastaria para dar nova vida ao Banco de França. O próprio JR, que chegou do Texas, fica pálido. Estamos no Cesarworld que se diz tão rico e delirante como os trinta e sete casinos concorrentes reunidos no Strip, o boulevard triunfal de Las Vegas. Orson Welles, é ele, arrasta-nos para o «Regalium» para um pequeno Satyricon de três horas da manhã, regado de hidromel, que Fellini não teria conseguido realizar por falta de meios para tal. Reconstituiu-se, no Roman Forum e nos seus anexos iluminados por novecentas e cinco máquinas de moedas, brilhantes, repletas, ruidosas, as vinte e quatro horas do dia ao serviço do deus Jackpot, todo o cenário revisto e aumentado pelo Cecil B. de Mille da cidade eterna. É **Cleopatra** mais **Quo Vadis?** menos o **Sinal da Cruz**. Para além da Via Appia, cujos túmulos foram escamoteados em benefício das lojas Lucullus, Lapidus e outros Gucci, encontra-se mesmo a galera de António movendo-se sob um firmamento a que os projectores dão lindas cores.

TAL como Petróneo, o árbitro das elegâncias. Citizen Orsonius aponta para a Circus Maximus com o seu imaginário pauzinho de marfim: «Aqui declama o divino Frankie (Sinatra), você ouve ao longe as músicas lascivas de Cole Porter, no Bacchanal.» Detém-se para nos fazer admirar Best Bet, touro de bronze capaz, por um dólar, de cuspir novecentas e quarenta e uma mil moedas. Há mais de cem pessoas à volta do monstro, accionando a volta da gigantesca alavanca desse King Kong das máquinas de moedas.

Como que saído de Tácito, um filho de Fayçal da Arábia, de fato enfeitado com iluminuras, o

a quem uma Vestal Virgin massaja delicadamente as costas, já teria perdido aqui, assim como no crap, no baccarat, no blackjack e na roleta, dez vezes a sua herança. Escravas meio nuas distribuem longos cigarros ambarinos e whiskies delicados. Tudo aqui é quase «free» (gratuito) e muito democrático, a parte o jogo. Vou almoçar ao Café Roma, o que custa menos caro do que um roastbeef-salada de Paris. Enquanto subo para o quarto para um «sauna personalisado», alguém me pergunta: «Toma o ascensor Júpiter?» «Um centurião armado com um Smith e Wesson protege-lhe no entanto, o acesso. Guardas às portas do Olimpo. É bom mostrar a chave. «Eu tomo o



Diana. Leva-me ao décimo quarto andar à velocidade de uma das suas flechas.»

Será a mesma coisa no Dunes, no Flamingo, no Sands, no Circus? Perguntei-o a «Annie Chérie», encarregada de informar os raros francófonos (o dólar está caro) por trás de uma secretária onde se lê o seu nome. Um japonês, tomando-a por uma call girl, acaba de lhe fazer propostas. Ainda está corada.

«Aqui tudo se pode fazer e conseguir mas à maneira discreta do Ritz de Londres.» E voltando à minha pergunta: «Reparou nos cérberos? Há-os em todos os hotéis de Las Vegas. Claro que o Circus é mais familiar. O Aladin é principalmente frequentado pelos Árabes. Mas em geral Las Vegas deseja acima de tudo respeitabilidade e segurança. Ela é agora, graças às suas polícias de hotel, a cidade mais sã da América. No princípio do século caíam cadáve-

res de todos os balcões de saloon.» «Nos últimos quinze meses, nem um crime sequer, confirma por seu lado o presidente da câmara, Robert List. Sabemos dissuadir para não ter de maltratar.»

Essa prudência — nem mesmo podemos afogar-nos na imensa mas pouco profunda piscina do Cesarworld — quem pode tê-la senão a cidade mais rica do mundo? Não é segredo para ninguém que essa riqueza provém do jogo, mas uma vez que ele foi planificado, organizado com o apoio de psicólogos e computadores, os verdadeiros senhores de Las Vegas souberam apagá-lo, a fim de tranquilizar um público cada vez mais numeroso e pequeno burguês, até aos últimos vestígios aparentes da «violência do Oeste» tal como aparecia nos westerns e na literatura consagrada à Mafia. Foi assim que o Nevada, paraíso da prostituição e do divórcio se tornou para os recém-casados uma espécie de Veneza, onde a beleza do local é substituída por

um formidável reservatório de distrações.

«É preciso tomar estas pessoas a sério. Elas inventaram uma nova religião, novas peregrinações, uma Meca», diz Ted Kennedy, que não está aqui no seu feudo. E acrescenta, irónico: «Não foi por acaso que Roma foi reinventada em Las Vegas. Roma foi a capital do «panem et circenses» (1). O facto de os «circenses» serem estas máquinas de moedas que têm um doce ruído de fonte ou de cascata de dinheiro, do primeiro hall do aeroporto até aos drugstores, eis o que é genial. Quanto ao pão, o que é igualmente inteligente, acabará por ser gratuito ou servido com um «Calligula burger» nunca em sangue.»

Um milhão de turistas por mês

Ted Kennedy não pôs os pés em Las Vegas, onde Reagan esteve recentemente, mas a sua fórmula é justa e ela explica a razão por que os grandes aviões vindos da costa leste ou de Tóquio estão sempre a chegar trazendo por mês um milhão de turistas. Só para a visita grátis do Cesarworld, que bate a Disneylandia, duas avenidas ruelas transportam, com guias e «anjos da guarda» multidões para o átrio, o parque olímpico, os jardins japoneses, os de Allah, uma Roma tão imperial como a primeira, onde figuram as efígies exactas embora não autênticas pelo Christie's de Londres, dos doze Cesares tão caros a Suetónio. Estes bárbaros admiram ali a **Vitória de Samotrácia**, inúmeras vénus, antes de se restaurarem em mais de vinte restaurantes (nos quais se resume a mais requintada cozinha universal). Se têm tempo aplaudem Sally Field, Cyd Charisse, Sammy Davis, Jane Fonda, Sophia Loren, Boz Scaggs e todas as blue-belles copiadas das suas irmãs do Lido de Paris.

Mas tudo isto é a entrada que prepara em todos os casinos de que Sinatra é mais ou menos o animador, o prestigioso encontro com as maravilhosas máquinas de moedas.

Estes peregrinos de um novo género darão atenção aos guardas que estão em toda a parte, e, nos casinos mais velhos, sobre as suas cabeças, em tetos espelhados? Tornar-se-ão decerto habitués desse sol que brilha trezentos e trinta dias por ano, sem calor excessivo, e respirarão o ar do deserto antes de passar dez horas ao poker, que aqui se joga com robots electrónicos, a fim de evitar cenas de violência. Se um americano do Dakota se engana na sua aposta à roleta e se levanta, titubante, logo a mão dos «anjos da guarda» armados, o auxilia com firmeza. Se ele se arruinar impedi-lo-ão de se suicidar pagam-lhe o regresso a casa e dão-lhe mesmo um pequeno pecúlio. Se se sentir só, abandonado pela mulher, poderá ir a qualquer hora da noite ao barbeiro, ao ginásio, à igreja, ao espectáculo, e, antes de mais, às salas luminosas onde, graças à familiaridade americana, há sempre alguém com quem falar. Arthur Miller tinha razão quando dizia: «Aqui perde-se pelo gosto de perder.»

Sinatra em Capri

Procurei as minas de ouro abandonadas e descobri o túmulo bem arranjado de Octavius Gass, espécie de Rómulo e Remo da Roma nascente que era Las Vegas no princípio do século, quando ela ainda raptava as Sabinas de Reno, sua rival logo vencida. Com a sua charua mormone, trabalhando o solo pobre de um oásis isolado no meio de um deserto do tamanho da Europa. Gass fez aparecer a primeira água e descobriu, diz-se, o lago Mead. Graças a ele, o actual americano do Nevada dispõe do rendimento médio mais alto dos Estados Unidos, portanto do mundo. Graças a ele 500 000 pessoas dispõem de um império que não foi construído sobre a virtude, como ele pensava, mas que é a finalidade lógica de um sistema pragmático, hipercapitalista e ordenado que pode construir as suas cem igrejas, os seus vinte hospitais, o seu yachting, a sua própria universidade, o seu ski ali perto, nas Pacome Mountains. O director do Cesarworld pode agora contribuir para os próximos jogos olímpicos oferecendo mil milhões de dólares acima de qualquer suspeita. Se leu em criança **De viris Illustribus** numa pobre escola de padres para pequenos italo-americanos, Sinatra, que concebeu e realizou o primeiro grande sonho romano, deve perguntar a si mesmo no seu «Cesar Tahoe», perdido na Sierra Nevada, de pés num lago, se a história se lembrará dele, como se lembra de Tiberio em Capri. «É preciso tempo para julgar a América e os americanos», já dizia Mark Twain.

(1) «Pão e jogos.»

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

FAZ-SE SABER por este meio que nos autos de Acção Sumária (reivindicação) n.º 2415/82, pendentes na 1.ª Secção do 1.º Juízo desta Comarca de SINTRA, movidos por NARCISO LOPES, casado, residente na Av. Miguel Bombarda, 239-1.º — Pendão — Sintra, contra JOSÉ CAPIM e mulher ARLETE CAPIM, que tiveram morada conhecida na Av. Miguel Bombarda, n.º 239-1.º, em Pendão, área desta Comarca, actualmente em parte incerta, são citados estes réus, para contestarem, no prazo de DEZ DIAS, que começa a contar depois de finda a dilação de TRINTA DIAS e contada da 2.ª e última publicação deste anúncio, sob pena de virem a ser condenados no pedido formulado pelo autor nos

supra identificados autos e que consiste em reconhecer o mesmo autor como legítimo arrendatário do 1.º andar e quintal do prédio urbano sito na Av. Miguel Bombarda, 239 — Pendão — Sintra, tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial arquivada na Secção e Juízo acima referidos e que lhe será entregue quando solicitado.

Sintra, 10 de Dezembro de 1982

O Juiz de Direito

Adérito de Carvalho

O Escrivão-Adjunto

Afonso Joaquim Francisco



Caminhos de Ferro Portugueses

HORÁRIO PORTO - MADRID

Em virtude de obras de renovação da via, vai ser suprimido temporariamente, a partir de 15 de Dezembro de 1982, o enlace na estação de Entroncamento do comboio directo que parte do Porto (Campanhã) às 18.45 h., com o comboio «Lusitânia-Expresso».

Como alternativa os Senhores Passageiros procedentes do Porto, com seguimento no «Lusitânia-Expresso» deverão tomar o comboio regional que parte do Porto (São Bento) às 16.00 h.

A CP agradece a compreensão dos Senhores Passageiros para os eventuais incómodos daí resultantes.